REVISTA DA SEMANA

Nº 10 ★ 11-3-50 Cr$ 3,00 em todo o Brasil





NO TEXTO:

DEVAGAR E SEMPRE... "O PARTIDO DO JABOTI"

ESTÁ À VENDA!

O ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1950

MARAVILHOSO LIVRO DE 400 PÁGINAS QUE PERMITIRÁ AO LEITOR

ESCOLHER O ASSUNTO DA SUA PREFERÊNCIA

Os 120 anos da benemérita Academia Nacional de Medicina ★ A vida de Alexandre Dumas (Pai) ★ O casamento entre diferentes povos e países ★ As maravilhas da natureza ★ Existe no mundo uma fotografia do Cristo ★ O culto dos animais no Egito ★ Caçando demônios com armadilhas ★ As Sete Maravilhas do Mundo ★ Não há muita diferença entre um suicídio e um assassínio.

AMPLIAR OS SEUS CONHECIMENTOS GERAIS

O "Câmbio", sua história e sua técnica ★ Morreremos de sêde? ★ A vida das estrêlas ★ Será fácil para você verificar se tem boa ou má estrêla ★ O simbolismo chinês ★ Que está acontecendo com a duração da nossa vida? ★ Curiosidades da Festa do Natal ★ Prestes a se esclarecer o mistério da vida?

CONHECER COISAS ÚTEIS EM QUALQUER TEMPO

Que quer dizer "Hurrah"? ★ Qual o peixe mais rápido? ★ As assinaturas nas obras de arte. Como conhecê-las? ★ Como cresce o seu filho? ★ Que foi a Atlântida? ★ Socorros urgentes para cortes, fraturas, queimaduras, estados de choque, etc. ★ As palavras e os seus significados ★ Significados dos nomes próprios ★ Origem de frases célebres ★ Curiosidades matemáticas ★ Falsos sinônimos ★ Vocabulário científico.

TER À SUA DISPOSIÇÃO TÔDAS AS INFORMAÇÕES SÔBRE O ANO

O ANO SANTO — Calendário das Festas Móveis até 2008 ★ Festas religiosas fixas ★ Concordância das principais Eras ★ Começos das Estações ★ Festas nacionais do Brasil ★ Festas continentais ★ O quadro das festas móveis ★ O Ano Agrícola ★ O Ano Aeronáutico ★ O Ano Artístico ★ O Ano Esportivo ★ O Ano Horoscópico ★ O Ano Científico ★ Tábua Lunar ★ Calendário Perpétuo ★ Tabela do nascimento e ocaso do Sol.

Uma comédia para o Teatro do Amador:
"PRIMEIRO ANIVERSÁRIO"

Um romance completo:
"SE A MOCIDADE SOUBESSE..."

E MAIS:

Curiosidades para todos os gostos
Os Campeões de 1949
Artigos especiais
Como é fácil saber tudo
Centenários de 1949
Cidades centenárias do Brasil
Os mortos do ano
Contos e Narrativas históricas
Desafios para sua inteligência
Páginas para seu recreio
Páginas de Arte
Viajando pelo mundo
Testes para a sua memória
Páginas infantis
Os nomes do ano
Retratos — Tricromias.

Encontra-se à venda em tôdas as bancas de jornais de tôdas as cidades do Brasil

PREÇO PARA TODO O BRASIL: CR$ 15,00 — PEDIDOS À

Cia. EDITORA AMERICANA

Pelo Reembolso Postal ou mediante Vale do Correio

RUA MARANGUAPE, 15 ★ RIO

"Miss Ba"

A figura da grande poetisa inglêsa do século XIX, que se tornou famosa, tanto pelos seus versos geniais como pelo seu romance, também com um dos maiores poetas do seu tempo, é uma das figuras mais encantadoras da vida literária de tôdas as épocas. Seu gênio poético, sua reclusão, o amor outoniço por um homem seis anos mais moço do que ela, tudo contribui para formar uma legenda admirável em tôrno da grande inspirada da era "vitoriana".

Elizabeth Barrett Browning, a famosa Miss Barrett, ou apenas "Miss Ba", que Londres consagrou, nasceu a 6 de março de 1806, e foi a primogênita de onze irmãos que, todos, sofreram a tirania de um pai amoroso mas demasiado severo. Dela se pode dizer que foi a estrêla mais refulgente do diadema poético na era vitoriana, época essencialmente prosaica, em que sobretudo o romance esplende, trabalhado por Dickens, Thackeray, George Eliot, pelas irmãs Bronte. A Miss Barrett caberia elevar acima do nível comum a inspiração e o verso. Ela é bem a rainha dessa côrte em que brilham os nomes de Tennyson, Dante-Gabriel, Swinburne, Emily Bornte, Meredith, Hardy, Arnold e aquêle que, depois, lhe daria o segundo glorioso sobrenome: Robert Browning.

O dobar dos anos vai firmando o alto conceito que os "Sonetos traduzidos do português" e que a "Aurora Leigh", entre as obras admiráveis que nos legou, lhe conquistaram. Só os nomes dos romancistas de seu tempo são iguais ao seu. E, entre os nomes femininos em que as letras foram pródigas, sob o cetro da rainha Vitória, o seu é sem dúvida alguma o maior de todos, mesmo contando o de Emily Bronte, a romancista extraordinária do "Morro dos ventos uivantes" e poetisa inspirada; mesmo incluindo aquela encantadora Mary Ann, que assinou "Romola", "Silas Marner" e todos os seus lindos romances, com o pseudônimo de George Eliot.

A poesia de Miss Barrett não é feita apenas de doce, envolvente lirismo. Poetisa de uma precocidade extraordinária, ela conseguiu versejar antes dos dez anos. Recebendo do pai, aquêle terrível Edward Moulton, sombrio ex-senhor de escravos da Jamaica, uma educação primorosa, cedo pôde ela fazer uma admirável cultura clássica estreando nas letras com uma tradução do grego: "Prometeu encadeado". Foram os versos dessa obra que revelaram o seu nome a Londres, embora muito antes, criança ainda, ela já fôsse autora de várias tragédias, em inglês e francês, representadas pelos irmãozinhos na "Nursery", embora já aos treze anos houvesse escrito os versos épicos de "A Batalha de Maratona".

À época do "Prometeu", Miss Barrett já vivia em Londres, recolhida a um aposento da casa de Wimpole Street, a rua que sua história celebrizou. Sofrera um acidente aos quinze anos, caindo do "poney" que montava tôdas as manhãs. Desde então, vivia no seu largo divã cheio de livros, tendo aos pés o seu "Flush", o cãozinho que ela disse ser o seu melhor companheiro.

Falam os historiadores na enfermidade de "Miss Ba". Mas qual teria sido essa enfermidade, realmente? Lesão na medula, como querem os seus discretos biógrafos? Ou seria a poetisa uma vítima da tuberculose, moléstia sôbre que se fazia tanto mistério, no tempo, e sôbre a qual não seria estranhável o silêncio dos comentadores?

Manuel Bandeira, o grande poeta brasileiro, que é também crítico e historiógrafo, que traduziu primorosamente três dos célebres "Sonnets from the Portuguese", acredita que a autora de "Aurora Leigh" tenha sido tísica. Manuel Bandeira cita a biografia de "Miss Ba" feita por Dormer Creston, onde tudo faz crer que a grave crise da enfermidade de Miss Barrett tenha sido uma característica hemoptise. Mas, de qualquer forma, o certo é que Elizabeth se tornou quase uma inválida, no seu divã, com seu "Flush" e com os seus livros. E para quem se sentia votada à ação e ao movimento, não podia haver nada mais melancólico do que assistir assim, na solidão, a vida passar lá fora... E não seria menor infortúnio sofrer o amor despótico dêsse pai devotado e duro, êsse Edward Moulton, que trocara de nome por ocasião do nascimento da filha, que passara a chamar-se Edward Barrett, quem sabe para esconder dramas vividos na selva da Jamaica.

Na sua vida que assim fanava, num aposento triste de uma casa triste, numa triste rua de Londres, Robert Browning foi, com o amor, o sol, a alegria, a felicidade. E foi depois do seu romance de amor que "Miss Ba" escreveu seus poemas imortais.

EDMUNDO LYS

A DANÇA DO COICE

HOLLYWOOD, março (Via aérea, por Jenny Mason) — E' costume dizer que em Hollywood quem menos anda, voa. E voa muito alto, não estivéssemos lidando com astros e estrêlas! Mas contece coisa diferente com Donald O'Connor e Patricia Medina, porque êles preferem pular em vez de promover vôos. Agora mesmo, no filme que acabaram de posar na Universal, "Francis", o jovem par de artistas mostrou suas habilidades coreográficas na execução da "Dança do coice" (A dance with a kick in it), da qual damos com esta correspondência, uma série de proveitosas ilustrações. De longa data Hollywood se especializou no lançamento de novas modalidades de baile e os fans mais antigos devem recordar, por exemplo, o Charleston, a Carioca e tantas outras variações de passos acrobáticos. Essencial é criar uma extravagância bastante forte, dessas que exigem, para fiel execução, músculos e agilidade de gente moça. Cavalheiros e damas, além dos quarenta, dificilmente poderão treinar a Dansa do Coice e talvez nem por isso venham a sentir-se diminuidos. Outrora, o coice era privilégio dos quadrupedes; mas o "coice da mula" vem a ser, rigorosamente, a dança nova que O'Connor e Patricia Medina lançam ao mundo, no filme em apreço. Tudo quanto os muares executam por instinto, sem professor de baile, e apenas para se defenderem, êsses dois joviais comediantes repetem na esperança de, muito breve, milhões de bailarinos andarem pelos salões mais elegantes dos quatro cantos do planeta, repetindo êsses coices estilizados. Vai ser podre de chic escoicearem as damas e os cavalheiros, enquanto os quadrúpedes, se porventura tomarem conhecimento dêsse plágio de suas habilidades hereditárias, hão de julgar-se, e com muita razão, extremamente felizes. Quando os homens e as mulheres dão para copiar os irracionais é porque as coisas, na espécie humana, andam de mal a pior... Ou talvez não, senhores. Talvez Hollywood se encontre apenas disposta a reabilitar os quadrúpedes, ensinando os sêres humanos a lhes copiarem a docilidade de trato e a linha de conduta irrepreensivel...

Quando apareceu o Charleston, faz um quarto de século, não faltou quem se escandalizasse com seus passos extravagantes, vaticinando um pavoroso desastre a essa inovação coreográfica. Depois houve o sucesso mundial que marcou época e de que devem estar ainda lembrados os seus contemporâneos. Certamente outro tanto acontecerá com a Dança do Coice, simbolo de uma época, da época em que os homens não têm mãos a medir e metem as ditas pelos pés, quando se trata de levar a melhor sôbre o seu semelhante.

Desde que o coice passou a ser uma instituição universal, só restava mesmo oficializá-lo, dar-lhe um colorido de elegância mundana e trazê-lo para o cinema. Veremos ilustres varões do século e respeitáveis matronas escoiceando, depois que O'Connor e Miss Medina tiverem aparecido no cinema bailando dêste jeito?

Ao futuro cabe a resposta.

PASSO NÚMERO UM: — O cavalheiro enlaça delicadamente a dama pela cintura e sái de mansinho, assim como quem não dá muita confiança...



PASSO NÚMERO DOIS: — Um ligeiro bamboleio de quadris, um "sorriso-clichê" e lá vai o primeiró coice, batido de leve com os calcanhares...



PASSO NÚMERO TRÊS — Rosto no rosto, mãos nas mãos, fisionomia de sonhador impenitente — um pé no chão, outro em arabescos no ar...



PASSO NÚMERO QUATRO — Não é um passo, é um salto. Upa! Agilidade, pensamentos altos, músculos relaxados . . . Um amor de pulo!



PASSO NÚMERO CINCO — Ooooh, ooooh! — Quem disse que os jovens não sabem imitar orelha de burro? Mal comparando, é claro . . .



PASSO FINAL — Oba! Eles parecem dispostos a voar mesmo sem asas. E aos saltos, como dois anjos, desaparecem no firmamento azul . . .

REVISTA DA SEMANA

ANO XLIX ★ Nº 10 ★ 11-3-50

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .. Cr$ 140,00
Seis meses .... Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ... Cr$ 170,00
Seis meses .... Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 270,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

O número avulsto custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, sala 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

a Semana EM REVISTA

O DESFILE DOS PRÉSTITOS

Está renascendo no Rio o Carnaval de rua. Embora não se vejam fantasias em profusão e de bons preços, e sim grande maioria de "sujos", não se pode negar que a festa máxima dos brasileiros está voltando à rua neste Rio de Janeiro. Entretanto, um dos grandes atrativos do nosso Carnaval continua a ser o desfile das chamadas grandes sociedades com seus préstitos de carros alegóricos, de crítica e fantasias.



Mas, se nos permitem uma sugestão os seus organizadores, apontaríamos um dos principais defeitos dêsses desfiles na têrça-feira, último dia do tríduo folgazão. O caso se prende à ordem dos desfiles. Se as Sociedades pudessem entrar na avenida Rio Branco às vinte horas, cada qual com seus carros em ordem de marcha, sem grandes e irritantes intervalos, essa exibição fecharia sempre com chave de ouro nosso Carnaval de rua. Mas que se vê? Surge um préstito. A multidão avança. A cavalaria a afasta entre atropelos, gritos, desmaios, pisadelas, crianças perdidas, um inferno. Começam a desfilar os carros. Como são puxados a animais, vão deixando na pista odores insuportáveis.

O relógio marca dez e meia ou onze horas. Pelos cálculos, o último préstito a desfilar o poderá fazê-lo às duas da madrugada... O povo que já está cansado de esperar em pé, ao longo da avenida Rio Branco, por tôda a extensão da praça Paris, circundando o obelisco, se desilude, desanima e vai embora procurando seus bondes e ônibus antes que seja tarde. E os que ficam se decepcionam. Os carros já passam sem luz, com seus mecanismos semi-arrebentados, ornamentação enguiçada, decorações deterioradas...

RECORDE DE AVIAÇÃO

O Brasil tem fome de asas. Asas e mais asas, eis o grito angustioso dêste imenso país. Aqui nasceu Santos Dumont, o descobridor da navegação aérea com o mais pesado do que o ar. Aqui teve seu berço natal o célebre padre Alexandre de Gusmão, inventor do aeróstato de ar quente, e ainda foi o Brasil a pátria de Augusto Severo o imortal rio-grandense do norte que legou à humanidade o invento de naves voadoras precursoras dos famosos "zeppelins". Não há país no mundo que encerre tanta epopéia em matéria de aviação, como êste; também não há nação alguma sôbre a terra que tanto precise de indústria de aviação como a brasileira.



Nosso território que só recebeu lustres de civilização à margem do litoral atlântico, continuando o interior na mais crassa indigência, sem grandes centros de progresso, sem assistência ao trabalhador, sem escolas, sem indústria, sem comunicações, tem fome de aviação comercial. O trem, o vapor, a navegação fluvial já são coisas do passado. Servem como coadjuvantes; a solução para as grandes distâncias entre os brasileiros do norte, centro e sul está no aeroplano.

Uma viagem, por mar, de Manaus ao Rio leva um mês... Do Recife a Pôrto Alegre, em nossos navios, gastamos de onze a doze dias. De avião, levamos horas apenas. O povo brasileiro sabe corresponder aos esforços de nossas emprêsas de aviação. Vejam o que ocorreu agora no Carnaval com o aeroporto de Congonhas, em S. Paulo. Bateu o "record", com um movimento de 244 aviões a descer e a subir, num só dia. Asas! Asas! Devemos voar, levar o progresso ao interior.

"E' GOZADO, ISSO!"

Por causa dessa frase, aparentemente inofensiva foram suspensos por dez dias dezoito chefes de guarnição de carros da Rádio-Patrulha, do dia 14 ao 23 de fevereiro.



O caso que poderia ficar apenas "intra muros", no seio daquela corporação policial, veio a público em virtude de um suelto do "Diário da Noite" e já constituiu motivo de conversa em cafés, bilhares, etc.

Mas qual o motivo por que foram punidos tantos chefes de patrulhamento? Dizem que o "é gozado isso!" partiu de alguém que comandava uma guarnição dos carros da R.P. como se não estivesse concordando com certa ordem emanada da alta chefia da Rádio Patrulha.

Recebendo a determinação superior, um dos carros irradiou, inadvertidamente, com certeza, esta expressão: "E' gozado isso!". A frase chegou ao conhecimento do quartel, mas não se pôde descobrir de quem partira.

Nesse caso o comandante da corporação publicou uma portaria punindo todos os dezoito chefes de guarnição em serviço àquela hora, uma vez que não houve jeito de obter-se uma delaçãozinha que apontasse o culpado...

A classe, pelo que se vê, é unida e não admite Silvérios dos Reis. Além do mais a infração era de somenos, não valendo a pena tanto barulho, tanta agitação.

O interessante é que, abrangendo a pena de suspensão um período que alcança e ultrapassa os três dias de Carnaval, ficou a população carioca sem os serviços dêsses mantenedores da ordem, entregues também à farra de Momo...

Não há dúvida: "E' gozado isso!"...

ASPECTOS DO CARNAVAL

Êste ano houve umas tantas providências da Higiene Pública merecedoras de todos os aplausos do povo que desceu para o centro a fim de apreciar os festejos de Momo ou nêles tomar parte esquecendo as amarguras da vida.



O policiamento esteve irrepreensível. Alguns tumultos e atritos, muito naturais em festas de tamanha extensão e intensidade, não podem comprometer o serviço da polícia em todos os seus ramos de repressão e advertência contra os insensatos. Mas, nota digna de louvores foi a que nos deu a Higiene. Não mais se permitiram vendedores de gelados ambulantes, os quais, em vasilhame descoberto, recebendo a poeira das ruas, servindo ao povo em copos permanentes sem nenhum processo de esterilização prévia, nada mais eram do que agentes de contágios, disseminadores de moléstias perigosas entre a população.

Além do mais, uma laranjada, ponche de abacaxi, de caju, de limão, etc., nada mais continha do que água com um pouco de açúcar. Laranja, limão, caju, abacaxi, passavam em Niterói...

Já o ano passado houve providência idêntica; êste ano, porém, as exigências da Higiene Pública foram mais severas. Nas barracas só se serviam refrescos em garrafas ou copos fechados e individuais. Doces, sòmente os que estivessem devidamente protegidos por envoltórios [illegible] [illegible]ecendo uma barreira entre o produto e a contaminação externa.

Uma particularidade, porém, nos chamou a atenção. Foi o preço dos conhec.dos copinhos de [illegible] (Cooperativa Central dos Produtores de Leite), que eram vendidos a Cr$ 0,50, passaram depois a Cr$ 0,70 e no Carnaval aumentados "ad-hoc" para Cr$ 1,00...

A PERSONAGEM DA SEMANA



Clement Attlee, primeiro ministro britânico, vitorioso nas últimas eleições inglêsas realizadas em fevereiro p.f.

O mundo inteiro esteve, durante os últimos dias da semana que findou, com sua atenção voltada para as eleições da Câmara dos Comuns da Inglaterra, prélio de vastas proporções internas e grande repercussão exterior. Encerrado o prazo de vigência do Parlamento inglês e vencido o período de cinco anos da gestão Clement Attlee no pôsto de primeiro ministro, que, desde 26 de julho de 1945, substituiu Winston Churchill na chefia do Govêrno Britânico, procederam-se as novas eleições para a formação do novo Legislativo e consequente escolha do primeiro ministro. Como sabemos, a Inglaterra tem um eleitorado de mais de 30 milhões de votantes e os seus dois partidos políticos de maior envergadura são o Conservador e o Trabalhista. O primeiro obedece à orientação de Churchill, e o segundo à de Clement Attlee. A carreira dêste último é uma sequência de lutas partidárias incessantes. Nascido a 3-1-1883, dedicou-se aos problemas do trabalhismo inglês desde 1905. Serviu na primeira guerra mundial no Corpo de Tanques do Exército Britânico, dando baixa no final da luta no pôsto de major. Membro do Parlamento desde 1922, tornou-se vibrante oposicionista no período de 1922 a 1924, tendo ocupado o cargo de sub-secretário da Guerra nesse último ano. De 1931 a 1935 foi líder da bancada trabalhista nos Comuns, passando a dirigir o Partido desde 1935. No período de 1935 a 1940 chefiou a oposição; mas no próprio Gabinete Churchill foi parte como Lord do Sêlo Privado e, em seguida, secretário dos Domínios e Lord Presidente do Conselho. A 26 de julho de 1945 subiu ao pôsto de primeiro ministro em substituição a Churchill. Representou sua pátria como membro da delegação britânica à Conferência Internacional das Nações Unidas em S. Francisco, de abril a junho de 1945, e, em julho do mesmo ano, conferenciou com Truman, Marshall e Stalin em Potsdam. O duelo eleitoral entre Churchill e Attlee através dos dois grandes partidos, o Conservador e o Trabalhista, travou-se agora, mais uma vez, trazendo como resultado a vitória de Clement Attlee, mas por pequena margem: 315 cadeiras contra 294. Os Liberais fizeram 8 deputados, e outros partidos menores 3. Os comunistas não conseguiram eleger um só dos seus acndidatos. As urnas apresentaram o seguinte resultado: Trabalhistas, 13.157.708 votos; Conservadores, 12.437.194; Liberais, 2.584.774; Comunistas, 89.644; outros partidos, 257.827 — resultado geral até a madrugada de sábado, 25 de fevereiro, tido como definitivo.. Embora derrotado, Churchill não se considera vencido, em face da pequena margem dos Trabalhistas, o que significa impossibilidade de governar a política inglêsa com a necessária segurança que exige o sentido socialista do seu programa. Seja como fôr, porém, saiu vitorioso dessa difícil prova o Partido do primeiro ministro Clement Attlee, que foi novamente eleito para os Comuns e continuará como "premier" britânico por mais cinco anos, eleito pelo rei.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 QUAL O PERÍODO DE INCUBAÇÃO DOS OVOS DE GALINHA:
— Duas semanas?
— Um mês?
— Vinte e um dias?

2 QUANTOS SÃO OS PRINCIPAIS SISTEMAS ASTRONÔMICOS JÁ IMAGINADOS PARA EXPLICAR O MECANISMO ASTRAL DO UNIVERSO:
— Dois?
— Cinco?
— Três?

3 QUANTOS QUILÔMETROS MEDE A CIRCUNFERÊNCIA DA TERRA:
— 40 mil?
— 62 mil?
— 50 mil?

4 QUE NOME TEM A LINHA IMAGINÁRIA QUE DIVIDE A TERRA EM DOIS HEMISFÉRIOS:
— Eclíptica?
— Equador?
— Meridiano de Greenwich?

5 PARA ONDE SE DIRIGIA PEDRO ÁLVARES CABRAL COM SUA FROTA QUANDO DESCOBRIU O BRASIL:
— Para a Índia?
— Para a África?
— Para a Oceania?

6 QUAL O MOTIVO POR QUE D. JOÃO III TOMOU INTERÊSSE PELO BRASIL:
— Pela exploração do ouro?
— Porque perdesse a Índia?
— Por causa do contrabando de pau brasil?

7 EM QUE DATA FOI DESCOBERTA A BAÍA DE GUANABARA PELA FROTA DE MARTIM AFONSO DE SOUSA:
— 20 de Janeiro de 1630?
— 1º de Janeiro de 1532?
— 8 de Março de 1580?

8 QUE NOME TINHA O PRIMEIRO BISPO DO BRASIL:
— D. Pero de Góis?
— Frei Henrique de Coimbra?
— D. Pedro Fernandes Sardinha?

9 SOB QUE GOVÊRNO SE DEU A INVASÃO DO RIO PELOS CALVINISTAS CHEFIADOS POR VILLEGAIGNON:
— Martim Afonso?
— Tomé de Sousa?
— Duarte da Costa?

10 QUEM DEU AO RIO DE JANEIRO O NOME DE S. SEBASTIÃO:
— O padre José de Anchieta?
— Estácio de Sá?
— Mem de Sá?

11 QUAL FOI O GOVERNADOR GERAL DO BRASIL QUE NÃO CHEGOU A TOMAR POSSE DO CARGO, MORRENDO EM VIAGEM EM BATALHA TRAVADA ENTRE NAUS PORTUGUÊSAS E CORSÁRIOS FRANCESES:
— Antônio de Salema?
— Luís de Vasconcelos?
— Luís de Brito e Almeida?

12 QUE ACONTECIMENTO FUNESTO PARA OS PORTUGUÊSES LEMBRA A BATALHA DE ALCACER-QUIBIR:
— A morte de D. Sebastião?
— A tomada do Pôrto?
— O terremoto de Lisboa?

13 QUAL O SEGRÊDO QUE O FAMOSO BAIANO ROBERTO DIAS NÃO REVELOU, NEM MESMO AO REI FELIPE III, LEVANDO-O PARA O TÚMULO:
— A morte de Du-Clerc?
— A região das Esmeraldas?
— O local das minas de prata?

14 DURANTE A COLONIZAÇÃO DO BRASIL QUAIS OS ÍNDIOS MAIS FEROZES E INIMIGOS DOS PORTUGUÊSES:
— A nação Aimoré?
— A Tabajara?
— A Tupiniquim?

15 A QUEM SE DEVE O SISTEMA DA PAVIMENTAÇÃO DAS RUAS COM ASFALTO:
— A norte-americanos?
— Ao suíço Merian?
— Aos dinamarqueses?

16 QUAL ENTRE ESTAS CRUZES TEM TODOS OS BRAÇOS IGUAIS EM TAMANHO:
— A latina?
— A judáica?
— A grega?

17 QUE QUER DIZER A PALAVRA *ANAGLIPTOGRAFIA*:
— Escrever às avessas?
— A escrita para cegos ou sistema Braille?
— Tratado de caracteres egípcios?

18 COMO ERA O NOME TODO DO GRANDE POETA FAGUNDES VARELA:
— Luís Nicolau Fagundes Varela?
— Nicolau Lins Fagundes Varela
— Luís Augusto Nicolau Fagundes Varela?

19 QUANTOS METROS QUADRADOS TEM UM HECTARE:
— Cem mil?
— Cinqüenta mil?
— Dez mil?

20 DE QUE PAIS E' FILHA INGRID BERGMAN:
— Da Holanda?
— Da Suécia?
— Da Alemanha?

(*Respostas na página* 58)

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use **Ventre-Livre,** remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA

VINOVITA

RENOVADOR DAS FORÇAS

Tonico poderoso

Publicidade para a

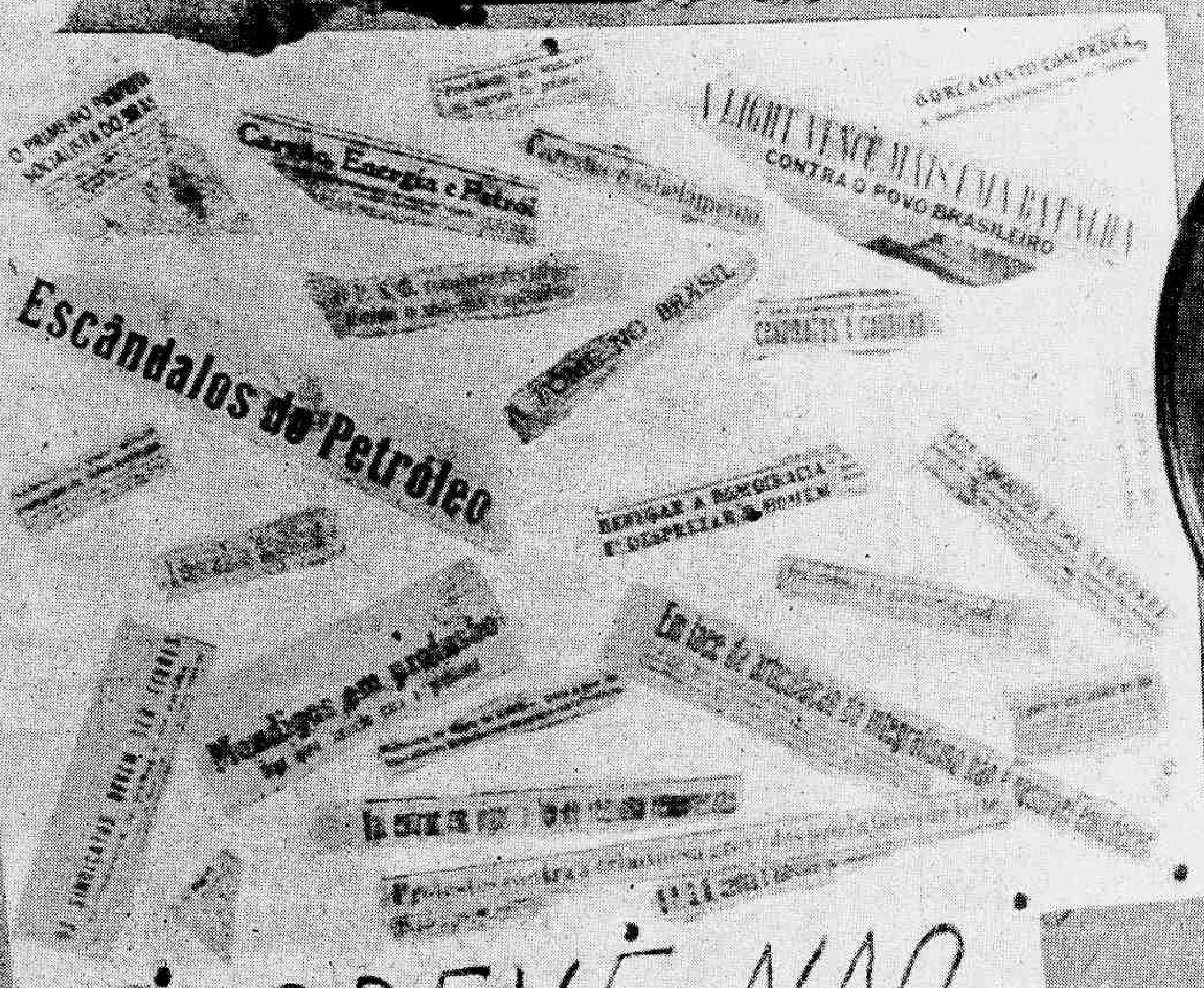
REVISTA DA SEMANA

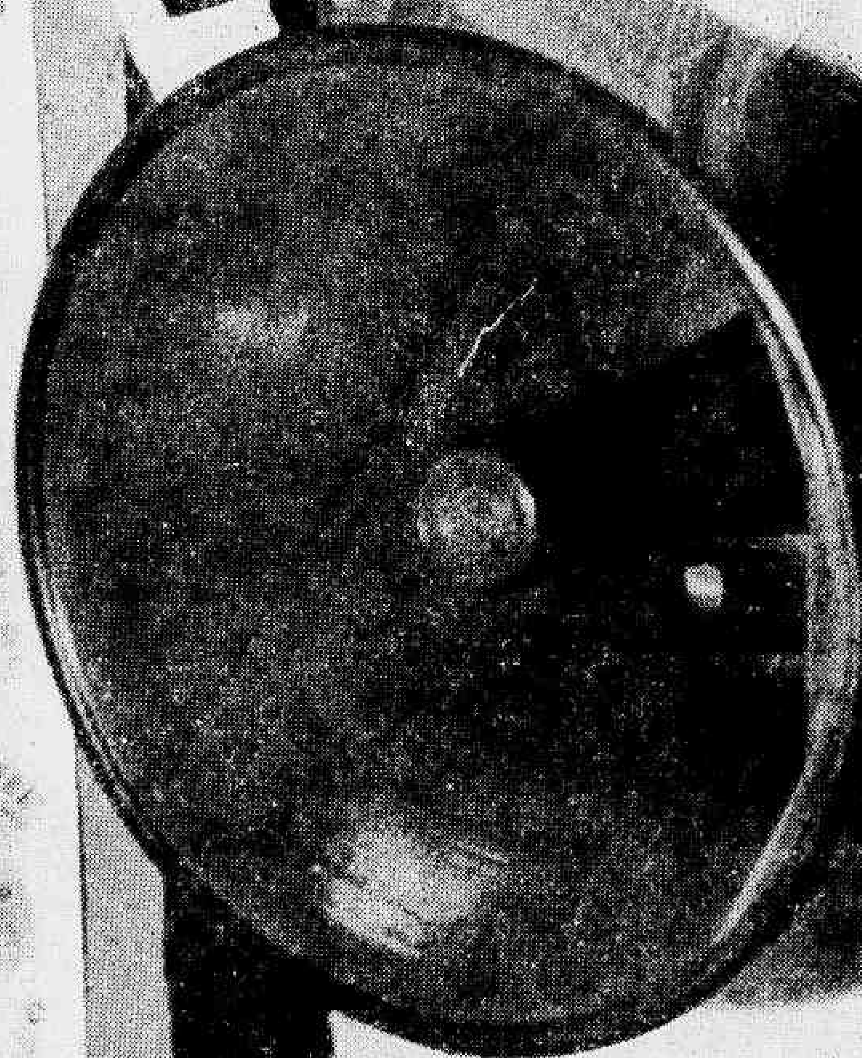
em São Paulo

Tratar com JARBAS DE FREITAS GALVÃO

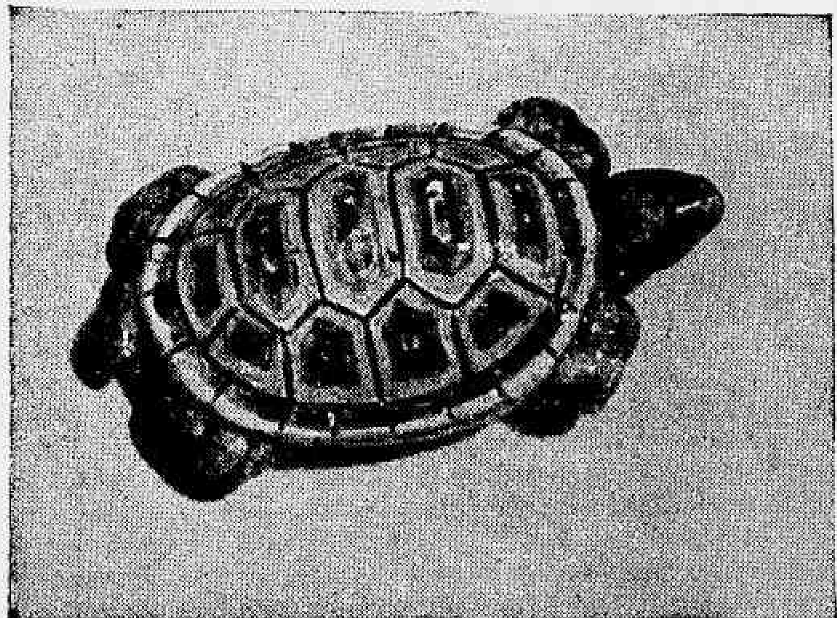
R. Brigadeiro Tobias, 613, 2.º and. - Sala 217 - Fone: 6-6718

OS SOCIALISTAS LUTAM PELO RECONHECIMENTO DOS DIREITOS DO OPERARIADO. AQUI VEMOS DOIS SOCIALISTAS, ANTES DE UMA DEMONSTRAÇÃO PÚBLICA, PREPARANDO CARTAZES QUE FALAM POR SI





O "PARTIDO DO JABOTI"



O jaboti, símbolo do PSB, traduz sua legenda: "Devagar e sempre". Nasceu de uma caricatura saída na imprensa

O Partido Socialista Brasileiro adotou como símbolo o bicho usado na charge de um conhecido caricaturista, antes que seus inimigos dele se valessem para desmoralizá-lo ★ Socialização sem revolução, o objetivo e ponto forte da propaganda socialista ★ O dinheiro do partido e a sua sede mais ou menos própria ★ Mas existe cisão nas fileiras... ★ Meio milhão de votos nas próximas eleições, é a palavra de ordem

Texto de CARLOS DUARTE

DEPOIS do tatu e do papagaio, parece que o jaboti vai ser credenciado na política nacional. Vem de surgir como símbolo do Partido Socialista Brasileiro. O caricaturista Darcy, tendo feito uma "charge" sôbre política nacional, na qual os partidos aparecem representados cada qual por um bicho diferente, caracterizou o Partido Socialista por um jaboti. Antes que seus adversários procurassem explorar pejorativamente a idéia do caricaturista, o partido resolveu adotar o bicho como seu emblema interno, porque se o jaboti simboliza a lentidão, também representa a firmeza, a sensatez, e a inteligência para vencer os competidores



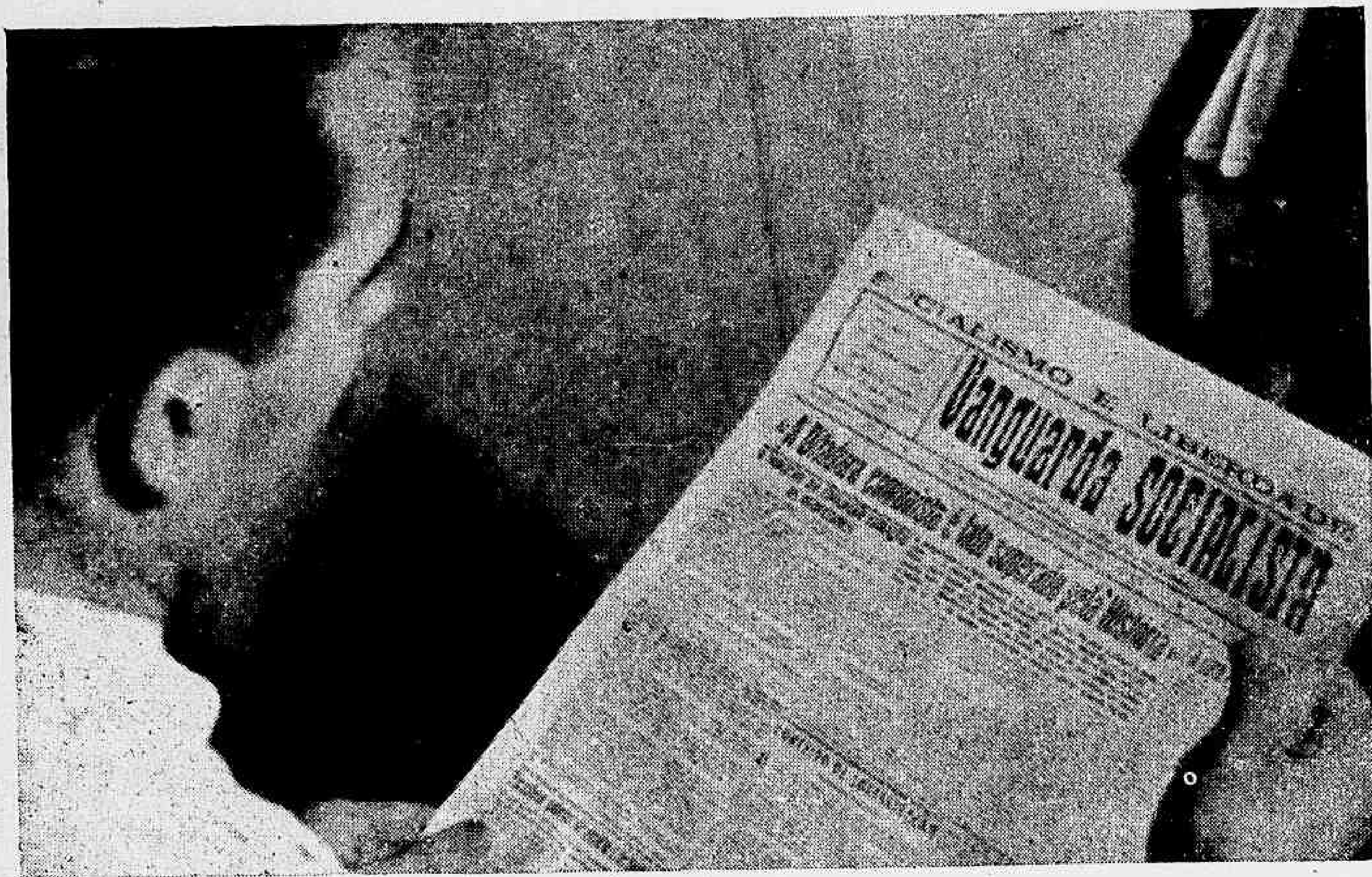
A sede do PSB está muito bem localizada: Av. Rio Branco, 2.º andar de grande arranha-céu em frente à Galeria Cruzeiro. Instalada com sobriedade e confôrto, dando excelente impressão. E sua história é um episódio curioso



Os quadros socialistas dão sua colaboração à direção do PSB, levando para a rua os "slogans" partidários. Vemos aqui Hugo Dourado e Bayard Boiteux, instruindo militantes



DIRIGENTES — O Partido Socialista Brasileiro é dirigido dor elementos de valor intelectual e político. Aqui vemos alguns deles: Dep. João Mangabeira (sentado), Bayard Boiteux, Hugo Dourado, prof. Castro Rebelo e Osório Borba



JORNAL DO PARTIDO — "Vanguarda Socialista", semanário, é o jornal dos socialistas no Rio. Como "fala mal" dos comunistas! Êstes, por sua vez, consideram-no "novos quadros da reação" pois se afastam dos princípios marxistas



AULA — Mantém o partido cursos destinados a seus filiados ou não, e, segundo fomos informados, em tais cursos, não se toca em política. Na verdade, a cultura do espírito é indispensável a quem se habitua a decidir nas urnas

mais ligeiros. Assim, êle aparece nas fábulas. E o Partido Socialista, sem dinheiro nem apoio do poder, vai crescendo, lenta mas firmemente. Outros, de crescimento mais rápido vão ficando pelo caminho, porque não correspondem a uma corrente de idéias, a um movimento universal, a coisa alguma: vivem de golpes eleitorais, do prestígio dos que lhe dão a mão no poder. Devagar e sempre, tal como o jaboti, eis o lema adotado pelo Partido Socialista.

E' hábito em vários países os partidos se caricaturarem na forma de bichos simbólicos. Nos Estados Unidos, o Partido Republicano se representa por um elefante, e o Partido Democrático, por um burrico.

★

Com o renascimento da democracia brasileira, em 1945, ainda sob o govêrno do sr. Getúlio Vargas, o bloco da esquerda organizou-se em dois partidos: o Comunista, francamente revolucionário, e a Esquerda Democrática, que pelo manifesto de fundação, datado de 25 de agosto daquele ano, surgia para "pleitear uma ordem social melhor e transformações que reduzam as desigualdades artificiais de homem a homem, criadas pelos privilégios da riqueza", transformações que "devem operar-se democràticamente, pela vontade da maioria popular, expressa em urnas livres". Dizia ainda o manifesto, a par das reivindicações mínimas que fazia, em tudo semelhantes às dos demais partidos que então se fundaram, que a Esquerda Democrática não tinha concepção filosófica da vida nem credo religioso, reconhecendo a cada um o direito de seguir a sua própria consciencia — e com tôda certeza assim falava para que o eleitorado a distinguisse nitidamente do Partido Comunista e sua filosofia revolucionária.

Como os seus fundadores fôssem, na maioria, intelectuais e pessoas de profissões liberais, a Esquerda Democrática passou a ser conhecida como "partido dos intelectuais", de que se prevaleciam os seus adversários para afirmar que ela não passava de um conglomerado de "teóricos"... Entre os signatários da sua ata de fundação, estão os srs. João Mangabeira, Osório Borba, Domingos Velasco, Edgard de Castro Rebelo, Hermes Lima, Homero Pires, comandante Hercolino Cascardo, Alceu Marinho Rêgo, Rubem Braga, Joel Silveira, Emil Farah, Raimundo Magalhães Jr., Dante Costa, Heriberto de Miranda Jordão, Sérgio Buarque de Holanda, general Felipe Moreira Lima, José Lins do Rêgo, Jurandir Pires Ferreira, o banqueiro Eliezer Magalhães e seu irmão, o coronel Juracy Magalhães. Êstes três últimos, depois passaram para a UDN, sendo que os srs. Juraci Magalhães e Jurandir Pires Ferreira foram eleitos deputados pelo partido do Brigadeiro.

A Esquerda Democrática encontrou logo um grande número de adeptos nas principais capitais do país, principalmente em S. Paulo. Em Recife, entre outros, a ela aderiu o sr. Gilberto Freire. Êste, quando foi eleito deputado, era presidente da seção pernambucana da E. D., bandeando-se para a UDN depois de eleito. Entre as figuras de projeção que foram aderindo à Esquerda Democrática contam-se escritores, poetas e jornalistas como os srs. Manuel Bandeira, Gastão Cruls, Sérgio Milliet, o escultor Modestino Kanto, Otávio Tarquínio de Sousa, Guilherme Figueiredo, Delgado de Carvalho, Clóvis Ramalhete, Edmar Morel, David Nasser, e o conhecido educador baiano Anísio Teixeira, atual secretário de Educação do govêrno do seu Estado. Como se vê, o partido era mesmo um refúgio de grande número de intelectuais, nisso concorrendo grandemente com o PCB, para o qual se passaram uma grande parte dos demais, como Aníbal Machado, Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, Jorge Amado, o arquiteto Oscar Niemeyer, o pintor Cândido Portinari, etc.

Por ocasião da segunda convenção nacional que realizou nesta capital, a Esquerda Democrática transformou-se no Partido Socialista Brasileiro. Muitos confundem os objetivos do PSB com os do PTB. Perguntamos, por isso, à direção do partido, qual a diferença entre os dois, ao que nos responderam: "O Partido Trabalhista Brasileiro não tem por fim a socialização dos meios da produção; seu programa visa conservar o que uma parte dos trabalhadores no Brasil consideram conquista feita através da legislação protetora do trabalho, notadamente das leis emanadas da Ditadura. Para o Partido Socialista Brasileiro a manutenção de tôdas as leis de proteção ao trabalho é indispensável, mas como o problema social não se resolve completamente por meio dessas leis, tem como objetivo principal não só conservá-las no quadro capitalista como, sobretudo, substituir êsse quadro por um regime socialista".

O Partido Socialista, com o seu nome originário, acompanhou a UDN formando na candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes em 1945. Fraco ainda, não se pode dizer que êle tenha levado para o candidato vencido em 1945 um grande contingente eleitoral. Conseguiu o PSB, no entanto, eleger três deputados federais, os srs. Hermes Lima, pelo Rio, João Mangabeira, pela Bahia, e Domingos Velasco, por Goiás, sendo que todos os três têm destacada atuação na Câmara Federal. Elegeu um vereador no Rio, o jornalista Osório Borba, grande lutador democrático, um dos melhores elementos que formam no partido. Fêz quatro deputados estaduais por Goiás — srs. Plínio Gonzaga Jaime, Joaquim Gilberto, Ari Frausino Pereira e Joviano Ribeiro; um em Sergipe — sr. Orlando Dantas; outro em Alagoas — sr. Aurélio Viana. Em S. Paulo o partido fêz 16 vereadores, sendo dois na capital, um dos quais foi expulso após ter tomado posse, por insurgir-se contra uma deliberação do

partido. Tem ainda o Partido Socialista três vereadores em Aracaju, um em Petrópolis e outros em municípios do interior de Minas, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Rio Grande do Norte.

Nas próximas eleições, o partido espera aumentar de muito a sua representação em todos os organismos legislativos do país, seja na Câmara Federal ou nas Assembléias estaduais ou municipais. Na capital paulista, conta como certa a eleição do vereador Cid Franco, que será candidato a deputado federal. O maior baluarte socialista é S. Paulo; depois, o Rio, numèricamente. Proporcionalmente porém, talvez seja Campos, no Estado do Rio, onde o candidato do partido ao cargo de prefeito o jornalista e líder bancário João Rodrigues de Oliveira, sem apoio de nenhum outro partido, obteve 6.700 votos, enquanto os outros dois concorrentes ao cargo — um, pelo PSD e Partido Comunista, obteve 11.000 e o outro, da UDN-PTB, 10.000. O partido concorrerá no pleito de outubro dêste ano em 17 Estados e espera triplicar a sua fôrça eleitoral em S. Paulo, Rio, Estado do Rio, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco.

★

Os representantes do Partido Socialista agem de acôrdo com as decisões tomadas pelos órgãos superiores do partido, seja na Câmara Federal ou nos organismos estaduais onde tenham um ou mais representantes. Tôdas as principais iniciativas e os votos da bancada nos casos importantes são prèviamente estudados pela direção nacional, estadual, ou municipal do partido, conforme o caso. Decidem-se os casos pelo critério de maioria de votos. A organização do partido, nesse sentido, aliás, é rigorosa, haja vista o caso do vereador paulista que por ter se recusado a votar contra o aumento dos próprios subsídios foi expulso de suas fileiras.

Na Câmara Federal, a bancada socialista tem se batido com vigor pela exploração estatal do nosso petróleo e está empenhada em livrar os sindicatos da intervenção ministerial. Nesse sentido, conseguiu a aprovação de uma lei sindical, que ora está no Senado, e apresentou projetos de lei regulando o direito de reunião, o direito de propaganda, abolindo a Comissão Técnica de Orientação Sindical, de anistia aos grevistas presos e uma lei de emergência para as eleições sindicais, além de outras iniciativas de interêsse dos trabalhadores das cidades e dos campos. Os comunistas têm feito oposição a certos dispositivos do projeto de lei sindical da bancada socialista, por considerarem que deixam margem a que o govêrno mantenha ainda o seu dedo na vida das entidades de classe; e isso é verdade, pois, caso contrário, a grande maioria do govêrno na Câmara boicotaria a iniciativa, com medo de que os comunistas se apossem, democràticamente, de quase tôdas as entidades de classe dos trabalhadores.

Os atuais dirigentes do Partido Socialista são os srs. João Mangabeira, presidente; Domingos Velasco, secretário geral; Bayard Boiteux, secretário; João Pedreira Filho, tesoureiro; Orlandina Mitke, secretário de finanças; Hugo Dourado, secretário de arregimentação; Dante Costa, secretário de propaganda e mais os srs Hermes Lima, secretário de propaganda e mais os srs. Edgard de Castro Rebelo, Osório Borba, Emil Farah, Walter Peixoto e Mário Pedrosa — que compõem a Comissão Nacional do partido, eleita na sua última convenção nacional. São suplentes dessa Comissão os srs. Carlos Pontes, Francisco Potiguar Dymacau, Agostinho Rito e as srtas. Nely Ribeiro e Consuelo Távora Filha. São também membros natos da mesma os presidentes das seções estaduais do partido, dentre êles o prof. Alípio Correia Neto, da Universidade de S. Paulo, responsável pelo recente movimento grevista dos médicos de S. Paulo contra o govêrno do Estado; Domingos Velasco, presidente da seção de Goiás; Cleo Bernardo, jornalista, presidente da seção do Pará; Artur Lontra Costa, antigo deputado federal, candidato vencido na eleição para o govêrno do Estado do Rio; e outras figuras de destaque na medicina, na imprensa e lides operárias de 17 unidades da Federação.

A Comissão do D.F. é presidida pelo prof. Edgar de Castro Rebelo; secretário-geral — Osório Borba; secretário — Antero de Almeida; Inaldo Pessoa de Mendonça, tesoureiro; Hilcar Leite, secretário de finanças; José Aires Filho, secretário de arregimentação; Zoroastro Ramos, secretário de propaganda; Marcelo Figueiredo Lima, secretário de educação e propaganda; Leopoldo Miranda Lima, secretário de assuntos sindicais, e mais os srs. Hermes Lima, Nestor Peixoto de Oliveira, Orlandina Mitke, Jacira de Sousa Góis, Natalino Pereira de Sousa, Graci Evangelista, Alberto Pôrto da Silveira, Lourdes Araújo, Vitor Castel Ruiz de Azevedo, Hugo Dourado, Bayard Boiteux e Paulo Hope.

★

E o dinheiro?

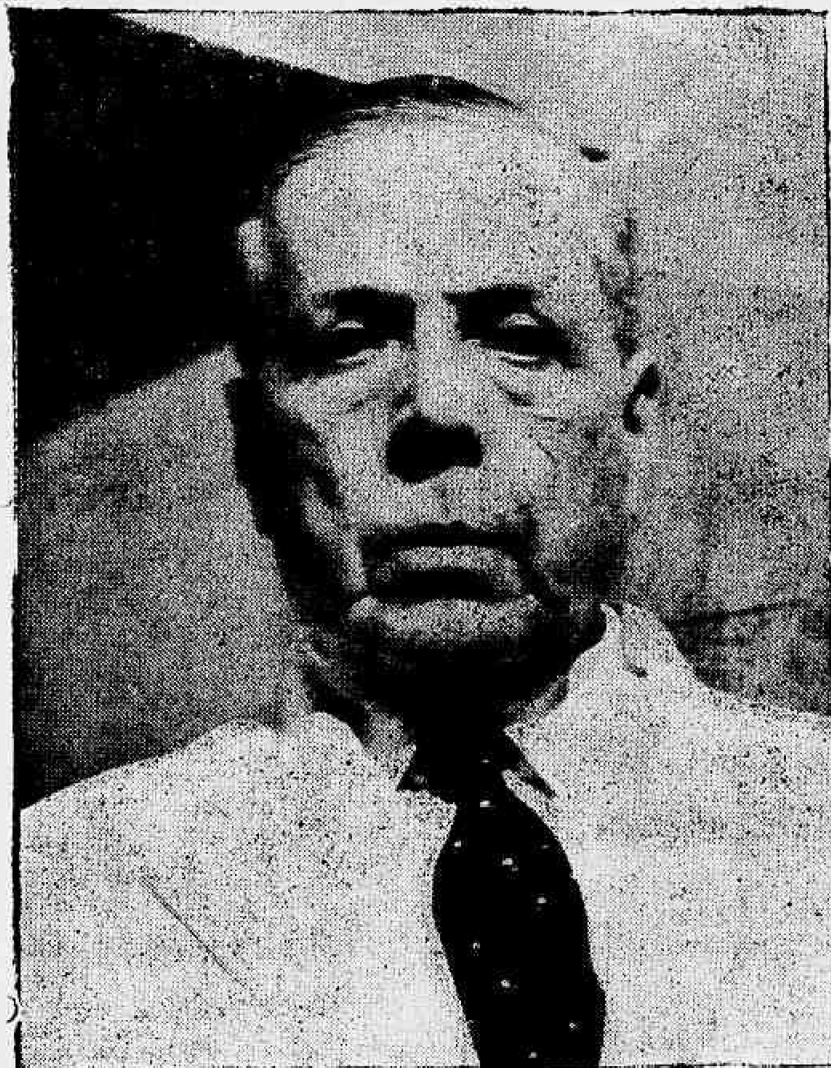
Não é muito o do PSB. Na verdade, é muito... pouco. A contribuição obrigatória, conforme os estatutos do partido, dos seus representantes nos organismos legislativos, é de 10% do subsídio. Os seus três deputados federais entram, pois, com 2.400 cruzeiros por mês, cada um, e tôdas as despesas de viagem para os Estados, para participarem de comícios, convenções, conferências, etc. correm por conta dos mesmos. O vereador carioca entrega mensalmente 1.500 cruzeiros aos cofres do partido e nas férias da Câmara Municipal, que são de cinco meses, 200 cruzeiros, afora contribuições eventuais. Os mil e



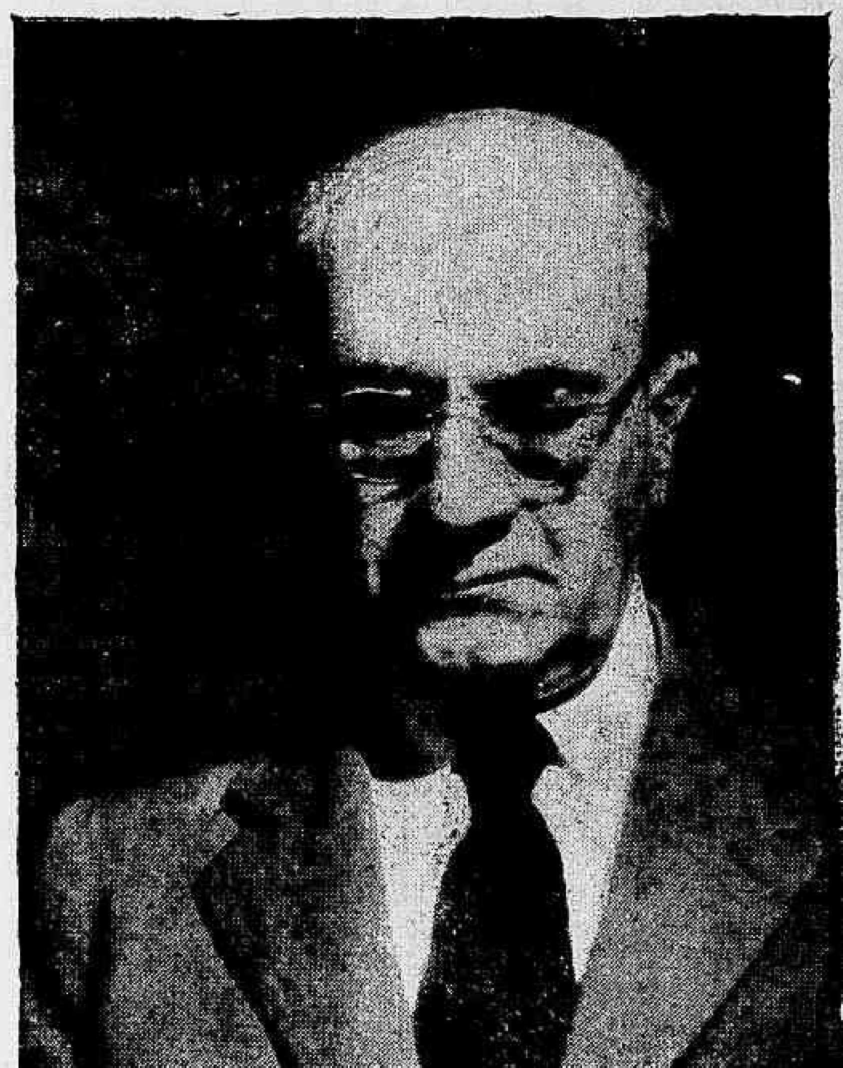
BAYARD BOITEUX — Elemento de valor. Dirigente dos mais ativos do partido, será um dos candidatos à vereança



OSÓRIO BORBA — Talvez o maior socialista carioca, provável candidato do PSB à Câmara Federal em 1951



JOÃO MANGABEIRA, presidente do PSB. Deputado pela Bahia, irmão do governador da Boa Terra e democrata



PROF. CASTRO REBELO, da Faculdade de Direito, socialista culto, anti-trotskista, perseguido pela ditadura



HERMES LIMA — Secretário de Propaganda do partido, inimigo dos comunistas, sendo bem visto por outros lados



DOMINGOS VELASCO — Secretário Geral do PSB, deputado por Goiás, líder católico e democrata de valor



OS ARQUIVOS — Aqui estão guardados muitos documentos políticos, sendo a grande maioria, recortes de jornais. À direita, vemos o vereador Osório Borba, cooperando gratuitamente, na sede do Partido Socialista Brasileiro



O LEMA — "Socialismo e Liberdade" é o lema do PSB, que espera conquistar o poder pelo voto. À direita, dois Grandes do partido: João Mangabeira e Castro Rebelo, mas de feitios diferentes: um é tímido, o outro vivaz e dinâmico

quatrocentos filiados do partido no Distrito Federal poderiam dar uma boa renda, mas acontece que muitos deles se inscrevem e depois desaparecem dos organismos partidários. Nesse particular, a secretaria do partido sem boa organização, não lhe aumenta as possibilidades Vive, por isso, o Partido Socialista, em constante apêrto financeiro.

Com muita dificuldade está adquirindo sede própria. num ponto excelente. Está instalado no edifício "Regis de Oliveira", no ponto mais central da cidade, em frente à Galeria Cruzeiro — Av. Rio Branco, 173. Um grupo de duas salas — uma pequenina, a outra um pequeno salão que comporta com dificuldade as convenções e conferências partidárias. Informou-nos a sra. Consuelo Távora, incumbida do assunto, que "a sede não é própria nem deixa de ser". Não é ainda propriedade do partido, mas está sendo adquirida em prestações por um grupo de militantes, em seu nome, como quotistas, e não em nome do partido. Provavelmente algum dia será incorporada ao patrimônio socialista, por doação ou por compra aos quotistas, que a cederam sem cobrar aluguel para a instalação do partido. Êste, desde os primeiros tempos, estava instalado no velho e espaçoso sobrado da Rua Buenos Aires, 57. Um dia tiveram de se mudar de repente: os proprietários precisavam da casa.

— "Lançou-se, então, a idéia da sede própria — diz d. Consuelo. Encontramos à venda o grupo de salas do "Regis de Oliveira": caríssimo, seiscentos mil cruzeiros e mais o formidável contrapeso dos juros da Tabela Price. De saída, precisávamos de setenta mil cruzeiros para a jóia e despesas, e não dispúnhamos de um cruzeiro. Mas não desanimamos. Convocamos alguns dirigentes, os militantes menos pobres e alguns pobres mesmo. Em poucos dias levantamos os setenta mil cruzeiros e esboçamos a organização de uma sociedade comercial que ficou sendo a compradora do grupo de salas — por enquanto, naturalmente há apenas promessa de venda — constituindo essa sociedade um dos condôminos do edifício. Alguns poucos entraram com sete mil cruzeiros; outros com cinco mil, três mil ou mil cruzeiros. Para cada um, essa entrada inicial corresponde a uma obrigação de dezenas ou centenas de milhares de cruzeiros, a serem pagos em prestações mensais por longos anos. Na maioria dos casos, é um compromisso multíssimo acima das possibilidades normais d ecada um. Mas todos se prontificaram a assumí-lo por devotamento ao partido e fé no seu desenvolvimento".

Com outro esfôrço adquiriu o partido, também em prestações, o letreiro luminoso que exibe hoje, na fachada da sua sede. São os seguintes os militantes socialistas que compraram o grupo de salas que serve ao partido: João Mangabeira, Hermes Lima, Castro Rebelo, Domingos Velasco, João Pedreira Filho, Emil Farah, Osório Borba, Carmen Adami Xavier, Fábio de Oliveira, Thompson Flores Neto, Pôrto da Silveira, Leopoldo Miranda Lima, Nestor Peixoto de Oliveira, Paulo Hoppe, Álvaro Rodrigues Filho, Inaldo Pessoa de Mendonça, Natalino Pereira de Sousa, Isaac Izecksouk, Benjamin Albagli, Orlandina Mitke, Alice Flexa Ribeiro, Bayard Boyteux e o general Felipe Moreira Lima.

(Cont. na pá. 47)



ALUNAS E ALUNOS — Moças e rapazes, senhoras e senhores frequentam os cursos de cultura e instrução do Partido Socialista Brasileiro. Estudam Português, Geografia, Matemática, Taquigrafia, etc. Nada, porém, sôbre política. E parece que a lição dêste momento fotográfico era interessante, como denunciam as fisionomias dos dedicados alunos



O FREVO NO CARNAVAL

NÃO se pode dizer que o frêvo tenha merecido uma perfeita consagração nos redutos carnavalescos desta capital. Enquanto no Recife êle toma de assalto a cidade inteira, espalhando-se das ruas para os salões de élite, no Rio apenas denodados esforços têm sido realizados com o mesmo propósito; assim mesmo, há sempre animação e entusiasmo quando moças e rapazes, dando conta do famoso "passo", aparecem pelas artérias cariocas. Êste ano, por iniciativa do Departamento de Turismo da Prefeitura, foram classificados os grupos de frêvos, alcançando o primeiro lugar o bloco dos Lenhadores, e em segundo, o tradicional Pás Douradas, dos quais damos, respectivamente, em cima e abaixo, nesta página, dois flagrantes. Também mereceram classificações sucessivas, os blocos: Misto Vassourinhas, Batutas da Cidade Maravilhosa, Misto Toureiro e Prato Misterioso. Mesmo não praticando o frêvo e dando ainda incondicionalmente preferência ao samba e à marchinha, o folião carioca rendeu seu espontâneo tributo de homenagem aos seus colegas que se especializaram nessa modalidade coreográfica de espetacular efeito.







O DESFILE DOS RANCHOS

O Dia dos Ranchos constitui tradicionalmente um capítulo de animação nas hostes folionas da metrópole. Desde os velhos tempos, o povo se habituou a descer dos bairros e subúrbios mais longínquos para apreciar o desfile dêsses heroicos foliões, à conquista de taças e de outros gloriosos troféus. Êste ano, o Dia dos Ranchos concorreu para a reabilitação incontestável do Carnaval Carioca, e dezenas deles apresentaram-se em lindas roupagens, com seus pequenos mas bem armados préstitos. Aqui estão flagrantes dos ranchos que alcançaram os lugares de honra na competição do Departamento de Turismo da Prefeitura: ao alto, e à esquerda, aspectos dos Decididos de Quintino, cujo garbo das "pastoras" se nivelou à harmonia de seus cânticos repassados de nostalgia, em cadência e grande ritmo. Em baixo, aspectos da passagem do União dos Caçadores, que alcançou o segundo lugar, em frente ao "Jornal do Brasil", onde se encontravam os membros da comissão julgadora. Os lugares imediatos foram conquistados, respectivamente, pelos ranchos: Aliança de Quintino, Tomara que Chova e Inocentes de Catumbi. Todos arrancaram calorosas salvas de palmas do público que se comprimia na Avenida e imediações, fazendo jus às manifestações de entusiasmo recebidas. O Dia dos Ranchos é uma atração que nenhum turista de bom gôsto perde ao vir presenciar o Carnaval do Rio.



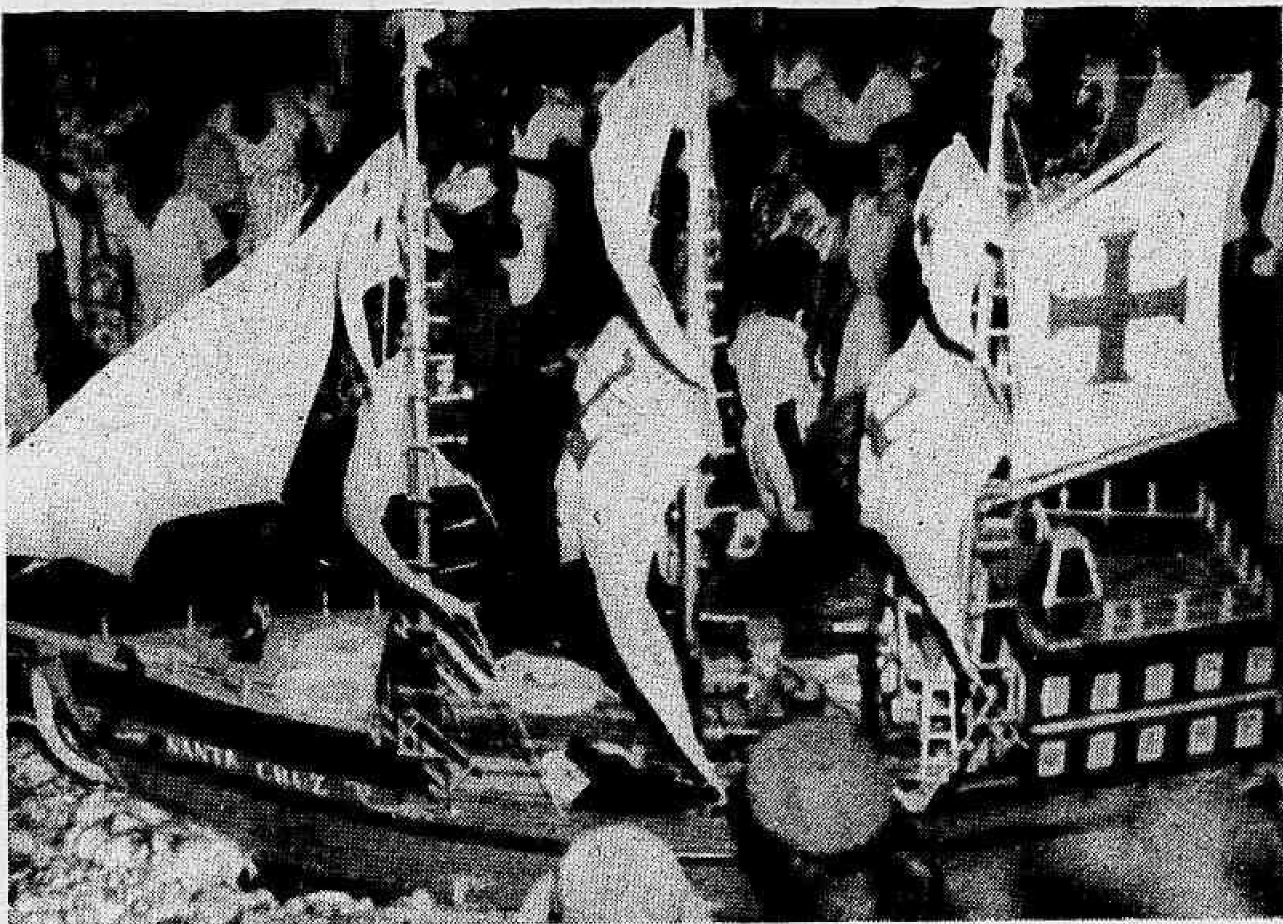


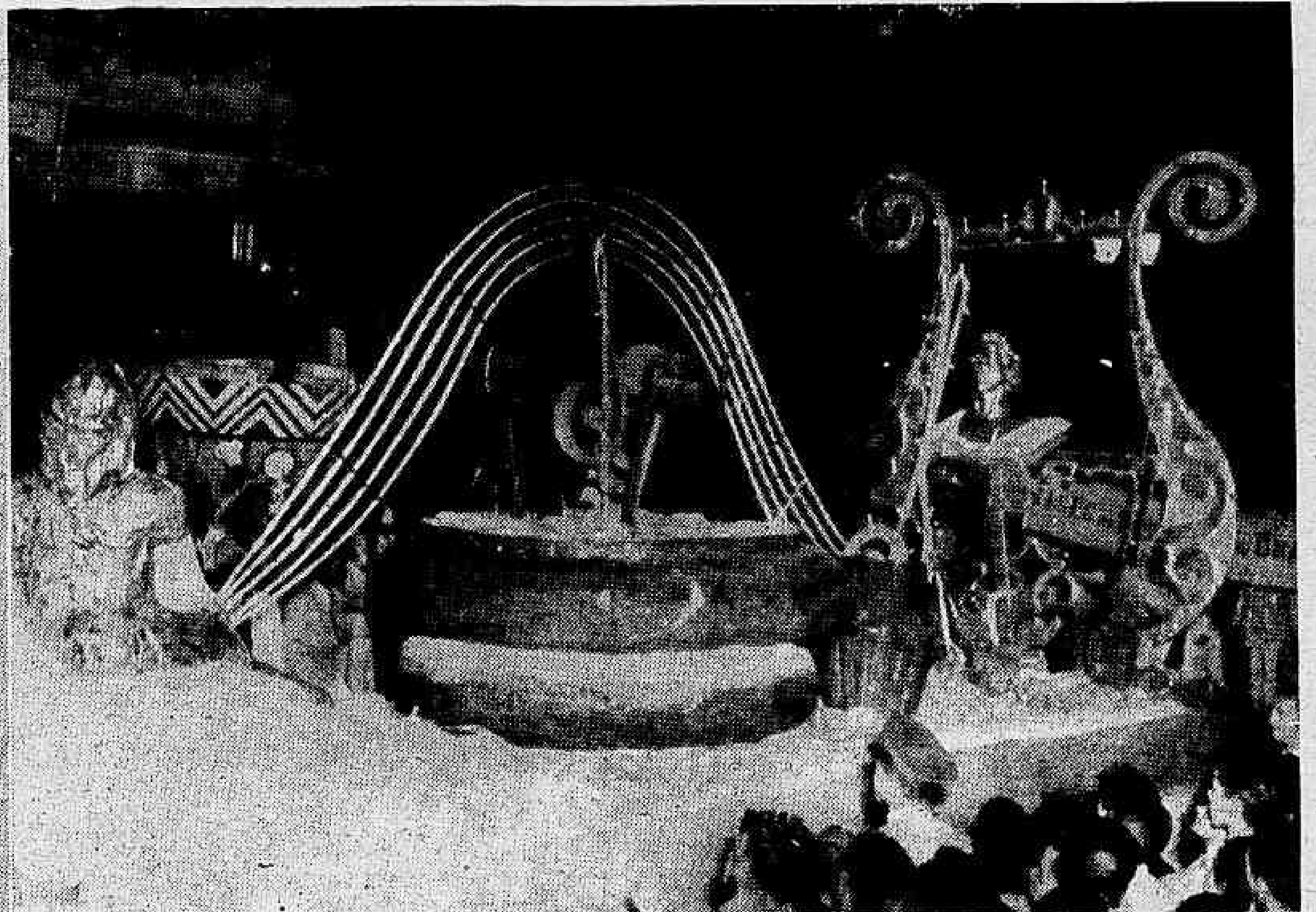
DESFILE DAS REPARTIÇÕES PUBLICAS





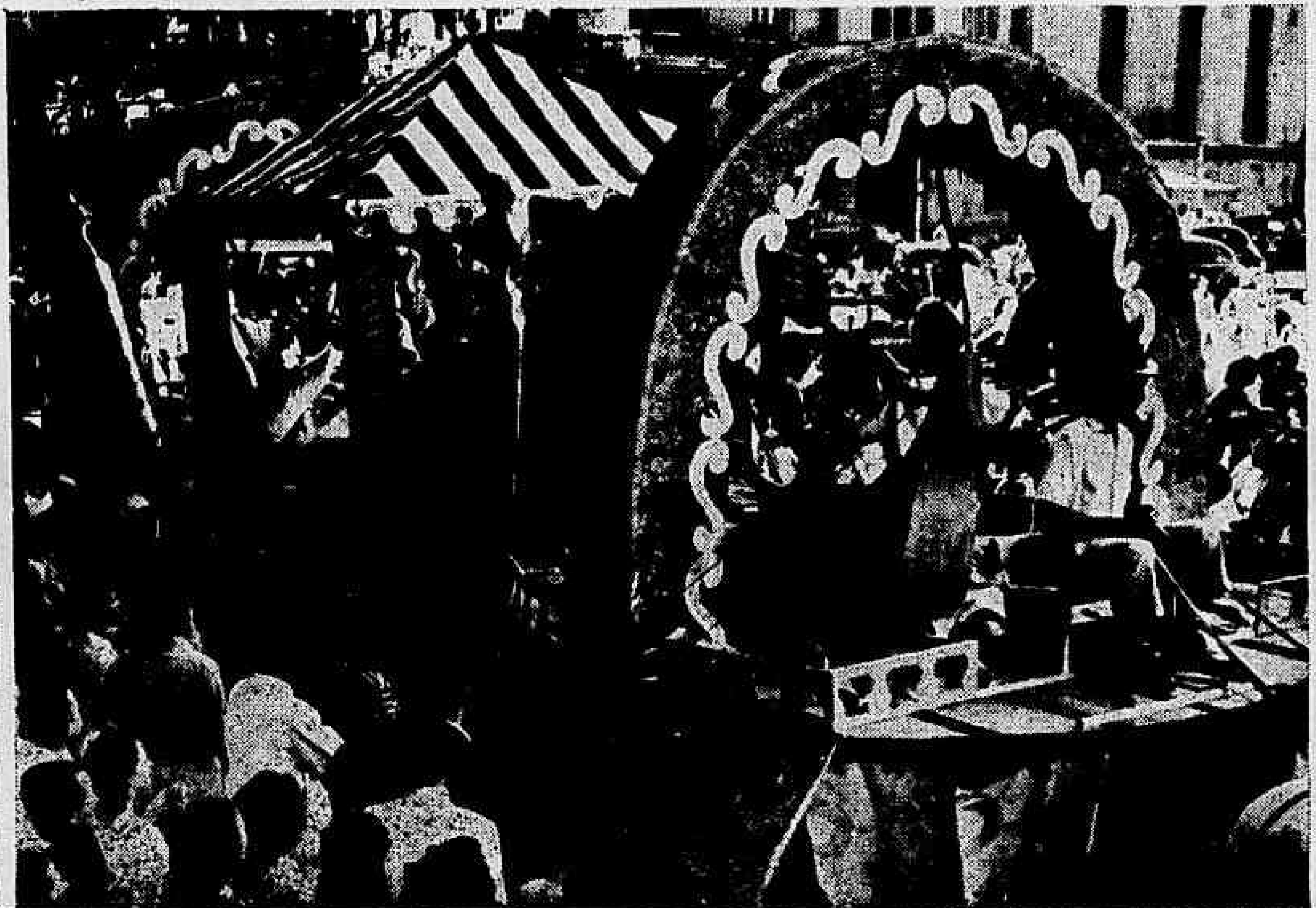
OUTRORA não havia o desfile do Bloco das Repartições Públicas, mas desde que saiu pela primeira vez, jamais deixou de fazê-lo, tal o sucesso alcançado. Vemos acima o carro-chefe e o "abre-alas" do Bloco do Arsenal de Marinha, o mais rico e bem confeccionado, merecendo, por isso, a primeiro lugar na classificação





NÃO ERA menos sugestivo e interessante o préstito da turma do Arsenal de Guerra, que alcançou o segundo lugar. À esquerda, miniatura da caravela "Santa Cruz", homenageando os descobridores do Brasil, e à direita, tributo de gratidão a Carlos Gomes: uma esfera giratória com o nome das óperas do genial compositor





TAMBÉM o Departamento Federal de Segurança Pública, fêz ato de presença no desfile das Repartições Públicas, alcançando o terceiro lugar na competição do Departamento de Turismo. À esquerda, duas senhoritas abriam o desfile desfraldando o pavilhão nacional e outros; à direita, uma alegoria que mereceu aplausos





TENENTES — Os bailes nos Tenentes do Diabo foram dos mais animados e alegres. A turma dos "baêtas", talvez prevendo a vitória que os esperava com o préstito artístico com que se apresentaram, entregou-se aos prazeres da dança, nas quatro noites de Carnaval, e fêz pé firme. Aqui estão dois aspectos dessas noitadas





FENIANOS — Em sua nova sede da rua Álvaro Alvim, os "gatos" deram largas à sua fibra de velhos foliões. E a nova geração de fenianos compareceu em bonito estilo, para animar as quatro noitadas de esfusiante alegria, como é fácil de calcular através dos aspectos acima. E a proibição dos bailes dos Fenianos, gorou...





SOSSÊGO — Quem quisesse passar uma noite de repouso, na mais completa calma, só tinha um remédio: era fugir da sede da Embaixada do Sossêgo, porque lá dentro, tudo servia para desmentir o título. Quando Rei Momo apareceu naqueles salões, o delírio foi ainda maior. Ninguém sossegou de sábado à quarta-feira...





BAILE INFANTIL DO GINÁSTICO

ÊSTES são os sub-brotinhos de 1950 que passarão a ser brotinhos em anos próximos. Contagiados pelas alegrias do Carnaval todos êles se fantasiaram e vieram aos clubes para os bailes internos que, êste ano, tiveram refulgência invulgar. Esta página dá ao leitor uma idéia do entusiasmo da meninada que afluiu aos salões do Clube Ginástico Português, enchendo-os de cantorias surgidas no Carnaval e de côres das mais alegres fantasias, dentre as quais avultavam os índios. Festa de intensa animação, o baile infantil do Clube Ginástico Português empolgou a garotada que dali não mais queria se retirar, cantando "Daqui não saio, daqui ninguém me tira..."
















O BAILE INFANTIL DO MUNICIPAL

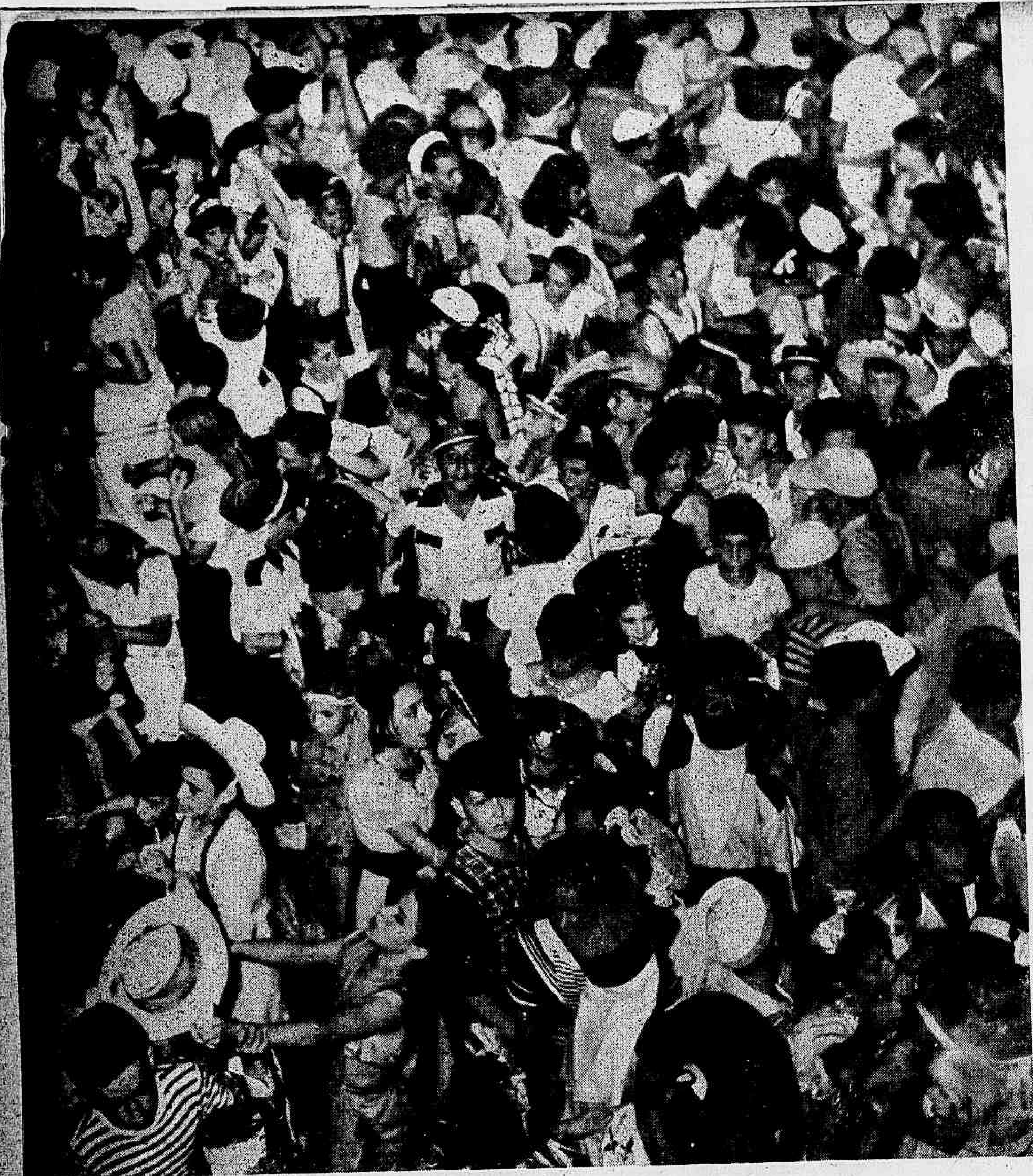


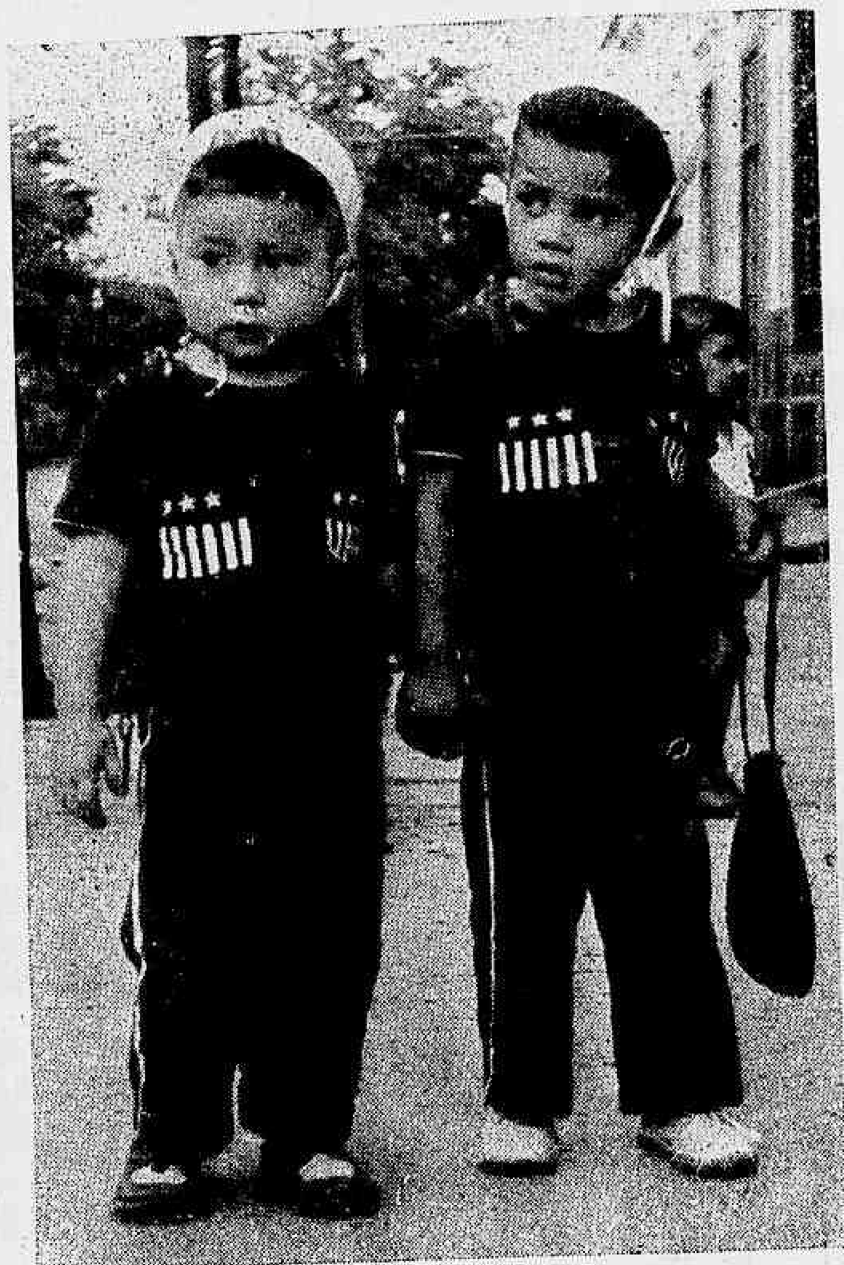
O maior e mais empolgante de todos os bailes infantis realizados no Rio durante o último Carnaval foi, sem dúvida nenhuma, o do Teatro Municipal. Com o seu interior decorado com motivos venezianos, ao alto enormes candelabros e vasta área para danças, a grande casa de espetáculos de arte vestiu sua fantasia de súdito de Momo e se esqueceu de Verdi, Puccini e Carlos Gomes.

Riquíssimas fantasias foram exibidas pela criançada que tomou de assalto o Municipal e se divertiu a mais não poder. E como era interessante vermos garotinhos de três e quatro anos a brincar de roda entre confetes e serpentinas, no meio daquele pandemônio em que marchas e sambas se misturavam às gargalhadas e vivas! Das gargantas infantis saíam as vozes carnavalescas da "Nêga Maluca", "General da Banda", "Daqui não saio", "Brotinhos" e até "Balzaquianas"... O sr. Prefeito e sua exma. espôsa compareceram ao baile infantil do Municipal, prestigiando-o com suas presenças e distribuindo aos garotos seus aplausos e afagos de delicada cortesia.









BAILE INFANTIL DO FLAMENGO

O querido clube rubro-negro, todos os anos se enfeita e abre os seus salões para a garotada se divertir no Carnaval e cantar sambas e marchas de sua predileção ao som de ótimos conjuntos orquestrais. Em 1950 ano em que teve o Rio um Carnaval de sensação nos clubes e nas ruas, a meninada acorreu ao Flamengo e caiu na farra como gente grande... Fantasias ricas e de lindos motivos encheram de graça e de côr o conhecido clube da Praia do Flamengo. Príncipes, marujos, odaliscas, índios, soldados da legião estrangeira, "cow-boys", etc.



Nicodemus com uma bala na boca fala sobre o tipo da

FIGURINHA DIFICIL ...

PELAS CARACTERISTICAS QUE APRESENTA
A FIGURINHA DIFICIL NÃO SE CONFUNDE
COM AS OUTRAS . . .

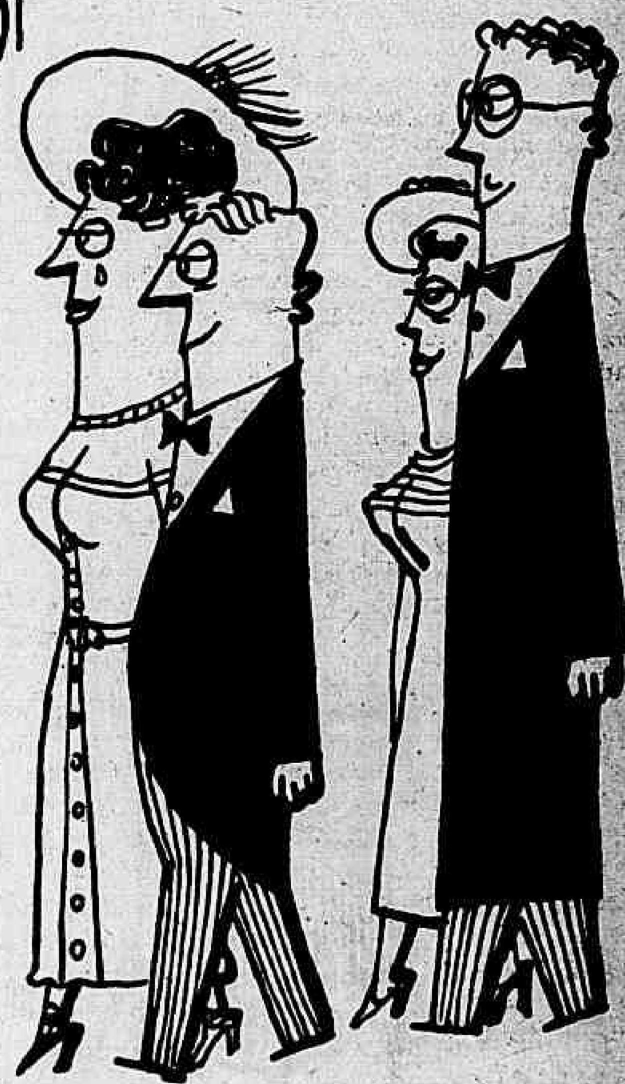


TEM UM COLORIDO MAIS
SIMPLES
MAIS SUAVE . . .
E' MAIS
CAPRICHADA . . .



. . . E' CAPAZ DE
FAZER FELIZ
QUALQUER MORTAL . . .





MAS, NA PRESSA DE COMPLETAR O ALBUM O INCAUTO
ACEITA UMA FIGURINHA QUE APARENTEMENTE NOVA
JA' FOI RASGADA, COLADA, MANUSEADA . . .
AO TENTAR RECEBER O PREMIO DA FELICIDADE
VERIFICA QUE ELA E' FACIL, FACIL . . .

IRMÃO, CUIDADO COM AS IMITAÇÕES ! ..

ASPIRAÇÃO DE UM HUMILDE

— Nada de anormal, "seu" Lauro? — interrogou o dr. Costa ao enfermeiro-chefe.

— Tudo em paz, doutor; só aquêle doente novato é que continua do mesmo jeito; está definhando a olhos visto, não quer alimentar-se. Ontem, dia de visita, recusou aos brados receber a mulher e o filho. O Manoel, que fêz o plantão, disse-me tê-lo visto chorar convulsamente à noite.

O médico abriu uma gaveta e tirou a ficha do doente em questão, examinando-a. Lauro permaneceu ao seu lado; esfregou pensativamente a mão na barba crescida, brincou com o lápis sôbre o "bureau" e, hesitando, arriscou timidamente:

— Desculpe-me, doutor, de dar uma opiniãozinha. O senhor sabe, quinze anos de experiência não são quinze dias...

O médico levantou os olhos do papel fixando-os sôbre o enfermeiro.

— Aquêle homem pode ter outra doença, menos loucura.

Dr. Costa não disse nada: dirigiu-se para a enfermaria. Enquanto examinava os enfermos ia pensando no que ouvira. Há vários dias vinha observando com atenção aquêle caso. Percebera que o indivíduo trazido como louco para o Sanatório nada tinha de loucura. Talvez o acesso que tivera, praticando violências, como constava na papeleta, fôra apenas um obscurecimento momentâneo da razão, motivado por alguma comoção violenta. Isto era comum.

Dr. Costa, além de notável psiquiatra, era um homem de grande coração. Quando a ciência falhava, não raras vêzes, aplicava com resultado o bálsamo de uma boa palavra, de um conselho.

Felipe, o doente, aguardava ansioso sua chegada. Estava gostando daquele médico, sempre animando e confortando a todos. Ontem conversara com êle. Havia-lhe dito sua desconfiança de que seu mal não fôsse no corpo e sim na alma. Meu Deus! Os olhos daquele médico pareciam ler o que ia em seu íntimo! Dissera-lhe que talvez pudesse curá-lo... Precisava, no entanto, que tivesse confiança nêle e abrisse-lhe o coração... Será que valia a pena expor aos olhos alheios a sua miséria? Não desejava voltar ao seio de sua família. Pensava apenas em sair dali para não ver continuamente aquêle quadro tétrico daqueles míseros farrapos humanos... Se saisse iria para bem longe, bem longe... Desapareceria na poeira da humanidade para ser o menor dos menores. Talvez então encontrasse a paz.

— Como vai, senhor Felipe? — disse o dr. Costa, achegando ao lado do enfermo.

Um pálido sorriso arregaçou-lhe os lábios, enquanto balançava a cabeça indefinivelmente.

— Como é, você hoje não vai conversar comigo, explicar-me o que se passa com você? — falou sorrindo o bondoso médico, penalizado ante o aspecto triste e desanimado do enfermo.

Felipe ergueu-se vagarosamente do leito e, obediente a um gesto do doutor, seguiu-o até seu gabinete. Depois de instalar o doente numa confortável cadeira o dr. Costa disse:

— Vamos, Felipe, o que houve com você?

Um pouco hesitante, como se não soubesse por onde começar, com um tremor na voz, falou:

— Para que o senhor compreenda a minha suposta loucura, acho que tenho de lhe mostrar primeiro algumas passagens de minha vida.

Dr. Costa tomou um cigarro, acendeu-o e com a cabeça fêz sinal para que êle prosseguisse.

— Minha história, doutor, é insignificante, banal; podia mesmo resumi-la nestas palavras: miséria, luta e, no fim, fracasso...

Nem sei se posso dar o nome de infância aos primeiros anos de minha vida. Infância, a meu ver, significa despreocupação, venturas, alegrias e nada disso eu tive naqueles tempos... Quando olho para aquêle período de minha vida, vejo-o escuro, envôlto em tristezas. Lembro-me do quarto em que morávamos numa casa de cômodos de terceira. Eu e minha mãe sempre lutando contra a fome, enquanto meu pai defendia-se de tôdas essas misérias, entregando-se ao vício da bebida. Quando aparecia em casa era um horror: enchia-me de pancadas e falava-me aos gritos. Até hoje sinto o tremor e a angústia que aquilo me causava... Sentia-me intimidado, não podia falar. E' uma sensação que perdurou de minha infância; acho que jamais a perderei: é a lembrança mais viva que me ficou. Ela apossa-se de mim, arrasa-me, quando tenho de falar com algum dos meus superiores no trabalho. Isso tem sido um pesadelo para mim; talvez uma das causas do meu fracasso...

Quando completei meus dez anos já não tinha meus pais. Por muito tempo vivi da caridade alheia até que consegui um lugar de entregador de compras num armazém. Ganhava cama e comida e mais cinqüenta cruzeiros. Foi dêsse tempo que, tendo mais contacto com o mundo, comecei a ter idéias de melhorar, ser alguma coisa mais que um simples entregador de mercadorias.

Minha mãe ensinara-me a ler e escrever. Procurei estudar. Matriculei-me numa escola noturna e apliquei-me o mais possível aos estudos. Aos vinte anos tinha um bom desenvolvimento, sendo então encarregado da escrituração do armazém. Levei mais uns tempos naquilo e no dia em que me senti apto fiz um concurso para datilógrafo. Considero como um dos dias mais felizes de minha vida aquêle em que soube da minha aprovação. Tomei posse de meu emprêgo cheio de júbilo.

Passado uns tempos, casei-me. Continuei morando na pensão. O dinheiro que ganhava ia dando para viver. Daí a um ano minha mulher teve uma criança. Nossa alegria foi imensa. Sentia-me feliz dentro de meu lar. Os gastos aumentaram muito após o nascimento do garôto. Ficava terrivelmente preocupado; desejava livrá-lo das dificuldades, acobertá-lo da pobreza. Começamos a fazer economias; poupávamos o mais possível. Nem ao luxo de um cafèzinho na cidade eu me permitia... No trabalho aplicáva-me ardorosamente, sempre almejando uma promoção. E não sei se por azar meu ou por outro qualquer motivo, todos os colegas foram promovidos, menos eu. Aquilo me deixava numa situação um tanto humilhante.

Em casa queixava-me e desabafava com a mulher. — Ameaçaria os chefes! Iria fazer uma denúncia ao Presidente! Mostraria o protecionismo daqueles chefes de seção! Amanhã mesmo falaria ao diretor; hão de ver que não sou o que êles julgam!

No dia seguinte saía encorajado pelas palavras de minha mulher, mas ao entrar no escritório, deparando com o olhar frio e cortante do chefe, mal conseguia articular um "Bom dia, "seu" Aprígio!". Aquêle tremor, o maldito tremor atrapalhava tudo... Meu coração batia descompassado e a voz, se tentasse falar, saía tremida, provocando riso nos outros. Rosa, minha mulher, ao invés de procurar me animar, deu para fazer chacota do meu estado de alma. Sentia-me triste, amargurado com aquilo...

★

Mais tarde consegui uma promoção por antiguidade; melhoraram os vencimentos. Adquiri, então, uma casinha tipo "standard", dessas financiadas por Institutos em subúrbios. Moráramos sempre em pensão; por isso foi de regozijo geral o dia em que mudamos para a nossa casinha. Reinava grande alegria entre nós, alvoroçados com as arrumações e cheios de felicidade.

Calcule, doutor, meu contentamento ao poder adquiri-la! Eu, que sempre morara em cômodos escuros e quartos de pensões,



possuir uma casa! Sentia-me transbordante de felicidade. Cheguei a esquecer os árduos sacrifícios que aquela compra me impusera e ainda os que tinha de fazer para finalizar os pagamentos. Aquêle pedaço de terra era meu! Cada palmo custára-me muito, só eu sabia!... Mas valera a pena! Aquelas paredes seriam muralhas que limitariam minha vida; fora deixaria a luta, os aborrecimentos, para lá dentro encontrar a paz, a felicidade.

Doutor, tudo fiz para que em meu lar sempre houvesse paz. Ouvia calado as constantes críticas de minha mulher: vivia a insinuar que eu não tinha iniciativa nem personalidade; por isso não conseguia nada, sòmente promoção "por antigüidade". Eu procurava ter calma e por mais que lhe mostrasse que estava errada, não acedia,

★

— Uma das coisas que mais me encantou na casa foi uma área de uns quatro metros mais ou menos, que ficava na parte dos fundos. Há dias que eu e Rosa vinhamos discutindo sôbre o melhor emprêgo para ela: eu queria gramá-la, plantar uma árvore e mais outras coisas; a mulher achava melhor criar galinhas. Não chegávamos a um acôrdo. Um dia, estávamos os três almoçando; Rosa quebrou o silêncio que reinava perguntando:

— E a área? Precisamos resolver; suas férias terminam e você não arranja nada!

Depois de alguns minutos de silêncio, prosseguiu:

— Continuo firme no meu ponto de vista: criar galinhas! E' uma beleza! Teremos ovos com fartura e de vez em quando um franguinho.

Quase concordei, mas resisti, graças à atração que tenho pelas plantas. Em pequeno, quanto invejei os meninos que tinham jardim e pomar em casa! Desejava imenso subir nas árvores, balançar em seus galhos, dormir à sua sombra... Nunca experimentara aquêle prazer; agora, por nada cederia — plantaria uma árvore bem bonita.

— Pobre não tem luxo! — disse-me secamente a mulher ao levantar-se da mesa.

Não liguei. Fui ao hôrto e comprei uma muda de manga espada. No caminho de casa vinha pensando como ficaria linda a árvore quando crescesse! Daria frutos saborosos... À bôca enchia-me de água. Chegando, mostrei a planta à mulher.

Sem se virar ao menos para o meu lado, foi logo declarando:

— Não adianta vir me mostrar. Tenho a cabeça bem assentada e o que nós precisamos é de umas galinhas!

— Mas, mulherzinha, concorde comigo ao menos desta vez!

Parece que ela mais se irritou com o meu tom carinhoso.

— Não amole! — foi logo dizendo. Eu é que sei dos apertos que passo para esticar o pouco dinheiro que dá para as despesas! Você vive marcando passo no mesmo lugar, não progride! Condena-nos a uma vida de privações e ainda tem essas idéias sem pé nem cabeça! Criarei galinhas; ninguém me impedirá!

Fiz um esfôrço tremendo para não explodir. Agora, mais do que nunca, plantaria a árvore, gramaria a área. Aquela resolução deu-me coragem para suportar durante a refeição o ar decidido e vitorioso com que Rosa me fitava.

Acabei de jantar e em silêncio fui à área e enterrei no chão a mudinha de mangueira. Aguei bastante, revolvi o terreno. No dia seguinte plantaria a grama. Sentia-me desoprimido quando terminei. Uma sensação boa de liberdade vagava dentro de mim. De agora em diante seria assim; haveria de impor minha vontade! De cabeça erguida entrei em casa. Rosa parecia absorvida pela novela. Fui deitar e logo adormeci. Sonhei a noite tôda com a árvore: ela estava grande, copada; parecia essas árvores bonitas, seculares, que se vê em retratos. Com os colegas de escritório fazia uma refeição à sua sombra. Todos sentiam-se encantados com a minha casa e achavam delicioso estar ali. Lembrava-me os romances em que os grã-finos tomavam chá à sombra das árvores ou de caramanchões. Era realmente uma boa coisa! Já me sentia como um dêsses anfitriões dos romances quando, de repente (que horror!) apareceram as galinhas de Rosa, estragando tudo! Voavam por cima das mesas, derrubavam as xicaras e outras coisas pelo chão. Todos agora riam-se de mim, enquanto eu procurava espantar as galinhas. Acordei aflito, agoniado...

★

Apesar das constantes escaramuças com Rosa, quando minhas férias terminaram a grama estava tôda plantada, a mangueirinha verde e viçosa. Dentro de uns cinco anos estaria árvore! Pensei no que ela seria em minha velhice: agasalharia em sua sombra a brincadeira de meus netos. Com certeza chamariam-na de "árvore do vovô".

Todos acharam-me mais forte e bem disposto quando voltei ao escritório. Sentia-me menos tímido e até aquêle tremor parecia ter desaparecido. A casa me curara, pensava cheio de júbilo.

Passaram os dias sem incidentes. Uma tarde fui chamado ao gabinete do Diretor. O coração quase saltáva-me do peito! Procurei dominar-me. Falava comigo mesmo: — Ânimo, Felipe! Não esmoreça, pois você está curado! Estou curado! Estou curado! — fui repetindo até o gabinete da direção.

O diretor encarou-me friamente e, sem preâmbulos, falou:

— E' lamentável, "seu" Felipe, que um funcionário antigo como o senhor tenha coragem de enviar à Chefia trabalho nestas condições! — e apontou para um papel ao lado.

Automàticamente olhei para onde êle indicara: as margens da página de um Relatório estavam cheias de desenhos de casa e árvore. E, doutor, para desespêro meu, era a minha casinha que lá estava desenhada!

Uma friagem percorreu meu corpo transpondo a pele, ressecando-me os lábios. O tremor... o maldito tremor voltara mais forte que antigamente tomando conta de mim... Não podia falar e mesmo se o fizesse, como explicar aquêles desenhos? Não me lembrava de os ter feito. Será que fôra eu mesmo que os fizera, numa hora de devaneio em que pensava em minha casa e na minha árvore?...

Nem sei como cheguei em casa aquêle dia! Estava meio fora de mim. Ao jantar não tinha fome; com dificuldade procurava engolir alguns bocados. A todo instante parecia ver os olhos do chefe fixos sôbre mim, ameaçando-me.

Não conseguia conciliar o sono à noite; ficava pensando... pensando... E se fôsse demitido? Perderia a casa, a árvore, tudo! Tôdas as minhas lutas iriam por água abaixo! Não teria ânimo para recomeçar... Que faria? Aquêle desenho... Como fôra desenhar aquilo? Não podia atinar. Amanhã iria averiguar; falaria com o Chefe... Não, não adianta! O maldito trremor não deixaria, tinha certeza! Então chorei, chorei com pena de mim mesmo. Era um fracassado...

Atravessei a noite presa dessa angústia e só pela madrugada adormeci. Às sete horas despertei assustado: percebi uns sons estranhos lá fora; senti meus cabelos arrepiarem-se. Acabara de ouvir o canto de um galo. A mulher cumprira a ameaça — pusera galinhas na área! Uma fúria cresceu dentro de meu peito, tomou conta de mim. Era mesma um desgraçado, um infeliz; nem em casa era respeitado.

— Hipócrita! Mulher desnaturada! gritei. E mesmo descalço corri para a área. De minha árvore só encontrei uma haste retorcida; das gramas apenas uns pés semi-destruidos. Não vi mais nada! Peguei uma galinha; torci-lhe friamente o pescoço. Com um pau na mão atirei-me em perseguição às outras que pularam para o quintal vizinho. Não trepidei em persegui-las! Dei pancadas a torto e a direito; não sei se consegui matá-las. Só me recordo de ter sido agarrado por uns homens ao querer aproximar-me de minha mulher... Tinha ganas de matá-la! Deram-me uma injeção. Eu protestava! Procurava soltar-me das mãos que me sustinham. De

(Cont. na pág. 44)

CONTO DE **MARIA C. P. DA GAMA**
ILUSTRAÇÃO DE **ARMANDO PACHECO**

CONFECÇÃO DO ESQUELETO RIGOROSAMENTE
DE ACÔRDO COM AS MEDIDAS DO COMPASSO

FÍDIAS A SERVIÇO DE MERCÚRIO

Um escultor revoluciona a "arte" de expor nas vitrinas ★ Na intimidade de um "atelier" ★ Como nasce um manequim ★ O "display"

Reportagem de SABINO CANALINI

Fotos de M. MAGARD

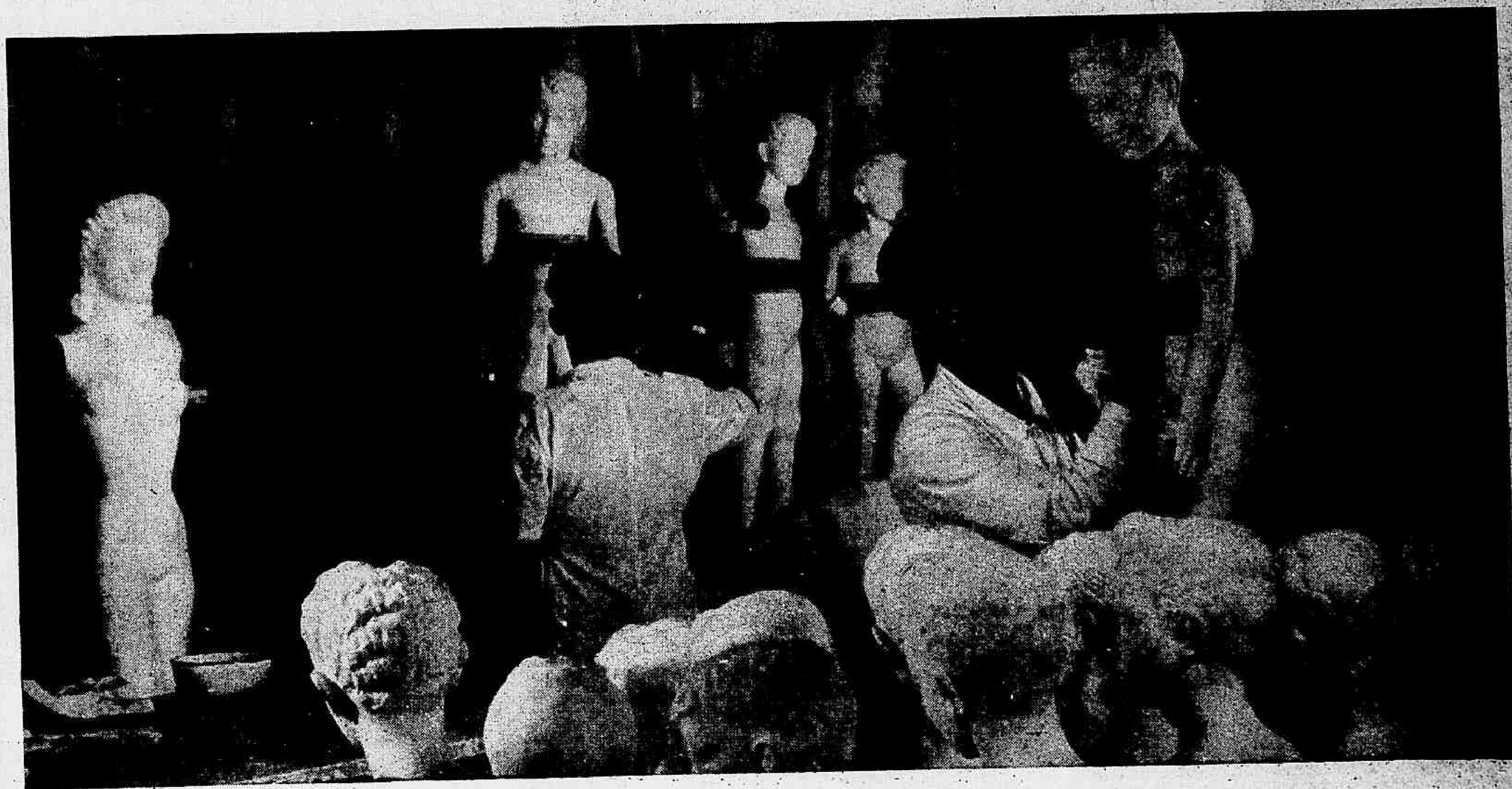
IAMOS passando por uma das mais movimentadas ruas do centro da cidade, quando tivemos a atenção despertada para um pequeno ajuntamento de pessoas, frente a uma vitrina. Aproximamo-nos, para fazer jus a um nosso velho hábito, o de ser curiosos cem por cento, e fomos esticar o pescoço por entre as outras cabeças, a fim de coroar de êxito nossos esforços e verificar o que seria capaz de atiçar a curiosidade daquelas pessoas. A imaginação ia à nossa frente, dando palpites e fazendo suposições sôbre o motivo do movimento. Confessamos, porém, que não encontramos nada do que esperávamos. Nada de objetos de última moda, exóticos ou de novidades absolutas na praça comercial. A surprêsa foi completa. A vitrina servia de mostruário apenas para um único artigo: toalhas de banho, em vários tamanhos, côres e tipos. Mas o que atraía os olhares de todos, não eram as toalhas e sim um manequim de mulher, completamente despido, sentado numa cadeira, pernas cruzadas, braços ligeiramente levantados e entreabertos segurando uma bonita e felpuda toalha de banho, desdobrada, que mal cobria as insinuantes curvas do manequim. Só então reparamos numa coisa: a vitrina pertencia a uma casa de artigos femininos, no entanto, a maioria das pessoas paradas na calçada era composta de marmanjos. Entre os comentários alegres fomos deixando, aos empurrões, lugar para novos curiosos que vinham se juntar ao bôlo e, matutando, continuamos rua afora, não deixando de render homenagem, mentalmente, ao responsável pela vitrina, por saber explorar com inteligência a curiosidade do povo.

★

Se a curiosidade, especialmente dos homens, fôra alertada de maneira tão acentuada, é porque havia alguma



A MODELAGEM ESTÁ QUASE PRONTA, A ARGILA TOMA AS FORMAS DA MODÊLO AO FUNDO. DAQUI SAIRÁ O ORIGINAL PARA A FUNDIÇÃO EM SÉRIE



DETALHE DA SEÇÃO DE MONTAGEM. O QUE CHAMA A ATENÇÃO É A GRANDE VARIEDADE DOS TIPOS MODELADOS, CADA UM DOS QUAIS REQUER UMA POSE ESPECIAL, MODELAGEM PRÓPRIA, CUIDADOS RENOVADOS, ATENÇÃO CONTÍNUA



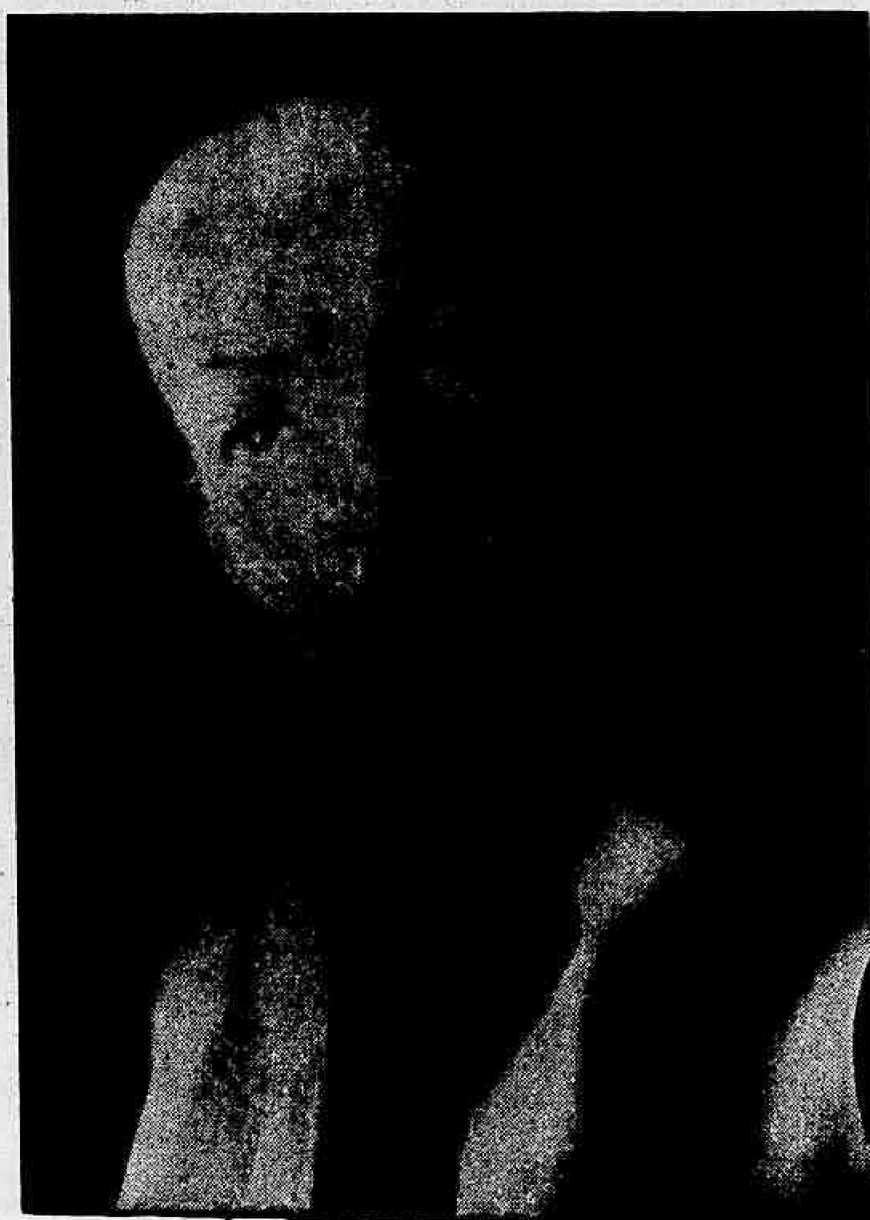
SURREALISMO? CRIATURAS DE UM MUNDO FANTASTICO? NÃO, APENAS A PERSONIFICAÇÃO DAS VOZES DAS ARVORES: O AMOR, O ETERNO SÍMBOLO DE VIDA



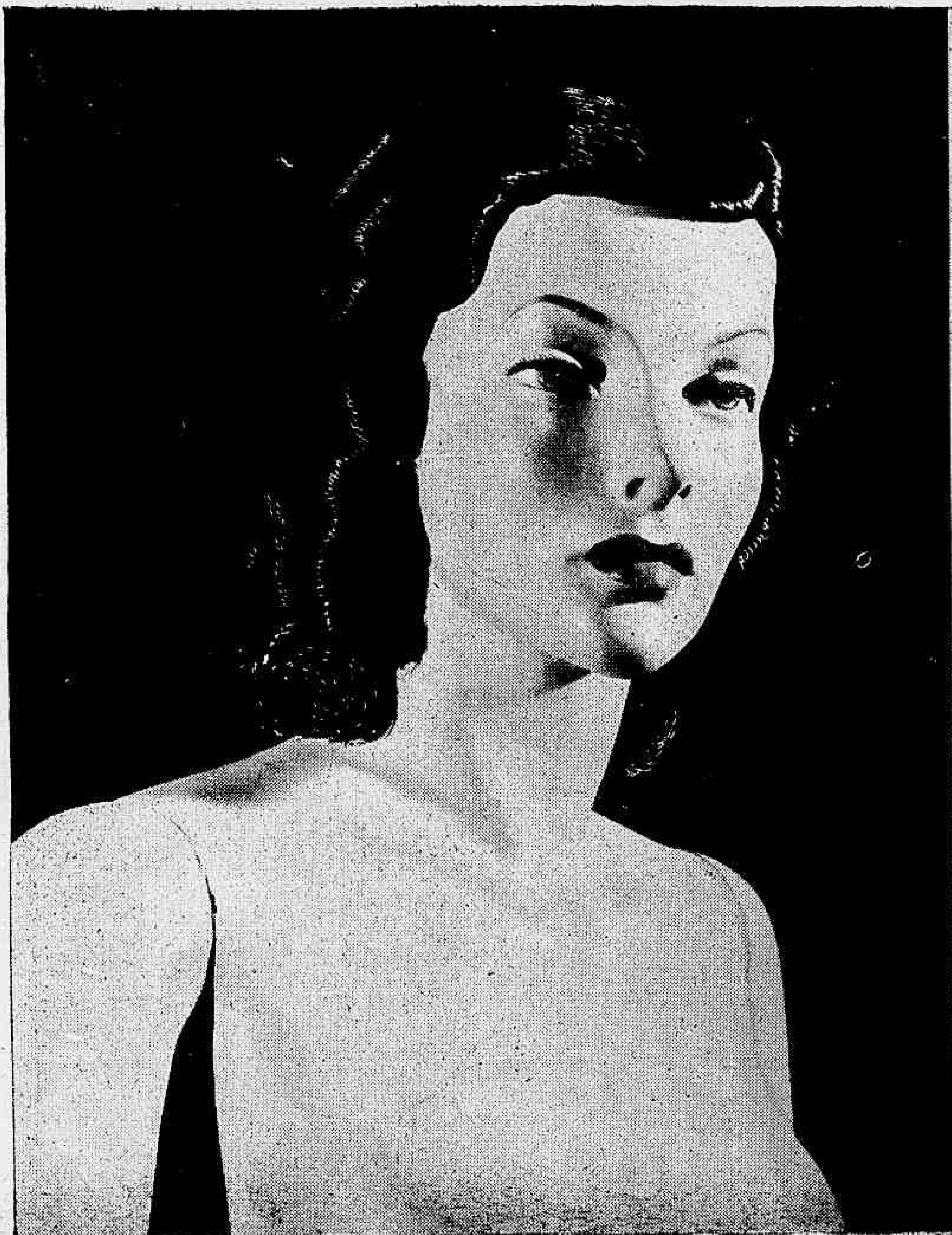
BUSTOS, PERNAS, BRAÇOS E OUTRAS PEÇAS SOBRESSALENTES DO CORPO HUMANO

coisa de extraordinário no manequim. Começamos, então, a ligar entre si observações anteriores. Muitas e muitas vêzes, andando despreocupadamente nas ruas centrais, a silhueta de um vulto feminino havia nos obrigado a voltar os olhos para dentro das vitrinas. Notamos a mesma atitude em centena de outras pessoas. Mas, afinal, qual seria a razão pela qual um simples manequim atrai e engana de tal maneira que só depois de um exame mais atento é que nos convencemos de estar na presença de um objeto inanimado?

Percebemos, então, a evolução lenta, porém, continua que sofreram as vitrinas das lojas cariocas. Mais alegres, mais luxuosas, modernas, arranjadas por verdadeiros artistas que sabem sugerir qual o momento em que, na vida real, teremos necessidade dos artigos expostos. Chegamos a inferir que a tendência atual é a de reproduzir nas vitrinas êsses momentos, êsses quadros da vida quotidiana, usando para isso objetos, imagens, utensílios e instrumentos comuns em casa e nos locais das mais variadas profissões, para criar a impressão exata do ambiente que se desejou focalizar. Para tanto, bastaria fazer tôdas essas coisas o mais parecido possivel das reais, inclusive os manequins, agora verdadeiras obras-primas, anatômicamente completas, de



OBRA DE SALVADOR DALI? NÃO, DE MATHEUS FERNANDES!



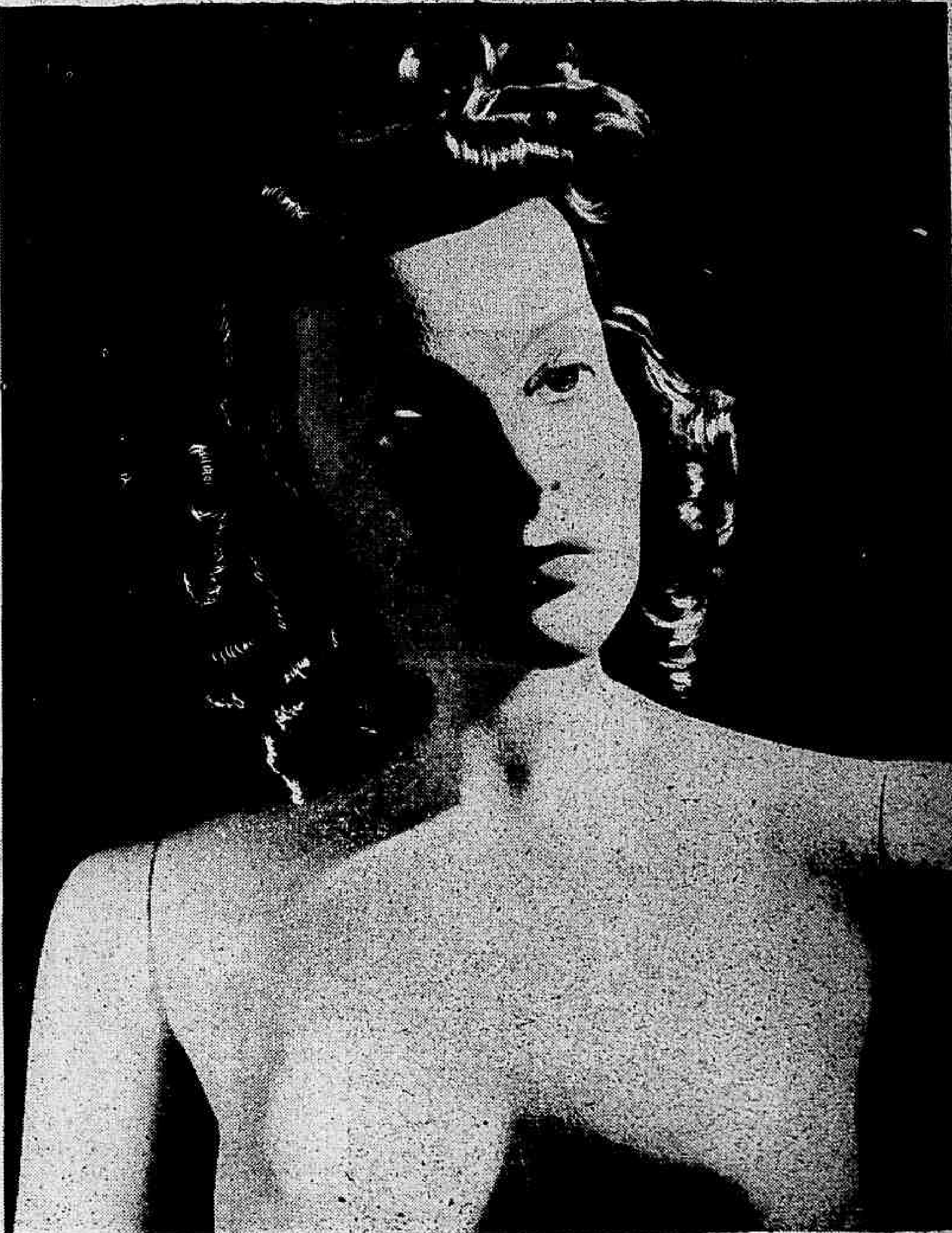
MORENA...



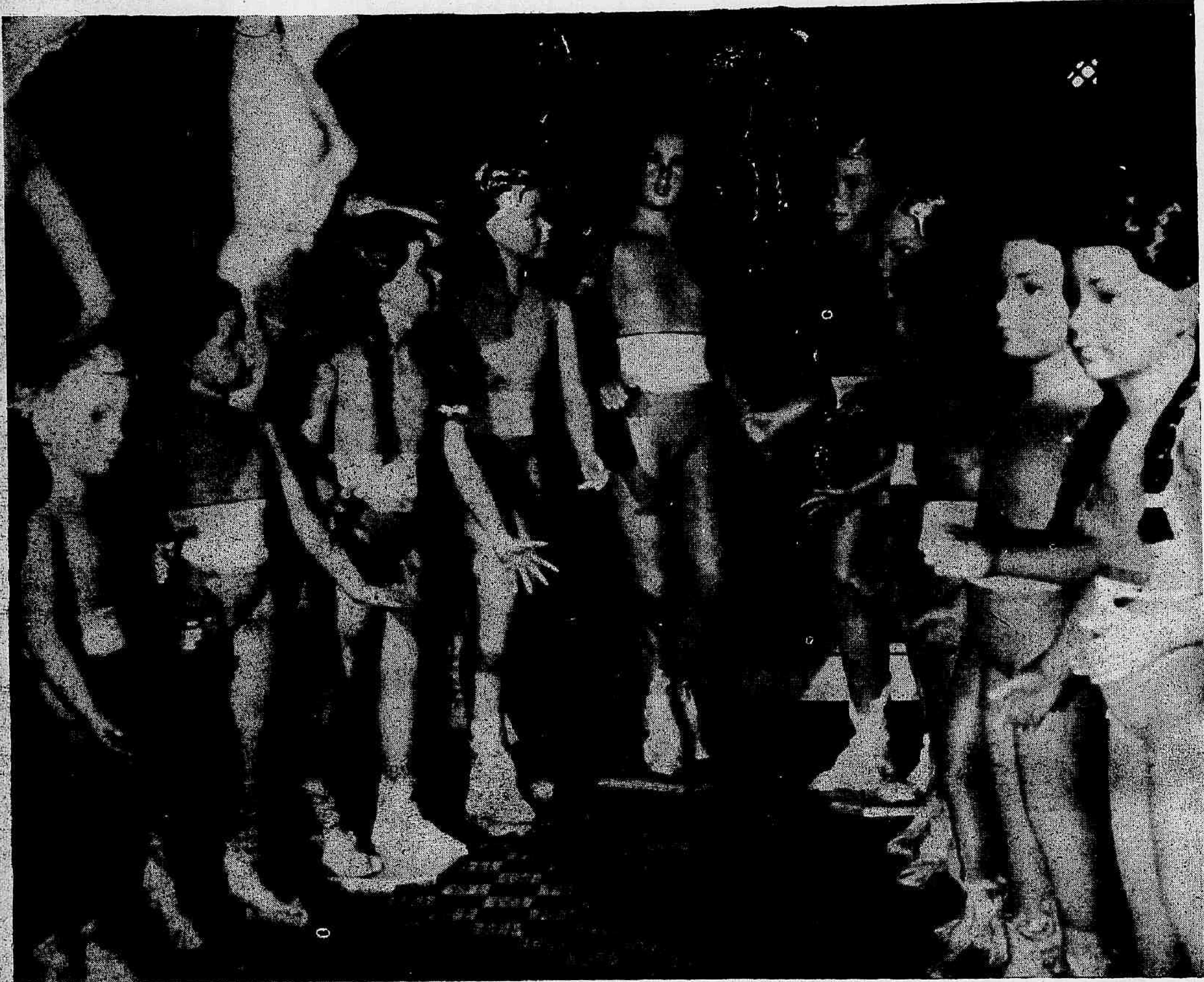
...OUR...



RUIVA...



CASTANHA...



ELAS: NENENS, BROTINHOS E BALZAQUEANAS



ELES: DOS PIRRALHOS AOS "TARZANS"

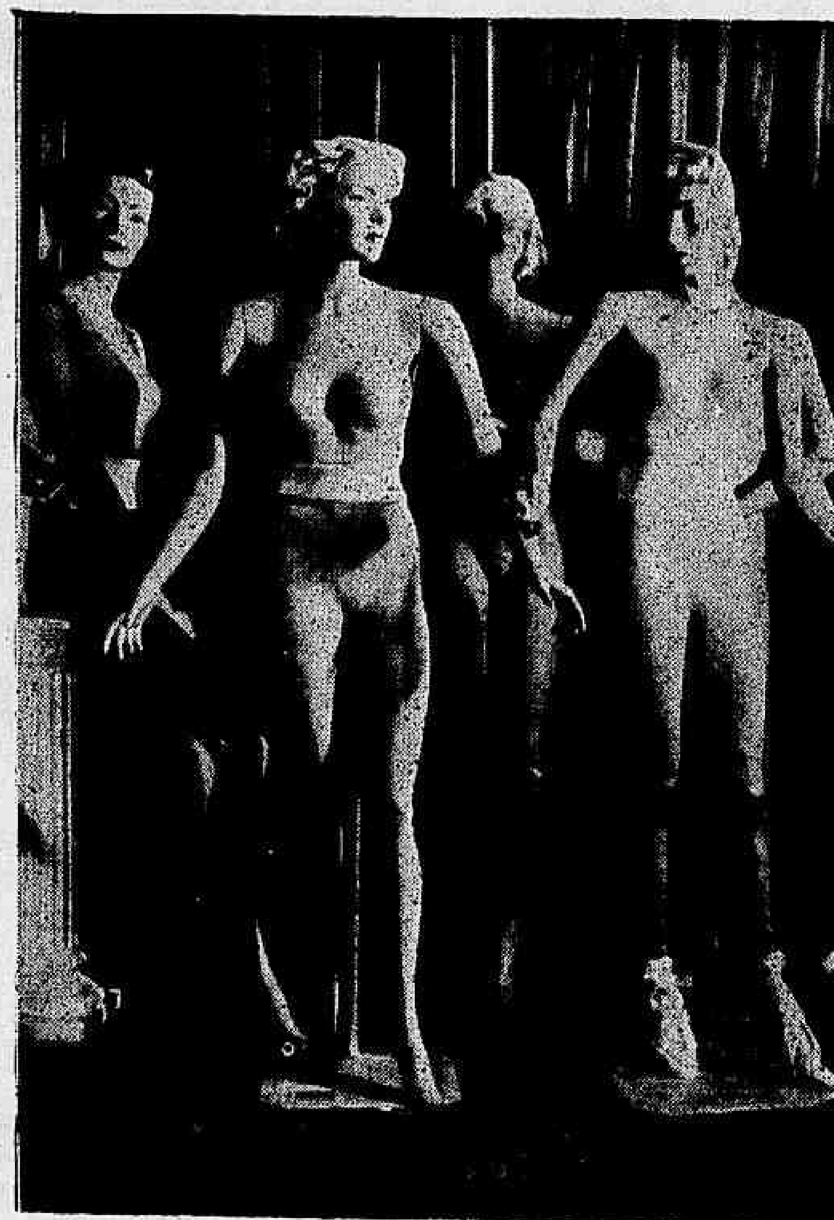
modo a reproduzir quase fielmente o corpo humano. Não mais aquelas figuras mutiladas, estáticas, de olhos arregalados, lembrando mais autômatos do que pessoas. Agora os manequins possuem movimento, graça, naturalidade, enfim, alcançaram uma certa perfeição. Sim, perfeição, deveria ser essa a causa pela qual os mostruários provocam a atenção do povo. Observando melhor, reparamos que as características dêsses modelos inanimados, apesar de pertencerem a lojas diferentes, eram iguais. Isto queria dizer que a procedência devia ser a mesma. Por trás de tudo devia haver alguém responsável por essa transformação.

★

Nessa altura, já como repórter, nossa curiosidade foi redobrada, pois vimos no assunto motivo e matéria para uma reportagem. Resolvemos, portanto, agir, certos de que estaríamos plenamente de acôrdo com a finalidade informativa da mesma, já que iríamos abordar um assunto que nos havia interessado como simples homem de rua, e que, pelo fato de chamar a atenção de dezenas de pessoas no bulício das ruas, deveria provocar naquelas, perguntas idênticas às nossas. De quem seriam as hábeis mãos responsáveis por êsse melhoramento artístico das lojas cariocas? Quem teria gôsto e coragem suficiente para pôr a arte a serviço do comércio e da indústria, embelezando as vitrinas? Onde estaria localizado o laboratório e qual seria o segrêdo daquelas belas criações? Será que os leitores nunca se perguntaram isso? Pois foi o que fizemos também e não descansamos até conseguir as informações necessárias.

★

Primeiro veio um nome, depois uma profissão. Apresentamo-nos no endereço fàcilmente obtido. O ambiente reforçou a primitiva impressão de que haveria um artista orientando a criação dos manequins, estávamos num "atelier" de escultor. Em meio à confusão, que deve ser peculiar a todos os "ateliers", divisamos estátuas, desenhos, esboços, maquetes, ferramentas e pincéis es-



PARIS? NOVA YORK? NÃO, MADE IN RIO DE JANEIRO!



QUAL A MULHER QUE NÃO DESEJARIA TER ESSAS FORMAS?



MADAME ESTA DE VISITA...



...FOI A UMA FESTA

palhados, um estrado para a modêlo posar e tudo o mais que completa o lugar de trabalho de um artista. O nome dêsse artista: Matheus Fernandes. Escultor, expositor em vários salões do Museu de Belas Artes, laureado duas vêzes, desenhista, cenógrafo, membro de juri em concursos de beleza, como o da Miss Brasil, dos préstitos carnavalescos, tendo ligações com o cinema e o teatro nacional, há alguns anos vem se dedicando a uma nova atividade.

Acolhida a idéia da reportagem, percorremos as dependências do "atelier" em companhia do escultor, que, aos poucos, ia nos explicando seu ponto de vista sôbre sua própria obra. À nossa pergunta, respondeu que êle, como artista, em absoluto não se sente diminuído pelo fato de se dedicar a um trabalho que, na realidade, é uma pequena indústria. Não deixa de ser uma fabricação estandardizada de um original. Mas justamente êsse original, isto é, o principio de suas criações, é que requer tôda a capacidade artistica do escultor. Nos depósitos, o que mais nos impressionou não foi a quantidade das peças e sim sua enorme variedade, desde as figuras humanas aos animais domésticos, dos troncos de árvore personificados aos objetos de fantasia, cheios de volutas, rosáceas e fôlhas de acanto.

Pedimos detalhes sôbre a fabricação das diferentes peças e o sr. Matheus nos fêz a vontade permitindo-nos assistir à criação de um manequim, desde o esbôço inicial. Êste é feito por meio de desenhos, para estudar os minimos detalhes quanto à posição. Em seguida é chamada a modêlo para posar. O trabalho de modelagem é igual a qualquer outro tipo de escultura. E' arte, pura arte. A modêlo é escolhida entre as mulheres-manequins. Alta, proporcionada, esguia, longilinea, de quadris estreitos. O tipo clássico da modêlo à la Vênus de Milo não serve por ter o corpo rechonchudo demais, o que prejudicaria sensivelmente a exposição dos artigos, uma vez pronto o manequim. Nós acreditávamos o contrário, nunca supusemos que uma das obras-primas da estatuária mundial não pudesse ser usada como manequim.

— Uma vez — explicou o sr. Matheus — foi procurado por um lojista que me pediu para fabricar um manequim da modêlo que êle mesmo apresentava: a secretária dêle. Fiz como mandava e o manequim saiu lma verdadeira estátua, pois a secretária era de fato muito bonita. Na hora de vestir, porém, é que ficou provado meu ponto de vista. A roupa não caia bem, como o teria feito se o manequim possuisse as linhas decorativas que eu lhe dou. A própria modêlo, não gostando da "estátua", mandou destrui-la.

Pedimos ao escultor que nos explicasse mais claramente qual era a causa dêsse fato, e êle assim disse:

— A causa é a falta de estilização do manequim. As formas compridas e esguias, além de estarem na moda e representarem o que a maioria das pessoas desejaria ter, são mais fáceis de se vestirem. Um sapato, por exemplo, não entra num pé de manequim de medidas exatas ao original. O pé humano amolda-se, curva-se, cede ao ser calçado. O do manequim, ao contrário, não sendo de matéria elástica, oferece resistência, tornando necessário o afilamento de sua forma para ser calçado. E assim, com o resto do corpo.

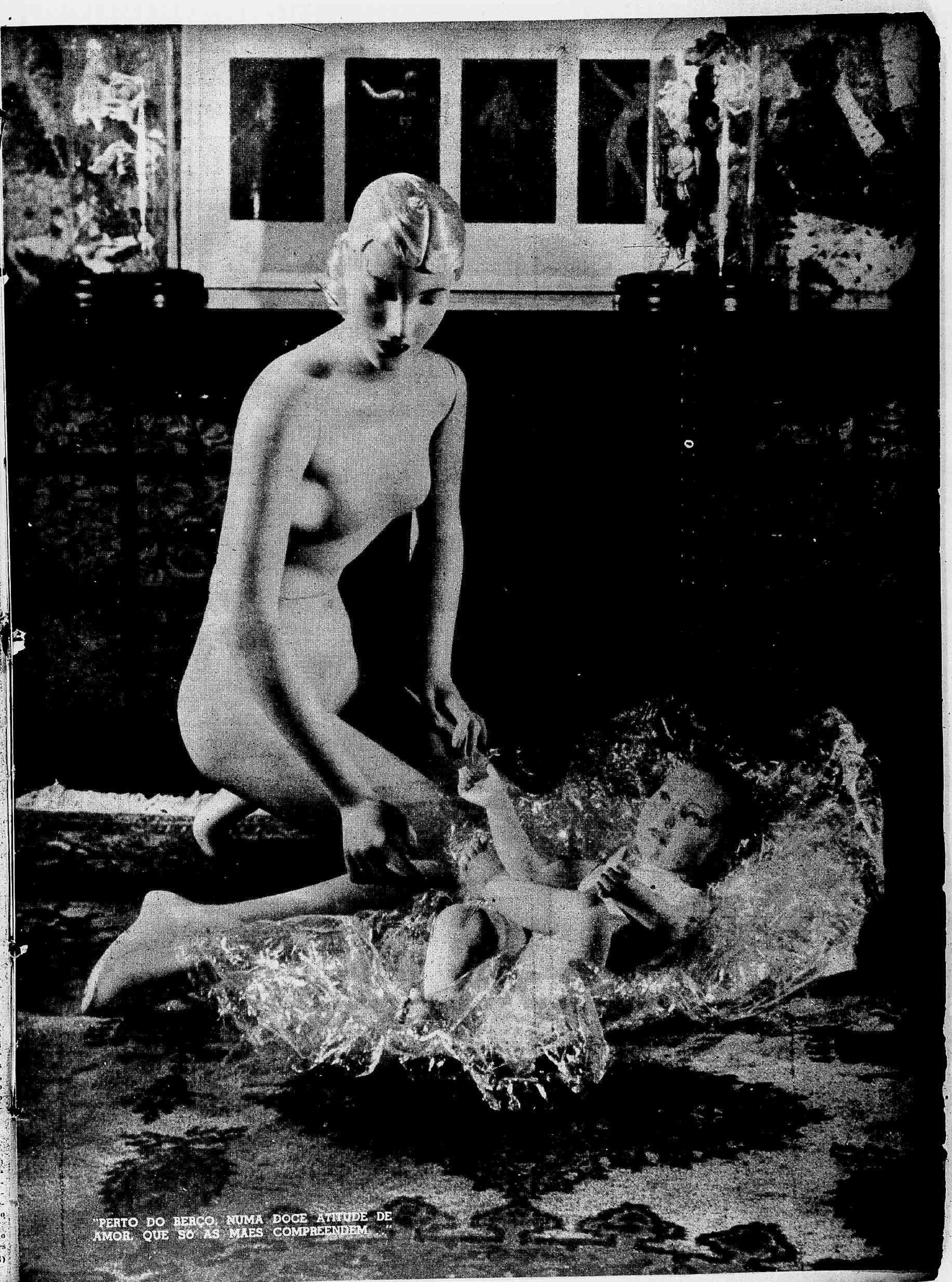
★

Nós pensávamos que para fabricar um manequim fôssem apenas necessárias algumas fôrmas, em que fundir em série, com pouco trabalho, os bonecos que enfeitam as vitrinas. Em vez disso, tivemos provado o contrário, observando a atividade do escultor desde os desenhos iniciais, com a presença da modêlo, para estudo da pose.

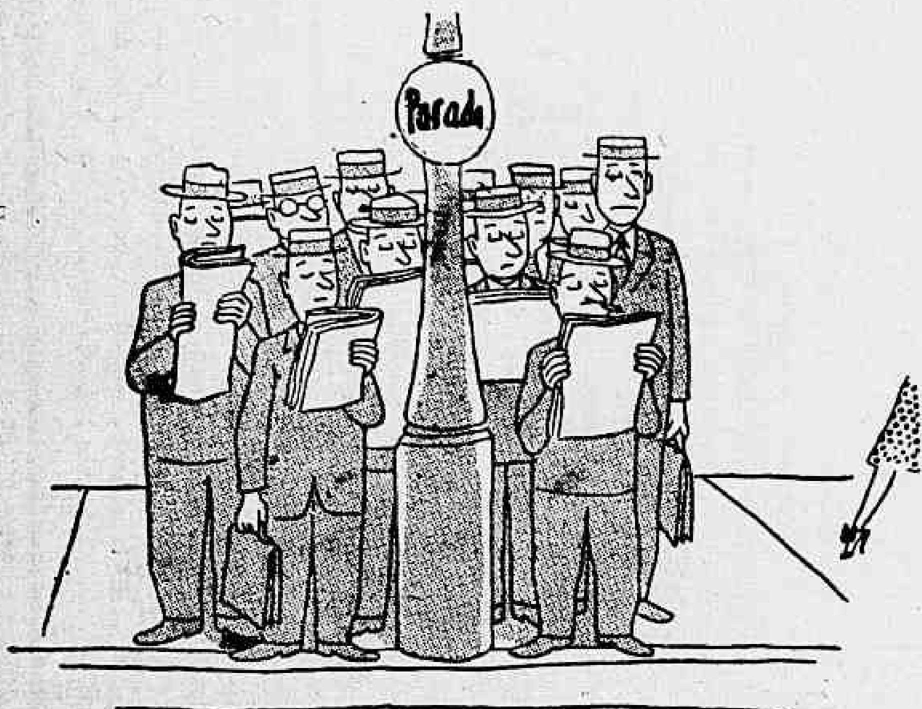
Uma vez escolhida esta, foi armado o esqueleto do manequim. Já tiveram oportunidade de ler os romances

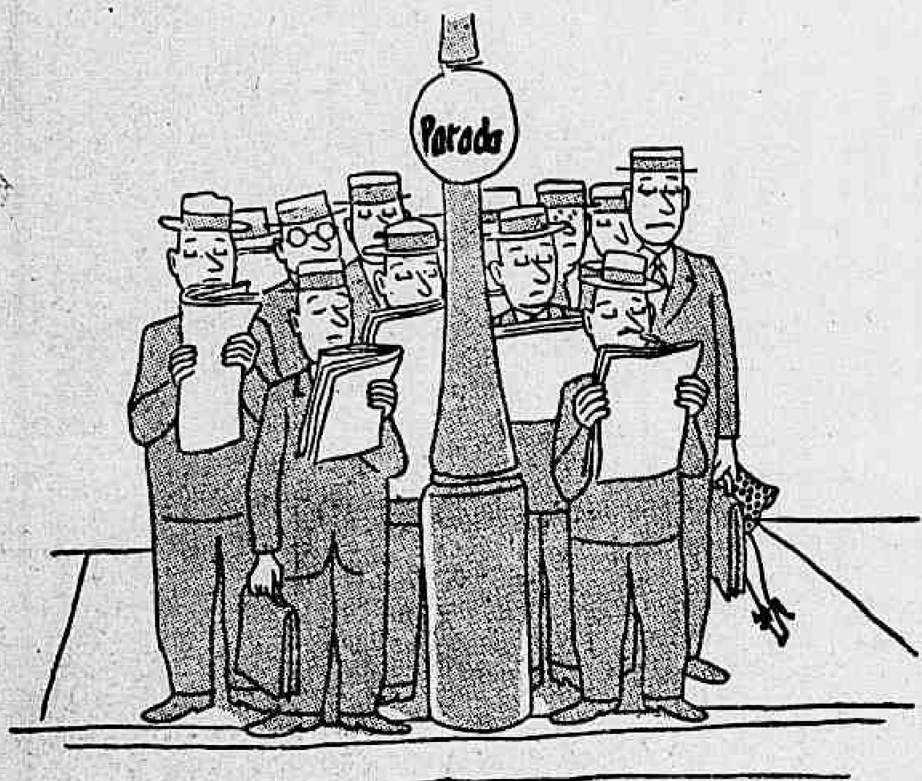
(Cont. na pág. 46)

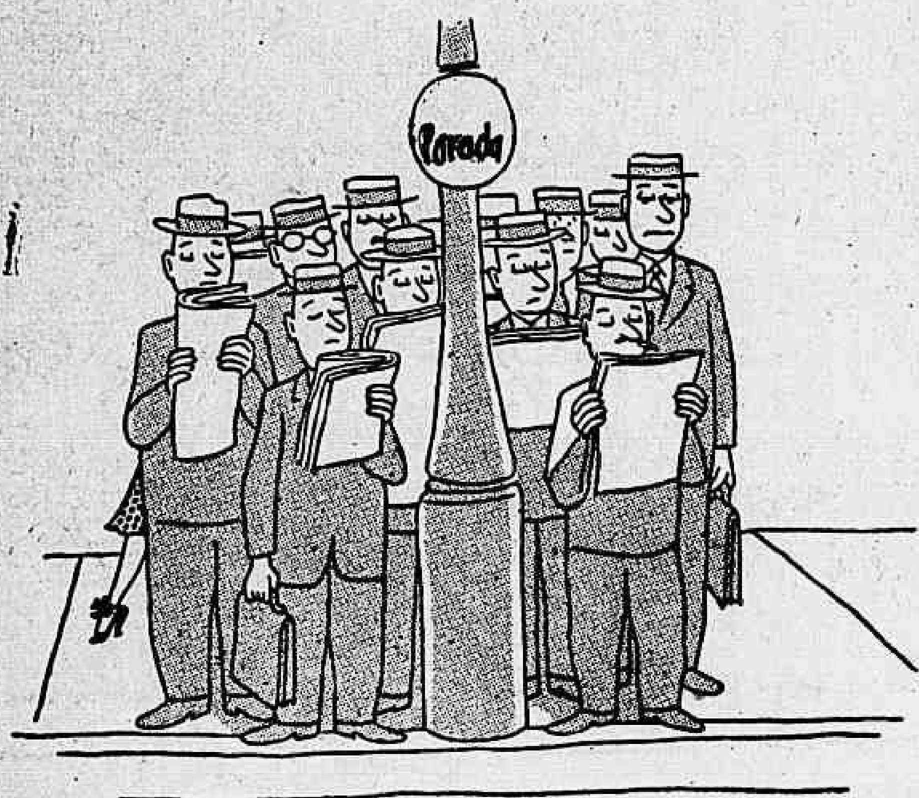
ELA E OS "DISPLAYS"

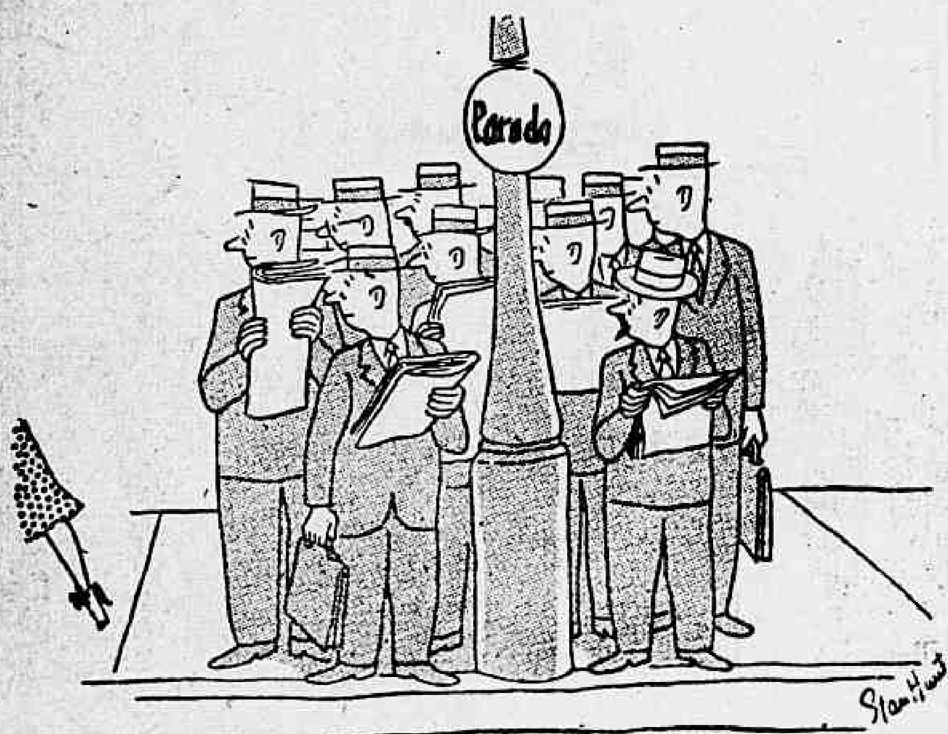


"PERTO DO BERÇO, NUMA DOCE ATITUDE DE AMOR, QUE SÓ AS MÃES COMPREENDEM..."





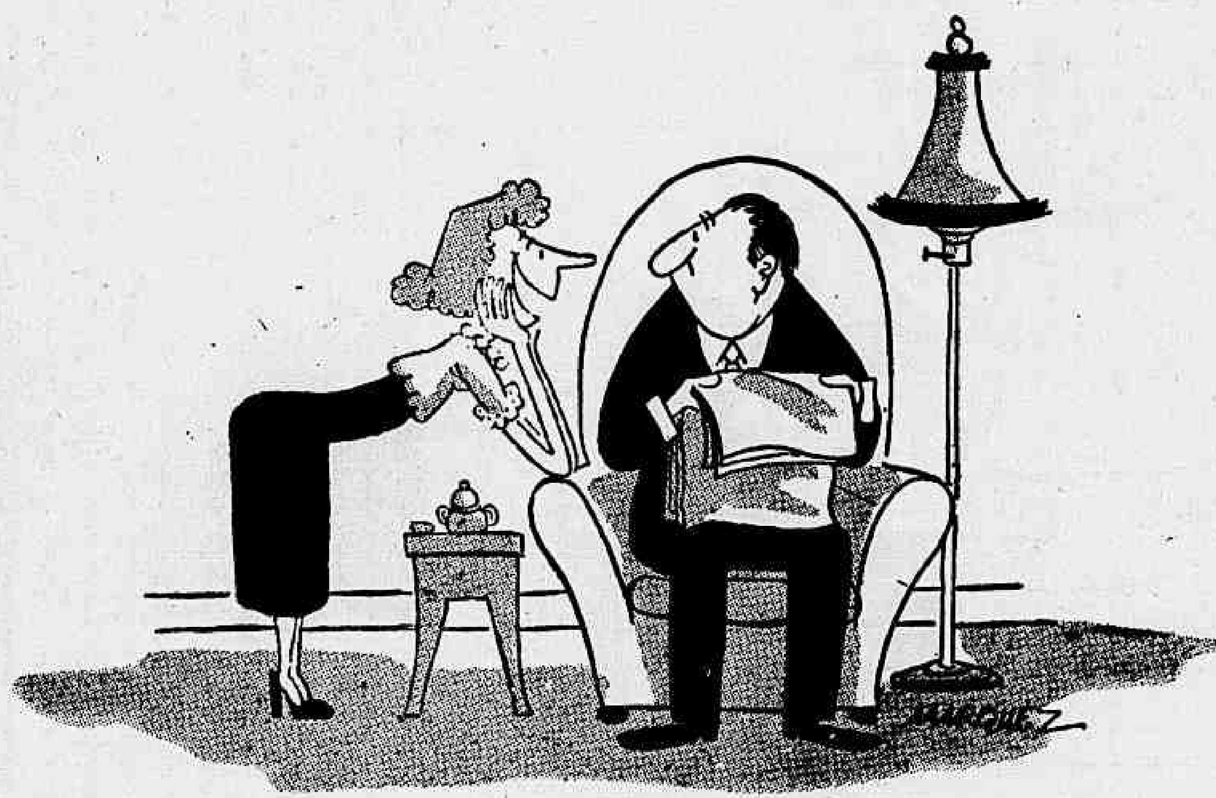




BOM HUMOR



— O maior êrro do nosso amigo Malaquias foi o de ter se casado com uma mulher inteligente.



— Se eu tivesse que repetir tudo de novo, tornava a me casar com você, sim, porque só você me falou nisso!



— Ora, Madame, esta é muito fácil; pergunte outra mais difícil.

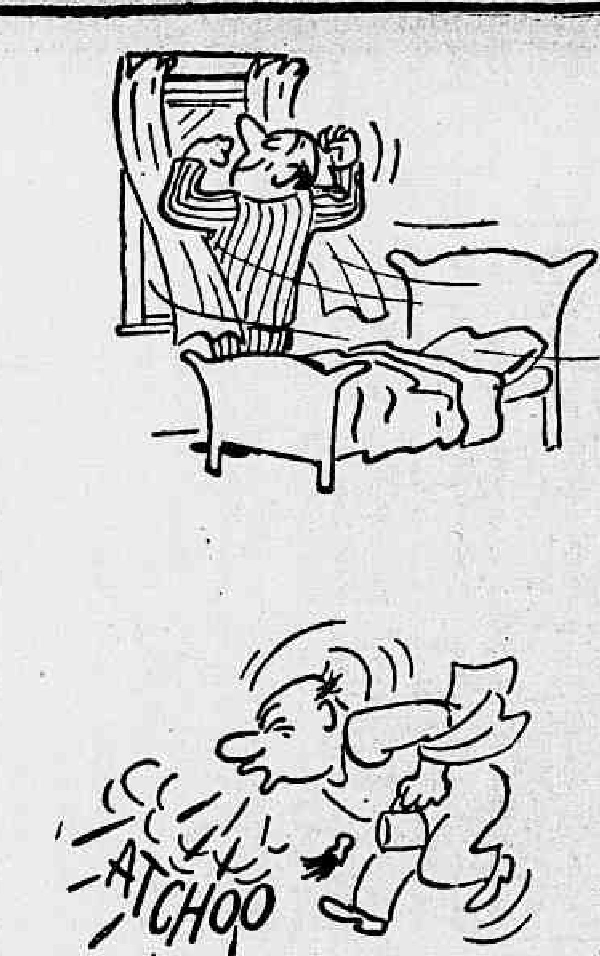


— Veja se êle ainda está aí!...



— Henry, ACORDE!!!



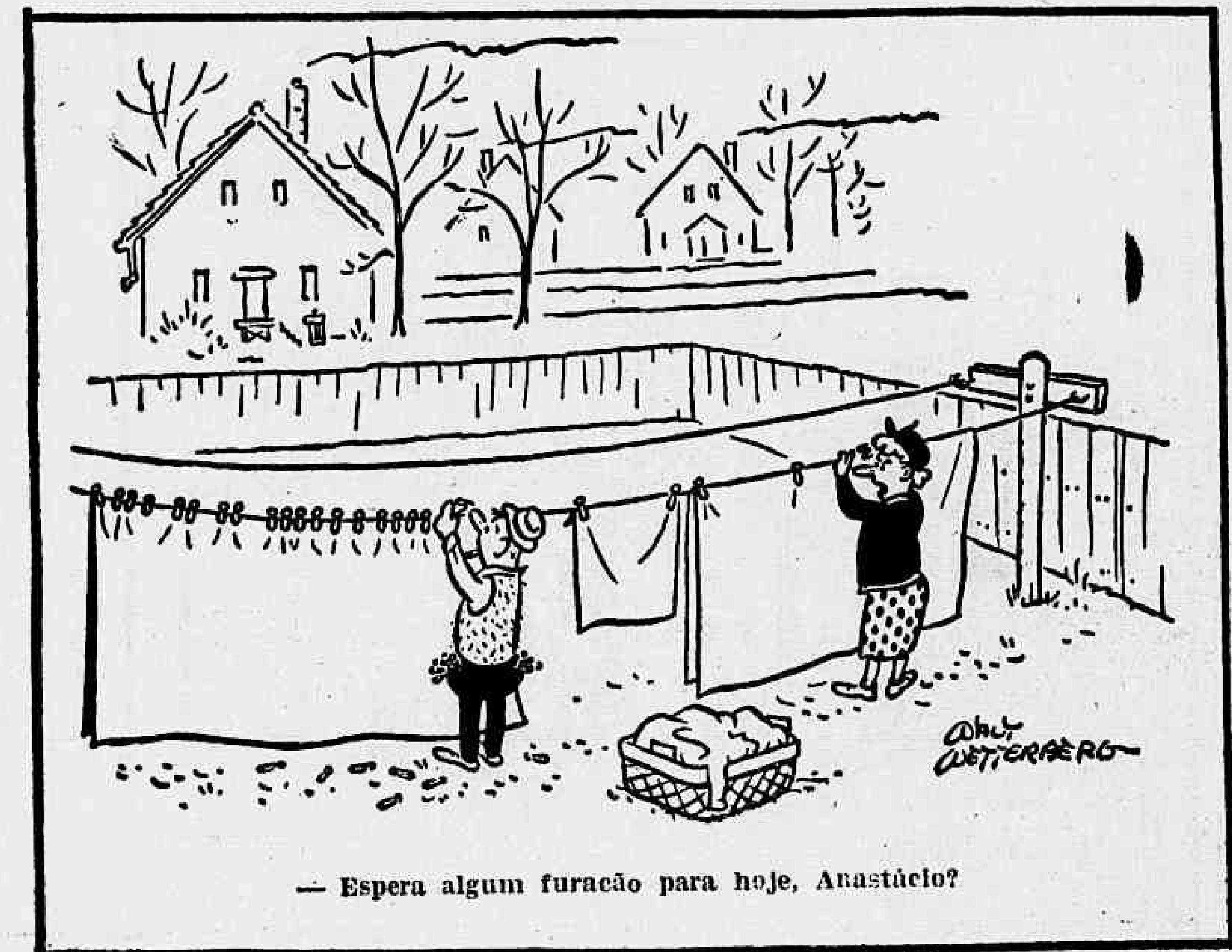




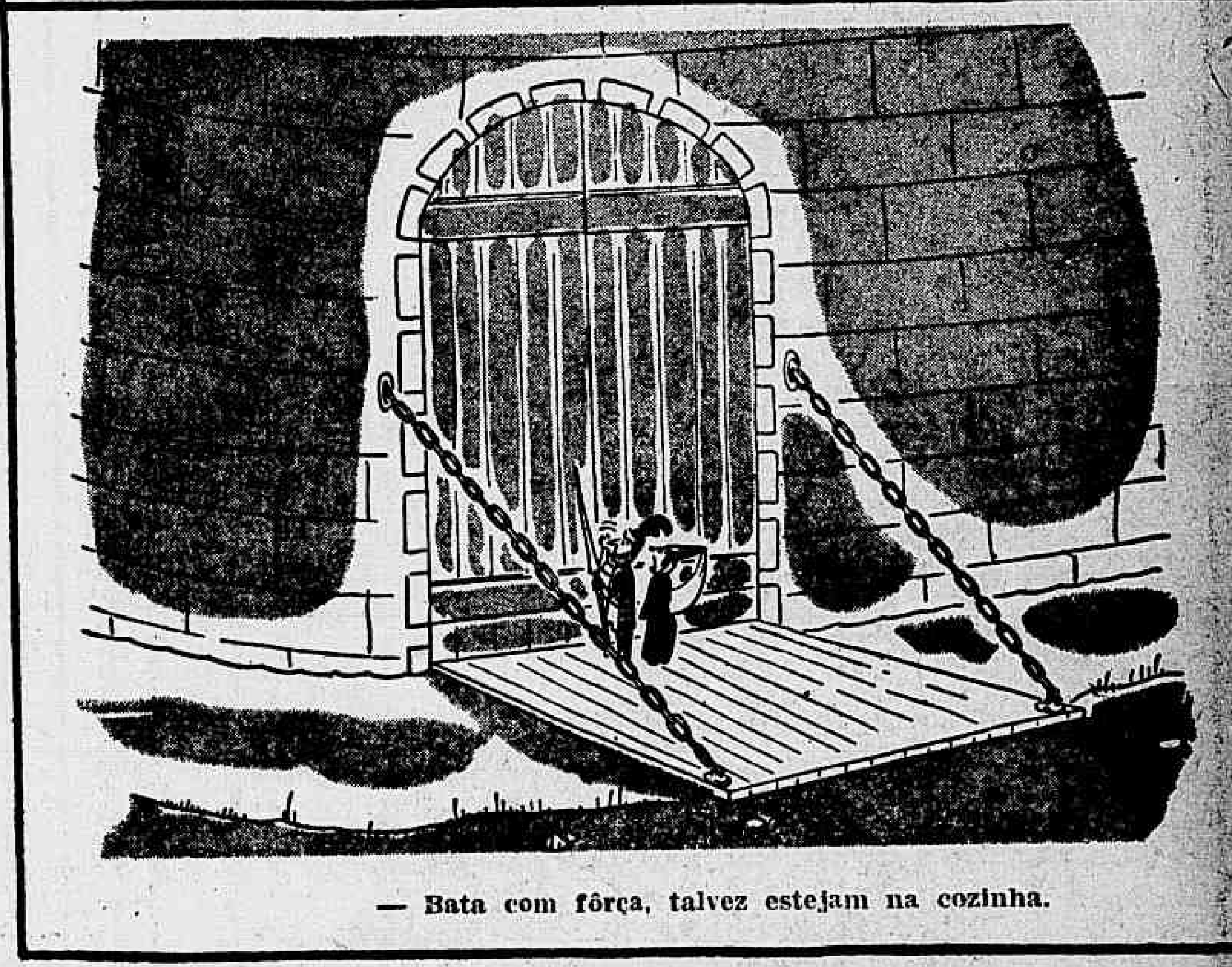




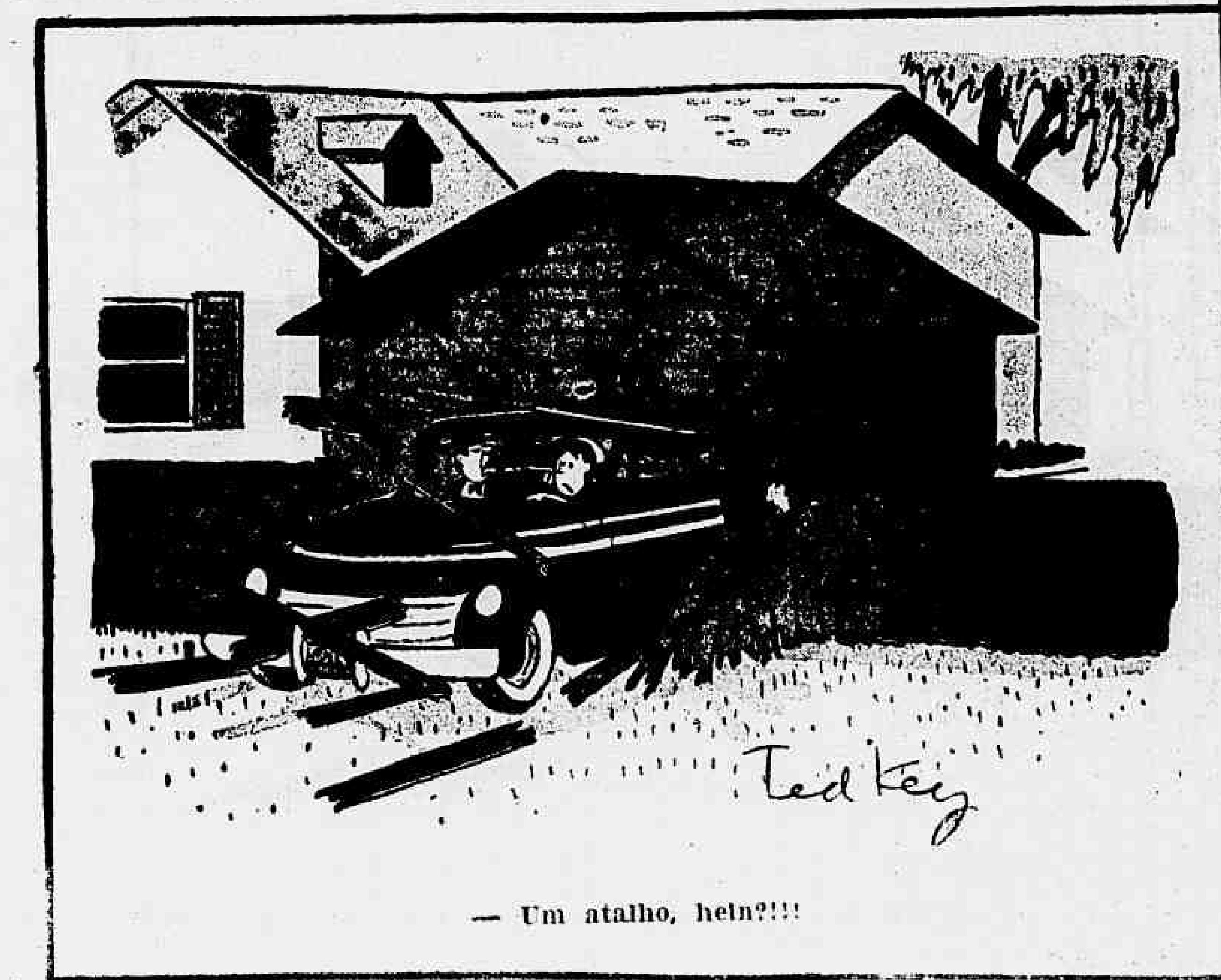




— Espera algum furacão para hoje, Anastácio?



— Bata com fôrça, talvez estejam na cozinha.



— Um atalho, hein?!!!



— Não imaginas a economia que faço com essa barba!

O LADRÃO DE CARTAS

NOVELA DE EUGENIO MORATO

TÔDAS as manhãs, sempre às mesmas horas, nunca faltava ao cenário da rua a presença daquêle misterioso carteiro. Misterioso, sim, porque em frente ao palacete do senhor Vilela, ao depositar as cartas, ficava êle de olhos fitos no varandim, como se procurasse alguém. E o seu pensamento, como um escultor, ia reunindo os fragmentos de uma estatueta de menina, dispersos num passado de circo de cavalinhos...

Êle bem conhecera, quando menina, aquela que hoje descia, às vêzes, ao jardim, como um pedacinho do céu, com aquêles cabelos sôltos e luzidios, iguais aos das virgens de Rafael.

Êle bem conhecera a vida de Clarina, a menina, equilibrista, filha adotiva do senhor Vilela, antigo palhaço de circo, tornado capitalista de um dia para outro.

No seu trabalho mental de reconstituição, o jóvem carteiro ficava a descobrir episódios comoventes para sua alma. Êle via Clarina, linda, miudinha, cabelo loiro-pálido, calção de cetim vermelho e blusa "lamé", a rodar pelo picadeiro do circo, em cima de uma bola multicor.

Outras vêzes, via Clarina a equilibrar-se no arame, suave como um vôo de andorinha, enquanto a banda do Nenén tocava aquela valsa "Sôbre as ondas", dos tempos dos luares e do amor.

E, então, lhe vinha uma saudade! Ah! nem sabia êle como contê-la.

No passado, ao ver Clarina, tôdas as noites, no arame, ou na bola, êle até se esquecia de que era vendedor de cartuchos dentro do circo. Nem se lembrava mais de gritar — "olha o cartucho de amêndoa!" Nem se lembrava mais dos pés-de-moleque da Sabina, nem dos biscoitos de polvilho da Beralda! E, às mais das vêzes, êle até voltava para casa ainda com uma porção de coisas na bandeija...

Se Clarina ao menos tivesse brincado com êle no passado, talvez reconhecesse agora aquêle Jerônimo vendedor de cartuchos de amêndoa.

Mas, que valeria isso? Um pobre distribuidor de cartas, que trabalhava para manter seus estudos, — só porque conhecera uma pequena de circo, poderia agora influenciar o coração dela, que se tinha tornado tão granfina?

Qual! aquilo nada mais era que um sonho da manhã, sonho de um carteiro apaixonado, que, no entanto, possuia uma alma não inferior à de Clarina, a pupila de um pantomimeiro de circo.

E assim devaneava, tôdas as manhãs, o carteiro Jerônimo, defronte do palacete do senhor Vilela.

★

Clarina estava enamorada, ao que parecia.

Uma vez por semana, ficava à espera de uma carta do namorado ausente. E, se essa carta, porventura, não aparecia no dia marcado, o olhar de Clarina como que se tornava agônico e profundo, e o carteiro Jerônimo, pesaroso na expressão, mas sorridente no íntimo, lhe dizia:

— Sua cartinha, hoje, não apareceu...

Clarina virava os olhos, indiferentemente, e entrava.

Três semanas se passaram sem que ela recebesse uma só carta. Seu coração como que apertava... Já não tinha nem jeito de sorrir.

Algo estranho devia estar sucedendo às pobres cartas de amor.

Clarina passou telegramas. Obteve resposta: o namorado continuava escrevendo. A culpa não era, por conseguinte, dêle. Tais extravios seriam devidos, naturalmente, a um descuido no serviço postal.

Chegou a tal ponto a ausência de cartas, que Clarina desceu, certa manhã, ao encontro do carteiro e lhe perguntou:

— Por que não recebo mais a minha carta, senhor carteiro?

Jerônimo, meio confuso, talvez porque Clarina lhe falasse pela primeira vez, respondeu:

— As chuvas, senhorita, as chuvas...

— Que chuvas! se há dois meses eu recebia normalmente essas cartas!

— Afinal, os homens são meio variáveis, senhorita...

— Afinal, não estou pedindo a sua opinião sôbre os homens.

Jerônimo nada retrucou. Deu se pressa em deixar a rua e foi ao Jardim Público, para pensar um pouco e tramar em segrêdo.

Com efeito, era razoável a suspeita de Clarina. Enfim, que tinha êle que ver com as cartas amorosas dela? Tinha muita coisa. Quando guri, êle a adorara como menina de trapézio, e agora, ao reencontrá-la, sentia um frenezí no coração. Estava traumatizado de amor por aquela ventoinha, pupila de um pelotiqueiro de circo.

Mas, que direitos lhe assistiam para andar furtando as cartas de Clarina? Ciúme?... Despeito?...

Fosse o que fosse, O certo era que ali se via um carteiro perdidamente apaixonado, como noutros tempos, pela mascote do circo do senhor Vilela. Quanto mais nela pensava, tanto mais sonhador, tanto menos feliz.

— Clarina não receberá mais aquela carta... — dizia-lhe a consciência. — Hei-de ler tôdas e queimá-las direitinho...

E, ao violar uma carta, a consciência prosseguia:

— Vamos, Jerônimo! Vejamos o que êsse namorado idiota diz... Esse homem não é para Clarina... Ela é espiritual, romântica... Foi feita para você... Com um Jerônimo, essa criatura teria outra alma... Vamos, Jerônimo, queime mais esta carta... isso não é crime... Isso é amor, e alguém já disse que dêsse amor se vive e morre, e nêle se perdôa tudo... Queime mais esta... queime mais esta...

E, trêmulo, acendendo um fósforo, Jerônimo reduzia a cinzas mais uma carta de amor.

E sorria...

★

Era domingo de Carnaval.

Os salões daquela "boite" esplendiam lá no alto, mais perto das estrêlas.

Crescia, por entre balões suspensos e luminárias de oiro, o delírio dos sentidos, na efluência de éter dos lilazes...

No meio das côres, Clarina surgiu, tôda a esvoaçar em sua maravilhosa fantasia de rendas de Chantilly.

E êis que o "Bando da Lua" começa a tocar um "samba do morro", e, repentinamente, um cavalheiro de máscara enlaça Clarina para a dança.

Era um príncipe indiano na fantasia.

Mal entraram a volutear, Clarina observou:

— Não costumo dançar com estranhos...

— Em baile de máscaras, todos são estranhos, Clarina.

— Como sabe meu nome?

— Conheci você no meu passado...

— No seu passado? Quando?

— Quando você era menina e se equilibrava em cima de uma bola a rodar.

— Então o príncipe me conheceu no circo?

— Sim, e tenho saudades. Eu era vendedor de cartuchos... E... por que não dizer? — era doido pela menina da bola! Não perdia um espetáculo, sòmente para vê-la.

— Que tolice, homem!

— Podia ser tolice, mas eu gostava de quando você era aquela menina...

— Pois, francamente, não gosto do meu passado.

— Mas foi por êle, Clarina, que a sua vida se encheu das belezas que tem agora.

— Hum! Vejo que o príncipe quer parecer Oscar Wilde, ou esteve sorvendo éter...

— Não, com a fascinação dêste encontro, pareço mais aquêle pobre faroleiro de Kipling, que, enclausurado em sua tôrre por longos anos, jámais tinha conhecido os prazeres da vida. E, numa noite, ao divisar um esplêndido baile de carnaval em um transatlântico que passava ali próximo, ficou tão pesaroso de não ter sabido aproveitar a sua mocidade, que enlouqueceu, apagando o farol e deixando que o navio naufragasse nas trevas, entre os recifes da costa.

— Então, seu caso é muito mórbido, príncipe... Tire a máscara, deixe-me vê-lo. Já estou ficando curiosa.

— À meia-noite, Clarina, todos tirarão as suas máscaras. Espere por mim a essa hora.

O príncipe indiano, ao terminar aquela dança, afastou-se da mocinha e mergulhou na turba, furtivamente, como um Gato Borralheiro...

Clarina ficou suspensa, como num êxtase. E, impressionada com o fidalgo, chegou mesmo a procurá-lo, disfarçadamente, pelos salões. Não o encontrou. Tinha, porém, esperanças de revê-lo à meia-noite.

Chegada essa hora, tiraram-se as mascaras. Mas o príncipe não apareceu.

★

No baile da noite seguinte, Clarina reapareceu qual uma visão fluídica e esvoaçante. Mas boiava em seus olhos um não sei quê de queixume. Aquêles olhos, certamente, haviam piscado a noite inteira, aos vai-vens da insônia.

Teria ela esquecido o namorado ausente? Por que tamanha inquietude no olhar? Decerto que a figura de um desconhecido lhe andava bailando no pensamento. Não sabia por quê. Talvez porque êsse desconhecido lhe tivesse contado um pouco de sua vida de menina de circo.

Embora rodeada de galãs, tinha os olhos ansiando por alguém. E quem seria êsse alguém senão aquêle homem fantasiado de príncipe indiano?

Mal começara a bailar num "cordão", a jóvem foi surpreendida pelo simpático príncipe, que lhe borrifou um bocado de éter nos cabelos de oiro.

— Pensava agora em sua fuga de ôntem... — disse ela ao fidalgo. — Quem é você que conhece tão bem o passado da gente?

— Quem o conhece é a saudade de quando você era de circo, e eu era vendedor de cartuchos...

E, com um gesto amável, o desconhecido beijou a mão de Clarina. Convidou-a muitas vêzes para dançar. Passou, depois, muitos momentos felizes com ela, numa confidência tôda sentimental.

Mais tarde, dizendo que voltaria ao salão antes da meia-noite, beijou-lhe novamente a mão e sumiu-se no meio da mascarada.

Clarina esperou-o em vão. Mas fez que não havia sentido a falta do príncipe. Continuou nos folguedos, bailando e sorrindo.

Quando, porém, voltou para casa, sentiu como que um rebuque afetivo a machucar-lhe o coração.

★

No festim carnavalesco da última noite, tôda a "boite" fremia em côres e sons. Um delírio para a bôca, ouvidos e olhos...

Clarina, ansiosa, já esperava pelo príncipe. Aquêle estranho homem lhe trouxera certo encanto, e ela queria vê-lo novamente. Mas êle tardava. Já era mais de meia-noite, e o personagem oriental ainda não havia aparecido.

Cansada de bailar e inebriada de éter, ela deixou o "cordão" e se encaminhou ao gradil do terraço, para sentir o ar fresco da noite. Ergueu o olhar às estrêlas. Sentia-se sòzinha como aquêle menino gigante da madrugada... Não se lembrava mais de cartas perdidas.



(Cont. na pág. 46)

FEMINILIDADE

LILI, a figurinista parisiense, que está revolucionando Hollywood com seus modelos e suas entrevistas, abordou recentemente o tema da feminilidade — falando sôbre moda, amor e sexo.

A figurinista parisiense, cujas criações audaciosas têm dado muito que falar na cidade do cinema, fêz sérias objeções à moda cinematográfica que os filmes de Hollywood vulgarizam pelo mundo, prejudicando as mulheres pela falta de gôsto, de seleção, de "sex appeal" e de feminilidade. E não há como negar certa razão a Lili, em todos êsses casos.

À moda cinematográfica, copiada em grosso pelas freqüentadoras de cinema, preside, sobretudo, um espírito de censura!

Como criar modelos ralmente atrativos — indaga Lili — se os produtores têm que contar com a tesoura dos censores de filmes? Daí essas criações sem inspiração e sem beleza que vulgarizam as estrêlas, dão-lhes um ar "standard" e grave, mesmo quando seus papéis são o oposto do que elas vestem. Êsse critério de vestir as heroínas de acôrdo com o seu estalão psicológico não passa pela cabeça de nenhum figurinista de Hollywood.

Mas, não é só. Habituadas a êsses padrões vulgares, fora da tela as estrêlas não são mais elegantes. Às festas e reuniões vão vestidas em trajes de mau gôsto, vulgares e sem originalidade. Na intimidade e nas outras horas do dia, metem "slacks" e "sweaters", às vêzes cobrindo essas roupas de esporte com custosos casacos de péle!

Lili culpa Hollywood pela difusão das roupas que privam as mulheres de sua feminilidade, tirando-lhes a atração própria do sexo, do *maillot* ao *robe de soir*. E, então, declara que não sabe porque uma garôta de Universidade deve andar sempre de calças compridas, ou de meia canela, e as secretárias sempre em costumes severos ou em saia e blusa. Isso determina um cada vez maior culto do mau gôsto, com o uso e o abuso das roupas não feminis, quando o legítimo será que as mulheres se vistam sempre elegantemente, femininamente.

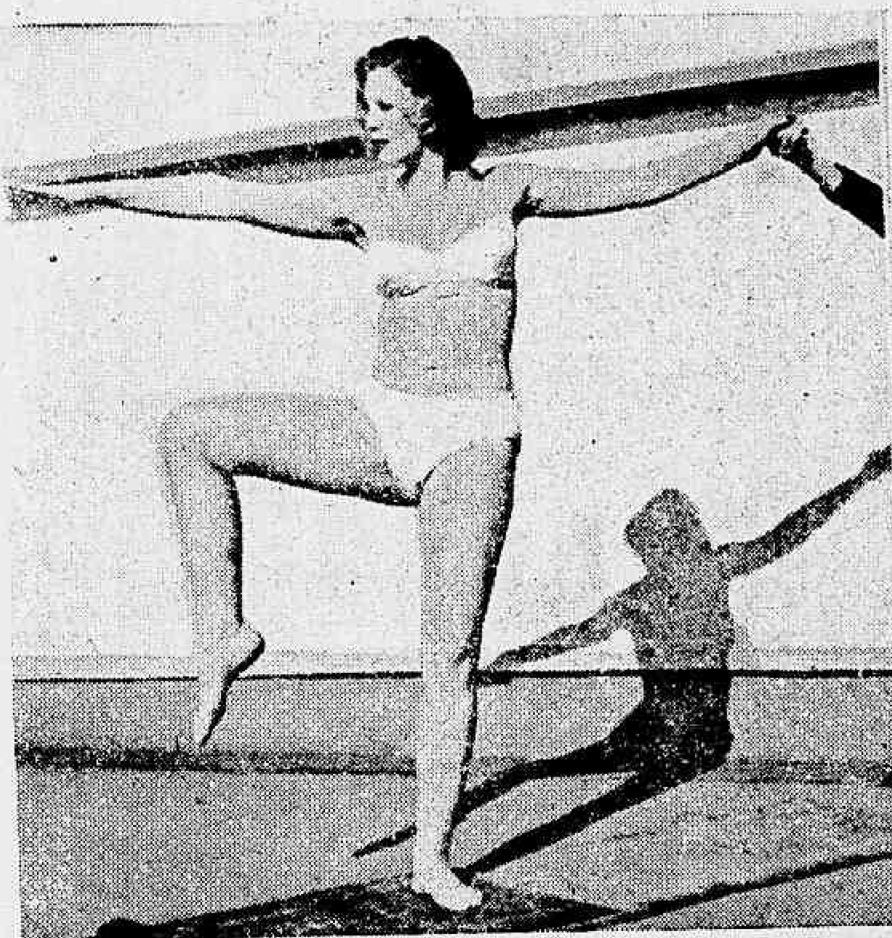
Hollywood quer convencer ao mundo de que os trajes nada têm a ver com o sexo e com o amor. Muito pelo contrário — proclama a modista de Paris — os trajes visam a valorização do sexo e seu objetivo é a conquista e a conservação do amor. A mulher deve estudar suas qualidades pessoais e colocá-las em evidência, por meio de vestidos. Evidenciá-las exatamente para atrair os homens, poder escolher o que lhe convenha e, em seguida, conservá-lo prêso aos seus encantos.

Sobretudo, sejam feminis, da cabeça aos pés — adverte Lili. Nada de sapatões anti-estéticos, de soquetes bizarras, de calças compridas, de blusões e outras barbaridades. Vistam-se sempre femininamente, com vestidos graciosos, calçados atraentes, meias finas, jóias, etc. Assim poderão ser consideradas pelos homens sob um ângulo melhor e só assim encontrarão o amor.

Lili, finalmente, responsabiliza a moda feminina americana por ter feito dos Estados Unidos o país do divórcio. — *Luso.*

PARA REDUZIR O ABDOMEN

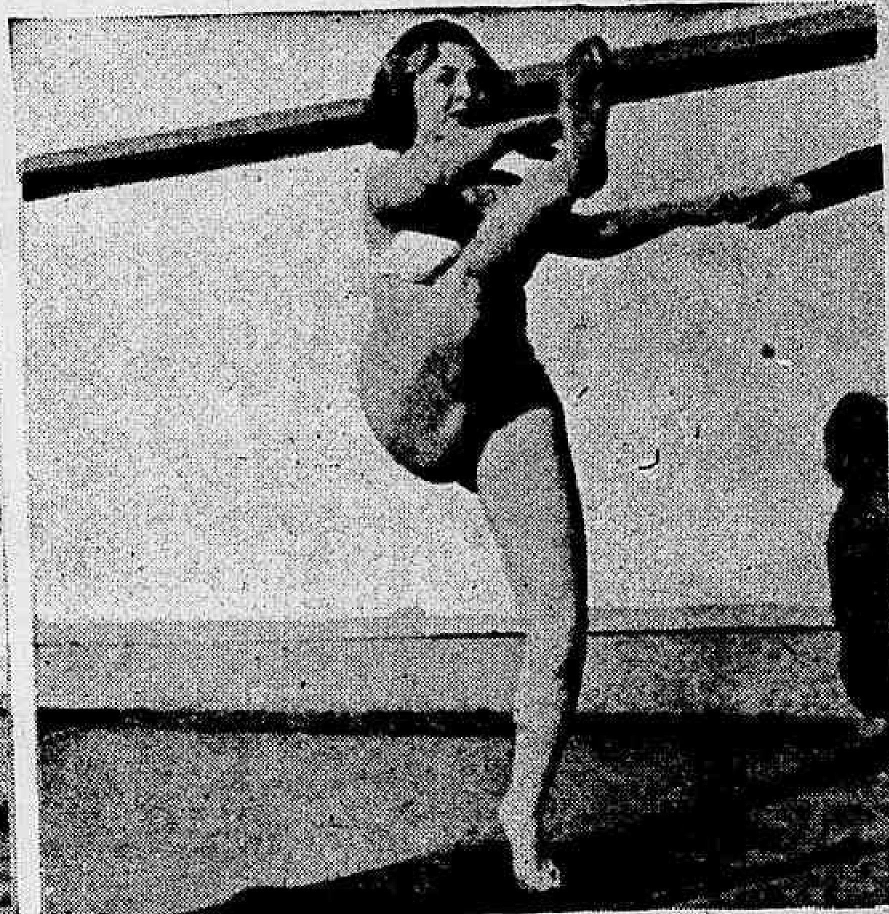
OS exercícios aqui apresentados hoje, são excelentes para a redução do abdomen, cintura e firmeza das pernas. Deverão ser executados com o auxílio de uma barra, móvel ou de uma outra pessoa, como vemos aqui.



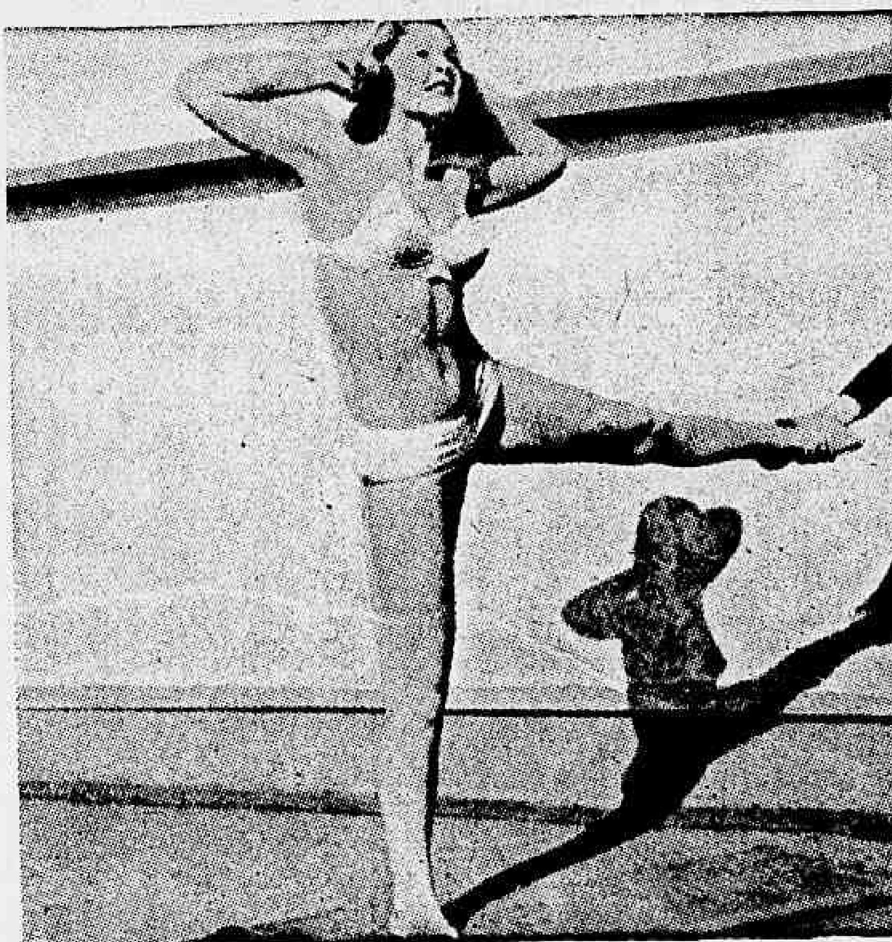


1 Posição inicial: Braços esticados, o esquerdo apoiado. Flexionar a perna direita e lançá-la para a frente até alcançar os dedos da mão livre também esticada para a frente. Inverter a posição.





2 Posição inicial: Braços para os lados, flexionar a perna direita para o lado e em seguida levantá-la o mais possível. Inverter a posição.





3 Posição inicial: Corpo bem direito, mãos na nuca, pernas em ângulo reto, a esquerda apoiada. Nessa posição executar flexões laterais o mais baixo possível. Voltar à posição inicial. Inverter.







VESTIDOS DE ALGODÃO





HÁ muita utilidade em um vestido de algodão, principalmente para quem trabalha fora, que precisa ter um sortimento de vestidos ligeiros. Damos aqui algumas sugestões, são todos modelos simples, mas de grande encantamento e servem para diversas ocasiões. Ao alto da página, dois modelos bastante originais e esportivos; à direita, modelinho para passeio. Em cima, três outros modelos de passeio, práticos e elegantes.



PARA a prática de esportes são necessários vestidos confortáveis e folgados. Êstes modelos são práticos, de corte simples e servem para esportes de campo ou de praia. As saias fartas para facilitarem os movimentos, os bolsos grandes e decotes amplos são as características dêste gracioso e esportivo modêlo.



VESTIDOS ESPORTIVOS





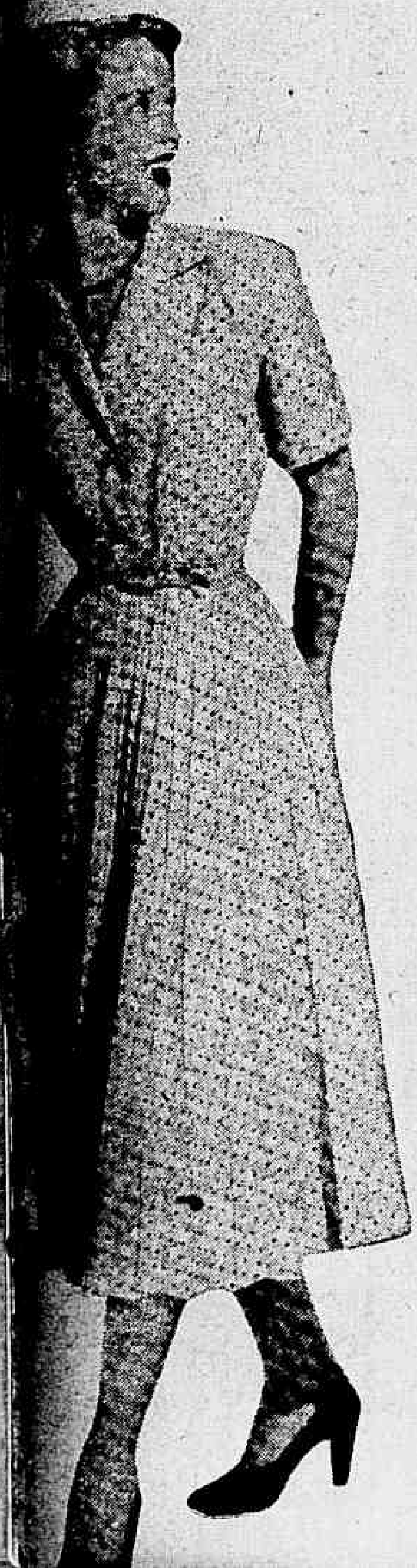






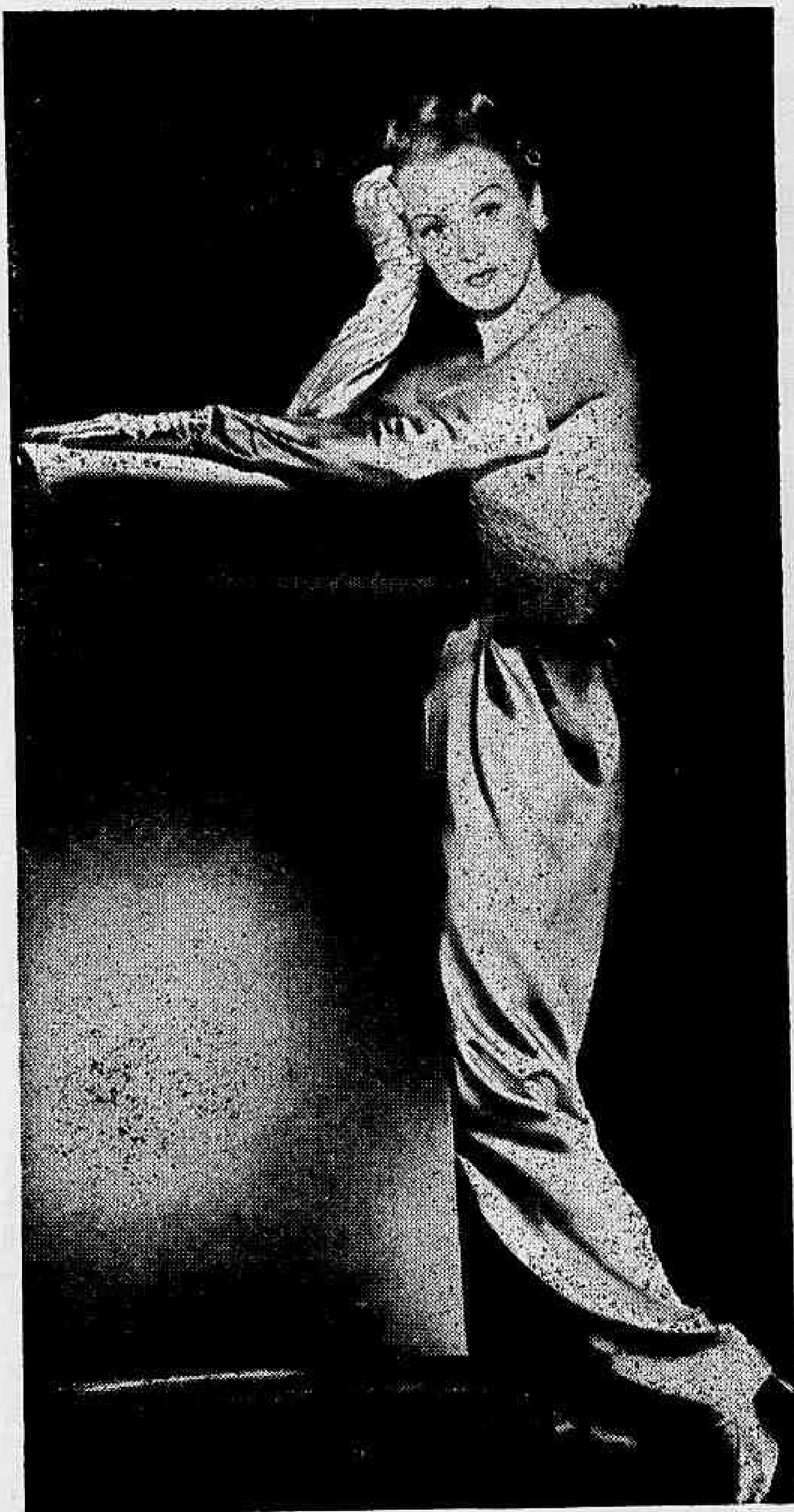
OS costureiros americanos são peritos em apresentar sugestões para trajes de mocinhas, sugerindo sempre modelos encantadores, em perfeito acôrdo com as suas idades. Estes vestidos provam a sua habilidade: são leves, simples, e por certo agradarão a tôdas. Os tecidos empregados são os mais variados possíveis, desde o algodãozinho estampado até a seda pesada, como é o caso do modêlo do canto direito da página, com vieses original monograma na gola.







SUGESTÕES PARA MOCINHAS



DE HOLLYWOOD

NOVAMENTE Hollywood nos apresenta algumas de suas interessantes sugestões. Ao alto, Even Arden (Warner) com um vestido para noite em lamé branco e renda. Em baixo, Virginia Mayo (RKO), apresentando um modêlo em tule preta, com aplicações, e, finalmente Lucille Ball (Metro) com um sugestivo traje para noite, em tule branca, com missangas prateadas.















EM DIA COM A BELEZA

A beleza feminina se modifica fundamentalmente quase que de dez em dez anos e em detalhes, de cinco em cinco. Os tratamentos de beleza tanto nos produtos empregados como na forma de sua aplicação, seguem também um ritmo de constante modificação. Há também cuidados especiais para cada hora do dia e "maquillages" especiais para tôdas ocasiões. E' preciso, portanto, que a mulher esteja sempre atenta, a fim de não ficar para trás no seu programa de beleza. Para um passeio pela manhã, acompanhando a simplicidade do "tailleur", um "make-up" discreto. Apenas "rouge" e "baton", em tons naturais. Penteado simples. Para o tênis ou praia, "maquillage" ainda mais reduzido. Os cabelos prêsos, enfeitados por uma "écharpe" ou um "bonet". De manhã, vestindo um "deshabillé", é preciso não esquecer a beleza dos cabelos. A noite é mais propícia a um "make-up" mais forte. Aí são permitidas as sombras sôbre as pálpebras, o "rimmel" e outros recursos hábeis e eficientes.













CABELOS CURTOS



Ecs cabelos sobem cada vez mais... usam-se cabelos curtíssimos bem penteadcs e bem tratados. A ocasião é mesmo excelente para um bom tratamento para os cabelos; o primeiro passo é o descanso do "permanente", pois o cabelo curto pode, perfeitamente, dispensá-lo. Quando se quiser um penteado mais rebuscado. o "mise-en-plis" bastará. As cabeças aqui apresentadas são as últimas criacões dos "figaros" parisienses.







Realizou-se no dia 29 de dezembro próximo passado, na igreja da Glória do Outeiro, nesta cidade, o enlace matrimonial da Senhorita Célia Duque Pimentel com o Tenente Aviador Roberto Evaldo Fonseca, elementos da nossa alta sociedade

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam



O professor Reynaldo Saldanha, da Universidade de São Paulo e atualmente membro do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra, acompanhado de sua senhora, e o Dr. José Giorgi Junior, diretor da Emprêsa José Giorgi Ltda. e da Construtora Braser S/A, partem para a Europa, em viagem de estudos e observações

WEEK-END



BOLO DE AMEIXAS PRETAS

Tome 1 xícara de açúcar, meia de leite, 2 de farinha de trigo peneirada, 1/3 de xícara de manteiga derretida, 2 ovos, as claras em neve, 2 colheres de chá de royal, baunilha, ameixas e noques. Junte as claras, as gemas e o açúcar, e bata bem. Adicione a farinha com o fermento, misture ainda e junte pouco a pouco o leite. Bata até ficar bem leve, adicione a manteiga e a baunilha. Despeje numa fôrma untada de manteiga e enfeite com metades de ameixas pretas e nozes partidas. Leve a assar em forno brando.

★

BOLO TRICOLOR

Bata 1 bolo com seis claras em neve, oito gemas, 400 grs. de manteiga, 400 grs. de açúcar, 400 grs... .de farinha, 1 colhér de fermento, 1 xícara de leite e 1 cálice de cognac. Divida em 3 partes. Deixe uma simples, na segunda junte 1 pau de chocolate ralado, e a terceira tinja de rosa. Leve a assar em 3 fôrmas rasas. Depois una-as com doce de amêndoas e cubra com glacés rosa. Enfeite com frutas cristalizadas partidas, formando flores ou arabescos e deixe endurecer. Também pode cobrir com suspiro.

★

DOCE DE AMÊNDOAS

Faça uma calda com 2 xícaras de açúcar, junte 2 gemas, 100 grs. de amêndoas moídas, e leve ao fogo só até ferver.

★

GALINHA ASSADA DE CAÇAROLA

Quando a galinha não é bem nova é melhor fazê-la na caçarola. Leve ao fogo uma caçarola com 1 colhér de manteiga ou de banha de côco e aí deite a galinha inteira, toste de todos os lados e deixe cozinhar em fogo brando, deitando, de vez em quando, colheradas de água, até ficar bem macia, para então deixar reduzir o môlho. Na hora de servir, tire os ossos, deite as lascas da galinha no centro do prato já com os crêpes em volta, e deite o môlho desengordurado por cima da galinha. Pode variar de acompanhamento, porém este é muito bom e rende muito, principalmente se tiver uma só galinha.

★

CEBOLAS DOURADAS

Tome seis cebolas grandes e cozinhe em água e sal. Cozinhe quatro ovos duros. Torre no forno duas xícaras de pão em quadradinhos de dois centímetros. Na hora de servir leve ao fogo duas colheres de manteiga e quando mudar de côr, acrescente uma colhér de açúcar. Misture, junte as cebolas, deixe dourar de todos os lados e parta em quatro. Deite as fatias do assado de um lado do prato; do outro, arrume no fundo o pão torrado, despeje as cebolas por cima, salpique com ovos picados e regue tudo com o môlho do assado.

Pode também servir as cebolas sem o pão nem ovos, como acompanhamento de carne assada, em falta de outros legumes.

★

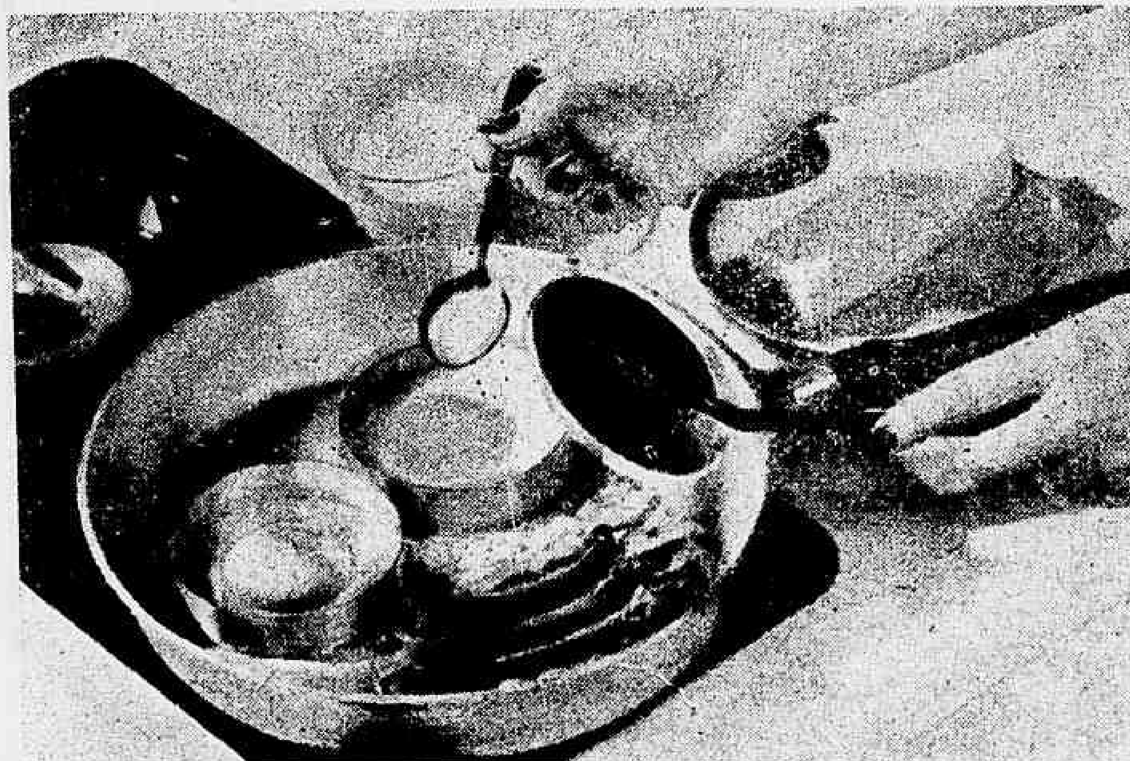
BANANAS RECHEIADAS

Corte doze fatias de miolo de pão dormido, de 2 cms. de grossura. Umedeça com leite e sal, depois passe em ovos batidos, frite em gordura quente e arrume sôbre papel pardo, para secarem. Faça um picadinho simples com carne fresca ou então com qualquer qualidade de carne que tenha sobejado, como restos de galinha ou miudos com presunto. Na hora de servir deite uma colherada dele sôbre cada rabanada. Enfeite com ovos picadinhos e ponha no centro uma azeitona.

★

CESTINHAS DE LARANJA

Tome doze laranjas iguaisa e regulares. Dê um talho circular no meio, deixando 1 ½ cms. de cada lado para formar as alças. Recorte estas, tire os dois pedaços de casca, um de cada lado, e tôda a polpa. Esmague os gomos e esprema num pano — deve obter três xícaras de caldo, senão aumente com água. Junte açúcar à vontade, 1 cálice de Curaçáo e 8 folhas de gelatina branca, derretidas em 1 xícara de água. Encha as cascas das laranjas e leve a gelar. Assim que principiar a endurecer, arrume em cima morangos e uvas e leve a terminar a congelação. Faça um furo nas alças e enfie algumas violetas ou outras florinhas e sirva numa bandeja.



NA COZINHA

MAÇÃS COM TAPIOCA

Deite, de véspera, 150 grs. de tapioca de môlho. Tome quatro maçãs, descasque, corte em quatro, retire os centros, deite numa fôrma raza de porcelana e polvilhe com bastante açúcar. Dissolva a tapioca com três xícaras de leite, leve ao fogo por uns quinze minutos, sempre mexendo, e derrame sôbre as maçãs. Regue tudo com dois cálices de vinho do Pôrto e leve ao fôrno brando.

★

MOUSSE DE MORANGOS

Passe na peneira meio quilo de morangos. Junte 400 grs. de açucar em calda grossa e adicione oito folhas de gelatina dissolvida em meia xícara de água a ferver. Misture tudo e leve para a geladeira. Quando principiar a coagular junte 250 grs. de creme de leiteria batido com uma clara em neve. Misture e deite a gelar numa fôrma untada levemente de azeite. Faça de véspera ou bem cedo. Desenforme e regue com 1 colhér de geléia de morangos desmanchada em um pouco de água e um cálice de Curaçáo.

★

PUDIM DE QUEIJO PAULISTA

Duas xícaras de queijo ralado, um côco ralado., 1 colhér de manteiga, 500 grs. de açúcar e 12 gemas. Misture as gemas com o açúcar, junte a manteiga batida, depois o côco ralado e o queijo. Misture tudo, despeje numa fôrma untada e leve a assar em forno brando.

★

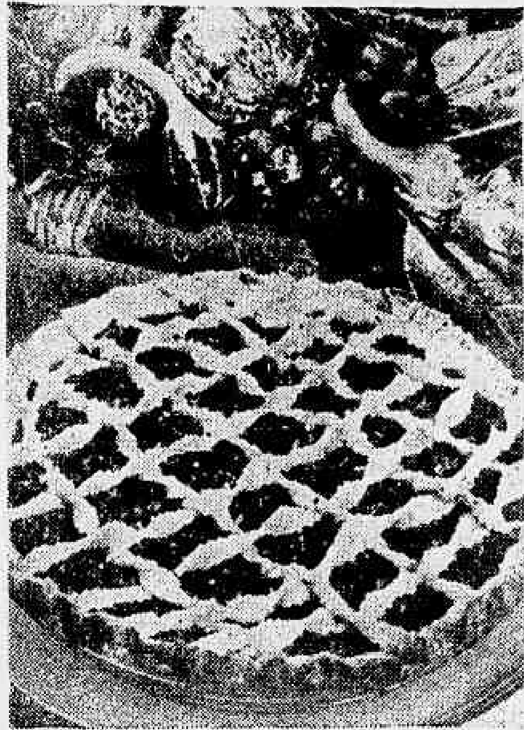
SALADA DE ARROZ E BANANA

Tome em partes iguais: arroz cozido nágua e sal, bem escorrido e sôlto, e rodelas finas de banana prata. Arrume o arroz no centro da saladeira e as bananas ao redor. Regue tudo com 1 colhér de azeite, 1 colhér de vinagre e sal, tudo bem misturado.

★

CREME MARGUERITE

Porção para uns dezoito copinhos: Derreta em banho-maria 300 grs. de chocolate de leite e junte 100 grs. de manteiga. Bata 5 gemas com 100 grs. de açucar, adicione o chocolate com a manteiga e as cinco claras em neve. Deite um pouco em cada copinho e deixe esfriar. Depois espalhe por cima do chocolate uma camada de geléia



de damasco e por cima desta, outra de Creme Chantilly. Salpique com nozes picadas. Enfeite com uma tâmara cortada em cinco pétalas, como uma flor, mas pode suprimir êste enfeite, querendo.

★

SORVETE DE FRUTAS DE LATA

Quando não tiver frutas frescas, faça com as de lata. Aqui está uma receita como modêlo: Abacaxi de lata. — Tome o caldo de uma lata de abacaxi, junte igual porção de água — ou um pouco mais — e tempere com açúcar até ficar bem doce, a 22 graus. Adicione o caldo de 1 limão e leve a congelar na sorveteira. Parta o abacaxi em pedacinhos, coloque em pratinhos e deite por cima o sorvete ou junte-os na sorveteira.

★

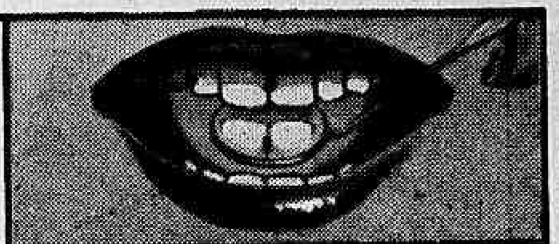
FRIVOLIDADES

Pequenas peças salgadinhas e picantes, servidas em pratos com diversas repartições: Rodelas de limão com montinhos de caviar ou 1 ostra crua. — Rodelas de ovo com 1 enchova enrolada de conserva. — Rodelas de tomate com 1 sardinha de Nantes. — Quadradinhos de presunto com dados de patê. — Rodelas de pepino com dados de pickles. — Descasque 12 rabanetes sem destacar as cascas, devendo ficar como flores. — Amasse um pouco de queijo de Minas com sal, gotas de môlho inglês, faça 12 bolas pequenas e calque uma azeitona recheada de pimentão em cada uma, com a parte vermelha para cima e deite sôbre 12 rodelas de pão preto com manteiga e folhinhas de agrião. Para vegetarianos, exclua os impróprios.



DENTES SADIOS E ATRAENTES,
SÃO CARACTERÍSTICOS DE TODO KOLYNOS-ISTA!





MAS, VEJA ESTE CONTRASTE... —→
olhe os dentes de outra boca... cariados e mal cuidados. Isto poderia ter sido evitado, com uma visita ao dentista e o uso diário de Kolynos.

GUERRA ÀS CARIES! SOMENTE KOLYNOS AS COMBATE destes 3 modos

1. ELIMINANDO OS ÁCIDOS DA BOCA
Os ácidos da boca, que causam as caries, ficam neutralizados logo que os ingredientes anti-ácidos de Kolynos se põem em contacto com a saliva. Esses mesmos ingredientes dissolvem a película que sentimos sobre os dentes, antes de escová-los com Kolynos. É nessa película que as bacterias se ocultam e se reproduzem.

2. DESTRUINDO AS BACTERIAS
A conhecida bacteria "Lactobacillus Acidophilus Odontolyticus" é a produtora dos ácidos que provocam as caries dentarias. Somente Kolynos contem certos ingredientes bactericidas que são mortais para essas bacterias. Estudos cientificos realizados em famosas universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destroi cerca de 92% das bacterias da boca. *Este efeito de Kolynos dura varias horas.*

3. LIMPANDO PERFEITAMENTE
A espuma penetrante e refrescante de Kolynos retira as particulas de alimentos deixadas pela escova... e mantem os ingredientes protetores de Kolynos na superficie dos dentes, para evitar que se forme nova película. Essa espuma penetrante leva os ingredientes anti-ácidos e bactericidas de Kolynos aos lugares perigosos... *atacando realmente a causa principal das caries.*

Delicioso sabor refrescante! E ECONÔMICO TAMBEM! Basta 1 cm. na escova seca.



Mc CANN

Melhores resultados são obtidos escovando-se os dentes com Kolynos, depois de cada refeição

K-303



MUITÍSSIMO MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientificamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...

Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA.

CORREIO DA REVISTA

M. M. de A. M. (Rio) — Nada tem que nos agradecer. Aceite nossos votos de pronto restabelecimento. E sempre às suas ordens.

Alvaro Rosadas (Rio) — Foi aprovado e deverá sair brevemente o seu "Fôrça do Destino".

Cléo de Souza (Barbacena) — Interessante o seu conto "Mudança". Vai sair; entretanto, tiramos-lhe aquêle falar roceiro do carregador. Como deve saber, êsse linguajar não é apreciado pelos leitores de contos e só se justifica em casos muito especiais. Esperamos que concorde conosco.

M. C. M. (Vitória) — O conto regional é muito apreciado entre nós, mas precisa focalizar assunto interessante e não apenas local ou roceiro.

B. A. B. (Salvador) — Pode mandar. Se estiver bom, publicaremos.

S. C. (Fortaleza) — Não aceitamos traduções. Preferimos publicar coisas de nossa terra e nossa gente. Para os contos e novelas estrangeiras já possuimos corpo redacional permanente.

A. P. (Maceió) — Há em seu Estado muito motivo interessante e ainda inédito para ser aproveitado. Procure um dêsses e nos mande mesmo em forma de conto literário. Renato de Alencar é cearense.

G. H. T. (Aracaju) — Muito agradecidos pelas saudações. Quanto ao seu trabalho, sentimos muito, mas o "Naufrágio"... deu nas pedras.

P. F. (Recife) — Não temos aqui nenhuma seção para os casos a que se refere. E' conveniente dirigir uma carta nesse sentido à Companhia Editôra Americana.

J. E. C. — Rio — Tema vulgar e já muito batido o do seu conto "O Baile de Máscaras". Procure ler um pouco sôbre locuções prepositivas, cuja sintaxe o amigo emprega muito erradamente. Tente outro assunto pois que possui imaginação e arte.

Sacy Pererê — Rio — Recebemos sua carta. A culpa não é da instituição que é muito honesta e sólida.

A boa aparência é tudo. Embora velhos os seus móveis, torne-os novos aplicando óleo de peroba.

A. S. T. — Uruguaiana — R. G. do Sul — Não foi aceito o seu conto "Três Amigos". Aconselhamos que se aperfeiçõe mais no português. Não basta narrar.

J. F. D. — Belo Horizonte — Recusado o seu trabalho "Maria". Aproveite a inspiração para compor os seus contos dando-lhe outro gênero literário e não imite o rádio com o tratamento de você para o leitor.

J. K. — Votorantim — S. Paulo — Seu conto "Duas Tragédias" não pode ser aproveitado. O amigo precisa melhorar muito a linguagem, reler e corrigir os erros de português, grafia, sintaxe, etc.

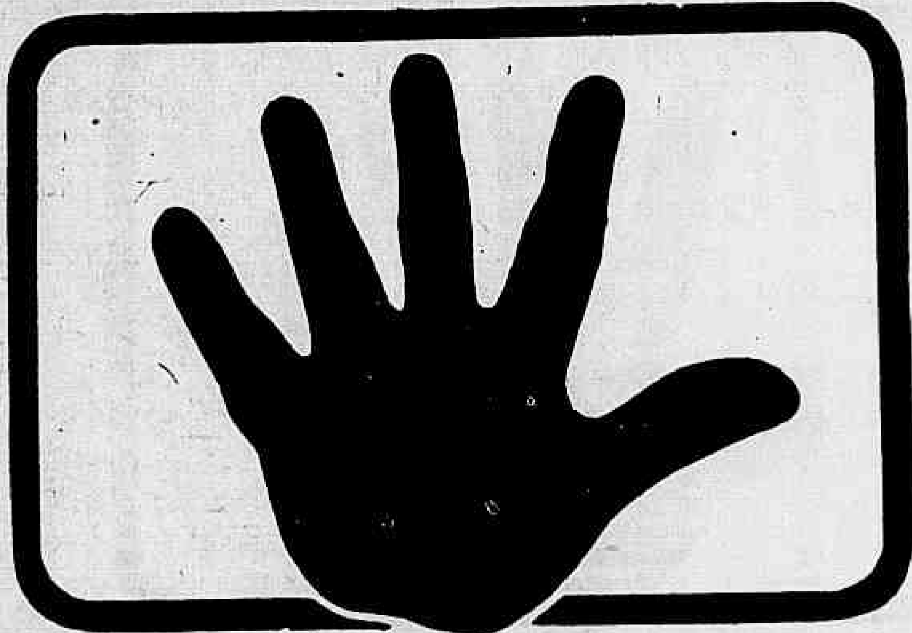
F. L. — Maceió — "Os Empedernidos" estava fraco. Mande-nos coisa mais sólida, pois que o amigo tem bastante talento para isso.

M. P. C. — Rio — Veja o que escreveu em seu conto "A Fazenda de Santa Rosa": "O sol era como uma gargalhada de ébrio, escandalizando a verdura dos grotões e assustando a passarada que corria a refugiar-se no seio maternal de velhas árvores". Não há leitor que suporte isso. E nós desejamos a maior harmonia entre os nossos colaboradores e o público. Evite tiradas gongóricas dêsse calibre. A metáfora em literatura tem seus limitees, e as alegorias também.

S. B. O. — São Paulo — Procure livros daquele gênero nas boas livrarias; mas, se não tiver embocadura para autodidata, não perca tempo.

AS SENHORAS BRASILEIRAS:

Os srs. José Ricardo de Bivar Shirley Pereira, Fernando Santos Belo de Almeida e João Lino Magalhães de Carvalho, todos portuguêses de 30 a 32 anos, desejam corresponder-se com senhoras e senhoritas brasileiras. Quem se interessar queira dirigir correspondência para o seguinte endereço: Rua Senhora da Glória, Graça, n. 136, 3.º Dto. — Lisboa — Portugal.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

O MEU ESTRANHO CASO DE AMOR

(Cont. do número anterior)

— Com o testamento do velho foi encontrado um bilhete no qual êle tudo esclarecia: Preferia morrer sabendo que o fazia e escolhia estriquinina por ser de efeito rápido.

— Era só o que me pretendia dizer?

— Não. Tenho algo mais, de grande importância...

O telefone interrompeu sua frase e êle atendeu. Olhou-me ràpidamente e tratei de disfarçar a atenção que pretendia prestar ao que êle dissesse.

— Sim... quem?... oh, pois não. Sim, por quê?... Ah, compreendo. Está bem. Não tenha cuidado, farei como pede — Lermes desligou o telefone e com uma candura desconcertante perguntou-me:

— O que eu estava dizendo?

— Você ia dizer-me algo importante.

— Importante?... deixe-me pensar... ah, sim. Vou passar em seu escritório, hoje.

— Mas isto não é importante, Lermes. Quero saber o que descobriu ontem quando fui raptado voluntàriamente.

— Bem... isso não descobri. Êles levaram você num automóvel...

— Vá para o diabo, Lermes. Eu mesmo descobrirei o que quero.

Deixei o apartamento de Lermes, furioso. Aquêle biltre enganara-me simplesmente. Eu estava certo de que êle obedecia a alguém, era um traidor. Voltei ao escritório e fiquei aguardando a hora em que devia ser levado pelos homens da misteriosa "Árvore". Vou abrir um parêntese: "Vocês devem estar estranhando que o "Meu Estranho Caso de Amor" mais pareça um conto policial, mas, devem convir que não é nenhum absurdo o caso de amor de um detective estar entre crimes e morte". Fecho o parêntese. Com excessão da luta e do golpe na cabeça, a cena repetia-se com regularidade cronométrica. Agora vinha um só homem. Eu entrava com êle em um carro, deixava que me aplicasse o narcótico e só despertava quando a mãozinha delicada daquele anjo me fazia beber o vinho. Desta vez, sua "toilette" era branca, inclusive a máscara. Seus lindos cabelos de ouro espalhavam-se sôbre os seus ombros que o decote deixava inteiramente desnudos. Tivemos uma noite admirável, onde fui namorado pela divina fada. Quando já se aproximava a hora de minha retirada, "Árvore" chamou seus cúmplices e lhes falou assim:

— Quero agradecer-lhes a cumplicidade neste crime inocente. Creio que êste gajo já está bem prêso pelas malhas de cupido. A partir de agora vocês estão livres. Aqui têm a minha mão e o meu afeto.

Exultei com esta cena, acreditando que dai por diante eu iria sòzinho àquela casa que, aliás, eu nem sabia onde ficava. Mas tal não aconteceu. Tôdas as noites Astolfo me vinha buscar como antes. Por solicitação minha levavam-me agora para meu próprio apartamento, pois eu detestava encontrar a desenchavida Tânia, depois de ter deixado o meu sonho dourado no desconhecido. Estava eu tão habituado àquela situação, que, se Astolfo se atrasava um pouco eu me desesperava, imaginando que êle não mais viesse. Já não podia esquecer aquela imagem fantástica, que mais parecia um ser fugido do céu. Todos os meus compromissos cessavam automàticamente às onze e trinta. Depois dessa hora eu pertencia à minha fada. Até a pobre Manon ficara no esquecimento. Só o fascinio daquele misterioso existia para mim. Estávamos no vigésimo dia de minha aventura. Eu estava mais magro. Não voltara a falar com Lermes. Miss Tânia permanecia indiferente a tudo. Era a primeira a chegar e a última a sair e para mim não passava de uma sombra mecânica que fazia tudo quanto eu mandava sem fazer perguntas indiscretas. Tive um sobressalto quando o telefone tocou.

— Alô!... Sim... Quem?... Oh! rapaz. Tenho andado como louco atrás de você... ótimo... Vou já até ai... Sim... Nada direi.

MÚSICA

DESERTORES DO METROPOLITAN

Nova fase na carreira de Ezio Pinza ★ Antes, prestígio; agora, popularidade!

ROBERTO LYRA FILHO

ALGUMAS das principais figuras do Metropolitan resolveram desertar. A propósito dessa decisão que levou o baixo Ezio Pinza para os palcos da Broadway e já o encaminhou rumo a Hollywood, onde seu colega Melchior permanece, ligado ao elenco da Metro-Goldwyn-Mayer, entrou, novamente, na ordem do dia dos círculos musicais americanos, a velha discussão em tôrno da decadência da ópera.

Recentemente, Melchior andou confiando à imprensa suas queixas contra a diretoria do Metropolitan e não faltou repórter para glosar as declarações do veterano



LAURITZ MELCHIOR

tenor. Aludiu êle à instabilidade da vida do artista, à remuneração relativamente pequena que êle recebe, em comparação com as grandes despesas exigidas pela sua atividade, à inevitável decadência que um dia lhe virá roubar o vigor da voz, levando-o a uma aposentadoria compulsória.

Por isso, revelou Melchior, surgem na tela, em pequenos mas compensadores papéis, nomes como os de Gladys Swarthout, Rise Stevens, Jan Peerce, Lawrence Tibbet, Ezio Pinza. Êstes, entre outros, atenderam à convocação de Hollywood, pensando no futuro — porque as emprêsas cinematográficas pagam bem.

O "SUL DO PACÍFICO" FOI UM SUCESSO FURIOSO...

O baixo Ezio Pinza, depois de longos anos de carreira operística, passou à revista, indo receber na Broadway, ao lado de Mary Martin, com um só desempenho, mais do que lucrou com todo o seu trabalho anterior.

No Metropolitan êle tinha prestígio — possui uma das mais belas vozes que passaram pelo tradicional centro da arte lírica americana.

Agora, porém, Pinza conquistou mais do que prestígio junto aos admiradores de ópera: tem, também, a popularidade. Todos o conhecem; seus discos, mal são lançados, passam para a lista de gravações esgotadas; o cinema, o rádio, os empresários disputam-no; só se obtém entrada para um espetáculo — a revista "South Pacific" — com várias semanas de antecedência.

Suas declarações, para o imposto de renda, apresentam cifras astronômicas.

Assim, depois dos cinquenta anos, Pinza inaugurou nova etapa em sua carreira.

A TEMPORADA NO SCALA

Enquanto isso, o Metropolitan vai vivendo à custa de muitas transfusões de dólares, oferecidos pelos milionários que sustentam o velho organismo.

Na própria Itália, aliás, pátria da ópera, o gênero atravessa um período difícil. Vários teatros recorreram ao fechamento, diante do desequilíbrio financeiro. Hoje em dia, só mesmo amparada por generosas subvenções pode sobreviver a arte lírica.

Apesar de tudo, o venerando Scala de Milão deu início à temporada e anuncia uma série monumental de espetáculos. A estréia, com a "Bohème", foi em homenagem a Puccini, cujo centenário transcorre êste ano.

No elenco da companhia que atualmente trabalha no Scala figuram vários nomes que o público brasileiro conhece: Fedora Barbieri, Maria Caniglia, Kirsten Flagstad Tancredi Pasero, Rossi Lemeni.

Duas argentinas conseguiram um lugar ao lado dos colegas italianos e um tenor canadense apareceu, para repetir o sucesso obtido no ano anterior: Eugene Conley.

Uma espetacular montagem do "Anel dos Nibelungos", que há de ter estourado verbas e provocado dores de cabeça, dá a Wagner, na interpretação de Flagstad, um pôsto de destaque no repertório.

Querendo ver os seus móveis sempre novos, conserve-os com óleo de peroba.

Aquêle telefonema de Lermes deixou-me cheio de alegria. Naturalmente iria dizer-me o que descobrira. Desta vez êle falaria.

Achei que o elevador estava muito moroso, tal a ansiedade que me dominava.

— Que curiosidade, hein? — zombou Lermes ao ter-me em sua presença, assim tão perturbado.

— Espero que não me faças esperar tôda a vida para saber...

— Calma, rapaz. Responda-me o seguinte: Você está apaixonado por sua secretária?

— Por Miss Tânia? — perguntei estupefato. — Você enlouqueceu?

— Ao contrário. Eu o chamei para dizer-lhe que Miss Tânia anda dizendo coisas a seu respeito.

— Que disse aquêle monstro apalhaçado?

— Apenas que se você se recusar a casar com ela, muito terá que se arrepender. A mim ela confessou que está apaixonada e não descansará enquanto não o conquistar. Está disposta a denunciá-lo como advogado venal.

— Miserável — rugi no auge da cólera. Ela me pagará. — E eu a considerava tanto. Seu trabalho tão limpo e tão correto. Dificilmente conseguirei substituí-la, mas mesmo assim joga-la-ei na rua.

— Isso tudo é muito desagradável. Talvez você acabe por se habituar com a idéia do casamento. Afinal, se tirarmos aquêles óculos, soltarmos aquêles cabelos, talvez... ela passe...

— Nunca! — protestei com energia. — Vou despedi-la sem demora.

— Desculpe tê-lo chamado só para isso, mas você sabe que eu sou seu amigo...

— Eu sei. Fico-lhe muito obrigado. Agora vou tomar minhas providências.

Deixei o apartamento de Lermes com o cérebro fervilhando de pensamentos irreproduzíveis a respeito de Tânia. Em quinze minutos meu carro deixava-me à porta do edifício. Sem esperar o elevador, venci os quatro lances da escada e invadi meu próprio escritório como se fôra um furacão. Mas... se um raio me tivesse caído aos pés não me teria emocionado tanto. Fiquei petrificado pela surprêsa: Na cadeira de Tânia, diante de sua mesa estava a minha adorável e misteriosa deusa. Num relâmpago tudo compreendi. Lermes e Tânia estiveram divertindo-se à minha custa.

Só depois é que vim a saber tôda a verdade. Tânia era milionária e Astolfo, seu irmão. Tânia tinha imaginação fértil. Cansada dos "flirts", dos namoros com os caça-dotes, resolveu disfarçar-se e procurar um emprêgo. Foi Lermes quem lhe facilitou a introdução em meu escritório. Sua forte simpatia por mim levou-a a ar-



CORTA os RESFRIADOS

VAE VIAJAR?



Viaje a qualquer parte do mundo e aproveite os ótimos serviços da AIR FRANCE Aviões modernissimos SUPER-CONSTELLATION, segurança, conforto, luxo e suculentas refeições com legítimo Champagne frances, gratis.



AIR FRANCE

Rêde aérea mundial

RIO DE JANEIRO: Av. Rio Branco 257-A — tel.: 42-8838
SÃO PAULO: Rua Libero Badaró 184 — tel.: 2-3902
RECIFE: Av. Guararapes 210 — tel.: 7-549

TERREMOTO!!!
NO MERCADO
DE PERFUMES!
NOVA TABELA

	Essên- cias 10 gr.	Extra- tos 50 gr.	Lo- ções ¼
Crepe A — Super ...	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
	CrS	CrS	CrS
Jasmin Super	10,00	22,00	30,00
TIPOS DE PERFUMES			
Violeta B — Super ..	13,00	22,00	30.00
Q. Fluers — Super ..	15,00	25,00	35,00
Fl. Amor — Super ..	15,00	25,00	35,00
Mitzko — Super	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super ...	21,00	35.00	40,00
Tabul — Super	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super ...	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super	25,00	35,00	40,00
Narcisse N — Super..	25.00	35,00	40.00
Pretx — Super	35.00	45.00	55,00
Rumores — Super ...	35,00	45.00	55,00
Escandalo — Super ..	35,00	45.00	55,00
Tabul GR — Super ..	35,00		
Flor Maçã LF	50.00	70.00	70.00
Soupplesse LF	50,00	70.00	70.00
Biarritz LF	50,00	70.00	70,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	70,00
Arabesque LF	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF..	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60.00	80.00	80.00
Violette Feuilles LF ..	85.00	105.00	105,00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105.00	105,00
Despesas Reembôlso..	6,00	6,00	6.00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS
Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.
RIO DE JANEIRO

VENDEDORES(AS)
PARA CASIMIRAS, LINHOS E TROPICAIS
Precisam-se em todas as cidades. Mostruário variado e gratuito. Ótimas comissões e adiantamentos. Vendas pelo sistema de Reembolso Postal. Escrever para o depósito da fábrica: — TECIDOS MEHERO — Rua Pagé, n.º 33 - 2.º andar — SÃO PAULO.

Para a renovação dos seus móveis, torna-se indispensável a aplicação de óleo de peroba.

quitetar aquêle plano absurdo. Aproveitou a situação anormal com a morte do velho tio do Johnny para raptar-me. Naqueles momentos aparecia-me tal como era em realidade. Os vestidos espalhafatosos, a cabeleira, os óculos eram colocados no carro que a levava todos os dias ao emprêgo.

Meus amigos, aí têm o "Meu Estranho Caso de Amor". Talvez não seja assim tão estranho, mas para mim e para Mrs. Tânia Litoff Marshal, será sempre algo de que jamais esqueceremos.

ASPIRAÇÃO DE UM HUMILDE

(Cont. da pág. 23)

pois não me lembro de mais nada. Quando acordei estava aqui...

Meu desespêro foi grande ao ver até onde tinha chegado. Talvez fôsse melhor que eu ficasse... Daí o meu mutismo, a minha tristeza. Aqui estaria a salvo das repreensões do Chefe, de seu olhar frio... Com certeza já me demitira... Pensei mesmo em acabar com a vida; se não o fiz foi sòmente porque, apesar de tudo, sou cristão!

Dr. Costa sentia-se comovido com o que ouvira.

— Bem, Felipe, você me deu um argumento, um único, para que você continui a viver: é cristão e um cristão não foge à luta! Conheço seu chefe e falarei com êle a seu respeito; conversarei também com sua mulher.

★

Um dia, após um mês de tratamento, o dr. Costa quando saiu levava consigo Felipe. Êste era outro! Tinha readquirido a confiança em si e encarava com mais otimismo e coragem o futuro. No caminho de casa o dr. Costa narrou-lhe o contentamento de Rosa ao saber de seu regresso. O que não contou foram as dificuldades que a mulher estava passando e a surprêsa que o esperava.

Trêmulo, um tanto comovido, Felipe entrou em casa pelo braço do médico. A mulher e o filho abraçaram-no alegremente. Dr. Costa afastou-se para um canto.

Felipe deu uns passos através da casa. Ela continuaria a pertencer-lhe! Não perdera o emprêgo!... Dr. Costa havia intercedido por êle!

Instintivamente dirigiu-se para fora. Uma surprêsa o aguardava: um arbusto balançava lânguidamente suas fôlhas ao perpassar da brisa, bem no centro da área.

A alegria que o invadiu foi imensa; virou-se rápido para a mulher, interrogando-a com um olhar. Ela respondeu:

— O doutor...

Correu a procurá-lo. Êle tinha desaparecido...


Bem penteado a todas as horas graça a
Gomalina
EXCELSIOR
PARA ASSENTAR O CABELLO
PRODUCTO VEGETAL
NÃO GORDUROSO
Nova fórmula garantida pelo
LAB. "XAMBÚ" - R. Souza Dantas, 23 - Rio
Atendemos pedidos - REEMBOLSO POSTAL

BANCO DO COMERCIO S. A.
FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:
RUA DO OUVIDOR, 93-95
TEL. 43-8966
Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais
★
Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

A boa aparência é tudo. Embora estejam velhos os seus móveis, torne-os novos aplicando o óleo de peroba.

FÍDIAS A SERVIÇO DE MERCÚRIO

(Cont. da pág. 30)

policiais da série de aventuras de Simon Templar? Lembram a assinatura dêsse personagem, o famoso "Santo"? E' um boneco desenhado por um traço cheio, à maneira das garatujas que as crianças fazem, a carvão, nas paredes. Pois bem, o esqueleto do manequim é como o tal boneco. Um vergalhão de ferro, imitando o esqueleto humano. E' em seguida fixado a um suporte sôbre um estrado, na posição da modêlo. Amarram-se cruzetas de madeira ao logo de todo o grosso arame de ferro, para servir de prêsa à argila. Então começa o trabalho do escultor pròpriamente dito: a modelagem. Aos poucos o esqueleto vai sumindo debaixo das sucessivas camadas de argila, que, gradativamente, vai adquirindo formas humanas, semelhantes às da modêlo que posa no estrado próximo. Uma das fotografias que ilustram esta reportagem descreve melhor que qualquer palavra. A vil matéria, amontoada num tanque, sempre úmida, hàbilmente manuseada pelo escultor, adquire vida, forma, movimento, beleza. E' o poder da criação que o homem herdou de Deus, para elevar-se acima dos outros animais. Essa é a contribuição do artista à fabricação dos manequins. Êsse é o ponto defendido pelo escultor que não se desmerece pelo fato de sua obra servir, depois, ao trabalho em série.

Acompanhamos as fases dêsse trabalho em dias diferentes. Uma tarde, ficamos satisfeitos em ouvir pelo rádio, através da emissora Nacional, uma crônica de Genolino Amado, sôbre o assunto, que motivou a presente reportagem: o manequim. Êle também havia notado qualquer coisa de diferente nas vitrinas cariocas. Como um dos mais observadores cronistas desta cidade, reparara na perfeição dos manequins, em suas contínuas e camaleontivas mudanças de trajes, conforme a moda e a época das estações. Vimos assim fortalecida nossa previsão de ir ao encontro da curiosidade dos leitores, realizando esta reportagem.

Uma vez concluída a modelagem, começa uma série de trabalhos especializados. Não descreveremos com pormenores essas fases, daremos apenas as indicações das mesmas, para mostrar aos leitores as minúcias e os cuidados que requer a conclusão do manequim. Tira-se uma fôrma perdida do molde, dentro da qual é, em seguida, fundido o original, em gêsso. A fôrma tem o nome de perdida porque é retirada do original, uma vez pronto, a golpes de martelo em argila, que não pode ser usado por estar fixo ao estrado, é retocado nos seus mínimos detalhes. Em cima do mesmo faz-se uma fôrma de tarcel, isto é, em partes desmontáveis, tantas quantas exigirem as saliências e as reentrâncias da peça, para permitir a fundição em série dos manequins, em plastiforme. A peça, saída da fôrma, passa ainda pelos retoques e pelas pinturas, que são feitas a pistola, nas mais diferentes côres e que são pacientemente retocadas à mão, com pincéis finíssimos. Pintam-se os olhos, os cílios, as sobrancelhas, os lábios e as unhas. Executa-se a cabeleira em nylon e o manequim está pronto para receber a prova de fogo, isto é, ser vestido. Há manequins inteiriços e há flexíveis, com um pequeno jôgo na cintura. Todos têm movimento nos nos braços. Aqui também, para mostrar a naturalidade que podem assumir nas poses, sem aquelas características de outrora, quando um manequim espantava, em vez de atrair os olhares, as fotografias falam melhor que o texto. Vistam, mentalmente, os corpos despidos e com dificuldade poderão dizer que são fotos de bonecos e não de pessoas.

★

Se o trabalho do escultor ficasse reduzido apenas ao que descrevemos, seria de fato cômodo, fabricar manequins. Mas, linhas acima, aludimos à grande variedade das peças que enchiam os depósitos. Em tamanhos e poses diferentes, cada uma exige modelagem particular, de modo que o escultor está sempre a idealizar novas feições e expressões mímicas, às quais dedica seus conhecimentos artísticos. E não só o corpo humano, seja das mulheres como dos homens, rapazes, mocinhas ou crianças, serve para exibir o que está na moda. Também objetos inanimados, animais e criações de fantasias são utilizados para êsse fim. Em têrmo norte-americano, que ainda não encontrou o equivalente apropriado na língua portuguêsa, são conhecidos como "display".

— O "display" — explica Matheus Fernandes — é a reprodução estilizada de tôdas as coisas que servem para mostrar ao público, nas vitrinas, os objetos que estão a venda. Se eu pusesse uma roupa qualquer posada numa cadeira comum de madeira, como as que usamos em nossas casas, nunca passaria de uma cadeira. Mas se eu estilizar a fôrma, encurtando-lhe as pernas, desenhando-lhe o encôsto com volutas, estufando-lhe o assento como um acolchoado, e, principalmente, reproduzindo-a em matéria plastiforme, deixará de ser apenas uma cadeira para se tornar um "display". Elemento artìsticamente trabalhado, para atrair os olhares das pessoas, sugere a ocasião de usar o artigo exposto, ensina a maneira própria de usá-lo, indica qual o ambiente em que surgirá a necessidade do objeto, mas abstrai-se um pouco do prosaísmo da vida real, para entrar no irreal da fantasia. E' o belo a serviço do útil. E' a evolução artística das coisas corriqueiras que ajudam a existência humana. Serve para dar alguns instantes de agradável repouso aos olhos que procuram nas vitrinas o indispénsável à vida, na sociedade de hoje.

Entre os "displays" que vimos enfeitar não sòmente as lojas, mas também as salas de diversões, como cinemas e teatros, e saídos do "atelier" que visitamos, podemos citar as estilizações de troncos de árvores personificadas, constituindo uma série a que o escultor denominou "Vozes das árvores" e de que uma das fontes reproduz a que se intitula "Amor"; e ainda lustres de todos os feitios; mesinhas com motivos de fantasia; poltronas e cadeiras; cachorrinhos e outros animais; colunas, suportes, grades e jarras; chinelinhos; máscaras; mãos com gestos à la Carmem Miranda; estátuas mutiladas à la Vênus de Milo e tantos e tantos outros. E' um mundo fantástico, de formas extravagantes, mas harmoniosas, que encantam pela elegância com que são trabalhadas.

Aí está o que vimos nos momentos que passamos num laboratório de estética, pois nada mais do que isso é o "atelier" de um escultor. Parece que nem tudo está perdido neste mundo, já que ainda há quem, tendo esperança num futuro melhor, emprega sua faculdade de criar coisas belas, não apenas para a poeira dos salões vazios dos museus e das galerias de arte, acessíveis sòmente a uma culta minoria, mas também para amenizar o terra-terra da vida diária dêste mundo materialista. E' o princípio do que ainda será a estreita colaboração das Musas com Mercúrio.

O LADRÃO DE CARTAS

(Cont. da pág. 34)

nem precisava mais ter seu pensamento ao longe... Parecia esquecida do namorado ausente. Sua saudade, agora, rondava por ali mesmo.

Estava mais linda assim, porque um foco azulado lhe batia nos cabelos, como a varinha mágica de uma fada.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

A beleza dos seus móveis consiste unicamente em tratá-los constantemente com óleo de peroba.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio

"O PARTIDO DO JABOTI"

(Cont. da pág 12)

O partido edita um jornal quinzenário — "Vanguarda Socialista" — para orientação dos seus militantes de todo o país, dirigido pelo deputado Hermes Lima. A imprensa socialista está se desenvolvendo. O partido tem ainda outros jornais, como a "Folha Socialista", semanário, sob responsabilidade do comitê de São Paulo; e vários outros semanários e quinzenários, entre os quais "O Debate", em Goiânia; "A Época", de Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo; a "Gazeta Socialista", em Aracaju; "A Trincheira", em Fortaleza; "A Verdade Socialista", em Carazinho, longínquo município gaúcho; "O Tempo", em Salvador; "A Luta", em Pôrto Alegre"; "Vanguarda Popular", em Recife. Em Campos, há a "Folha do Povo", diário, o jornal de maior circulação da cidade, de propriedade de um militante socialista local, João Rodrigues de Oliveira; brevemente passará a circular em S. Paulo um diário de propriedade do partido. No Rio, a direção do partido edita ainda o "Boletim Socialista". Por enquanto, porém, salvo o caso de Campos, a imprensa socialista não tem repercussão na massa popular, não passando de leitura quase exclusiva dos militantes socialistas.

Para a sua propaganda, o partido está também se valendo, com inteligência, do programa semanal de 15 minutos que a Rádio Clube do Brasil pôs à sua disposição, bem como outros, idênticos, aos demais partidos. Os socialistas se aproveitam bem da franquia, fazendo um programa vivo, constando de breves exposições de pontos do programa do partido e da doutrina socialista; noticiário das atividades partidárias; comentários sôbre os fatos políticos, os atos do govêrno e os problemas de interêsse popular; entrevistas com líderes socialistas, inclusive os dos Estados que visitam o Rio. Várias personalidades representativas das diversas atividades, grandes nomes das letras, das artes, do magistério, do rádio e do teatro, etc., têm respondido à enquête intitulada "Por que me fiz socialista".

★

Perguntamos aos dirigentes socialistas se o partido tinha alguma seção ou departamento para o trato do eleitorado feminino. Responderam-nos não haver, no partido, necessidade dêsse departamento, acentuando que muitas são as militantes socialistas que colaboram indistintamente com os homens em tôdas as tarefas de organização, propaganda, etc. Algumas delas já tiveram o batismo da violência policial, prêsas quando participavam da colagem de cartazes de propaganda do comício comemorativo do 1.º de maio último. Nas eleições para a Câmara Municipal, os socialistas apresentarão em sua chapa quatro candidatas: a professora Alice Flexa Ribeiro, a advogada Maria Luisa Bittencourt, a enfermeira Mirabel Ferreira Jorge e a funcionária pública Dirce Mota. Em cargos de direção, conforme vimos na composição da Comissão do D. F., do partido, e na execução de importantes trabalhos partidários funcionam várias outras dedicadas socialistas, entre as quais Nelly Ribeiro, estudante, Jacira Góis, funcionária da Justiça, Silvia de Barros taquigrafa — estas duas participaram da FEB, como enfermeiras — Aurora Miranda, advogada, Constança Mangabeira, Alice Olivais Costa, professora, Graci Evangelista, nutricionista, Aura Monteiro de Castro, professora, Germana Costa, Ana Maria Haddock Lobo (a escritora Maia Ronal), Ana Cândida Rocha, Carmen Xavier, Zoé Miranda Melo, Lourdes Araújo, estudante de Direito, Josefa Bonet, Luisa Naiman e outras, seja em atividades indispensáveis à boa marcha da vida partidária na direção ou trabalhos de grupos (as células do partido, dispersas pelos bairros e emprêsas, lembrando a organização comunista). Nas próximas eleições, muitas deverão ser as militantes socialistas que figurarão na chapa do partido, para as várias Câmaras, nesta capital e nos Estados.

★

A secretaria de educação e assistência do PSB, muito ativa, principalmente no setor da educação. O partido mantém em sua sede um serviço de assistência jurídica a qualquer militante ou trabalhador que o procure. No tocante à assistência social, há apenas um pequeno serviço, de responsabilidade dos grupos socialistas do Engenho Velho e Andaraí. Os cursos gratuitos constituem as principais atividades assistenciais socialistas. Os professores nada percebem; os alunos nada pagam. A inscrição é facultada a todos, sem condições nem compromisso de nenhuma natureza. Quase todos são estranhos ao partido. Já passaram pelos cursos, em cêrca de dois anos, perto de mil pessoas, de tôdas as classes sociais e idades, moças e rapazes, senhoras, operários, soldados, funcionários, comerciários, marinheiros, ginasianos, etc.. Alguns dos cursos seguem programa dos concursos a se realizarem em repartições ou institutos. Têm sido lecionados: Português, Aritmética, Álgebra, Geografia, Escrituração Mercantil, Taquigrafia, Alfabetização. Professores: Bayard Boiteux, José Cândido Filho, Geraldo Mesquita, Orlandina Miltke, Aline Olivais Costa, Pércio Pércio Melo, Aura Monteiro de Castro, Fausto Ribeiro e outros. Os cursos são organizados pela Secretaria de Educação e Assistência da Comissão do Distrito Federal.

★

O PSB, pelo seu conteúdo e ação, é um partido muito diferente dos outros, que são meramente eleitorais. Como partido ainda é fraco, não tem grande massa, nem é tão bem organizado como devia ser um partido socialista. E' também um partido falho de organização, que não lhe permite um contrôle dos militantes, dos quais uma grande parte, talvez a maioria, não vive partidàriamente, isto é, se dizem socialistas, mas não tomam conhecimento da existência do partido... Muita gente também lá deixa de comparecer ou nele figura com o eterno medo da polícia. Mas se os socialistas não se prevenirem o grupo do sr. Mário Pedroso, que já conseguiu por êste na Comissão Nacional do partido, poderá vir a dominá-lo por absorção das funções diretivas.

O SEGRÊDO DE SUA BELEZA...

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

Para completar a sua beleza e personalidade use êstes produtos da Multifarma:

Vinho Chico Mineiro

SEJA INTELIGENTE! NÃO ESPERE ENGORDAR DEMAIS. TOME DE HOJE EM DIANTE VINHO CHICO MINEIRO QUE CONSERVARÁ O SEU PORTE ELEGANTE. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

À venda nas boas Farmácias

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, a sua côr natural.

MULTIFARMA

Praça do Patriarca, 26 — 2.º

S. PAULO

(Exigir a embalagem verde)

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos, passe levemente, com uma flanela, óleo de peroba.

Na última convenção do partido houve uma luta tremenda entre as duas facções, que se portaram como se fôssem dois partidos distintos, dando muito trabalho ao deputado Domingos Velasco, que atuou como mediador das divergências que surgiam. Essa divisão enfraquece o partido e se não o destrói é porque os estatutos socialistas frizam que o partido não tem credo filosófico, não exigindo de seus membros unidade de pensamento mas unicamente de ação partidária. De qualquer forma, no próximo pleito, o Partido Socialista Brasileiro se projetará mais, mesmo porque está sendo cada vez mais o refúgio dos elementos letrados de nossa população o que, não querendo aderir aos partidos que nada significam além dos cargos que ocupam, vão procurar abrigo nas fileiras socialistas, lugar cômodo para quem não é uma coisa nem outra. Para o pleito de outubro dêste ano, o Partido Socialista aparece com muita disposição de luta. Na sua direção há elementos combativos e inteligentes, muita gente moça e idealista. "Tudo por meio milhão de votos" será a sua palavra de ordem.

Nessa dôce abstração, nem percebeu que alguém se recostara quase a seu lado, a espiá-la em silêncio.

Súbito, Clarina estremece. Sente um frêmito.

Era o príncipe que ali estava.

— Mas você?... A estas horas?...

— Tardei, Clarina, mas vim para vê-la mais uma vez. Vim para me despedir.

— Se assim é, por que se vai sem ao menos me dizer seu nome?

— Meu nome não importa. Seu coração já pertence a outro...

— Todos já estão sem as máscaras, não sabe? Tire a sua também. Quero vê-lo depressa.

Num gesto elegante, o príncipe tirou o turbante amarelo e, em seguida, a mascarilha.

— Pronto. Aqui me tem. Conhece?

— Oh!... O carteiro da minha rua!... Até que enfim percebo que é o ladrão de minhas cartas! E agora...

— Agora, adeus, e pense de mim o que você quiser.

Clarina, romântica, ardente, puxou suavemente Jerônimo pela mãos.

E saíram os dois a dançar, doirados de confetes, recordando os seus tempos de circo.

Era um novo amor que começava...

A SAÚDE DO BEBÊ

HÉRNIAS NA CRIANÇA

DR. SABOIA RIBEIRO

FREQÜENTEMENTE depara-se na criança já ,no primeiro ano congênitamente, a existência de hérnia, a do umbigo, em geral atribuída, errôneamente, ao não uso mais prolongado do cinteiro, noção aliás bastante difundida entre os profanos da medicina.

A hérnia resulta, porém, da fraqueza dos tecidos muscular e aponeurótico que fecham a parede anterior do abdomen, e cujos orifícios, umbelical e inguinal, se mantêm flácidos e fàcilmente permeáveis à saída de uma alça de intestino e seu envólucro, ocasionando, no primeiro caso, a hérnia umbelical, e no segundo, a hérnia inguinal.

Ora, a condição primordial para que os músculos se fortaleçam é justamente o exercício, ao que se opõe, naturalmente, a imobilidade trazida pelo cinteiro.

Vê-se, pois, como é falsa a noção dos que atribuem ao não uso do cinteiro, a causa direta da hérnia umbelical.

De mais a mais, se isso fôsse a causa determinante da hérnia, estas não apareceriam também ao nível da virilha, derivando às vêzes para o escrôto, como por outro lado freqüentemente sucede.

Também a faixa ou a funda não resolvem, com segurança, como pensam, pelo menos na criança, o problema da cura das hérnias, umbelical ou inguinal, ou inguino-escrotal.

Antes é de se esperar o contrário, pois a imobilização de qualquer músculo do organismo condena-o à atrofia e ao enfraquecimento, como a própria prática médica o demonstra.

Observe-se, por exemplo, o que se passa com uma pessoa que parte um braço e se vê obrigada a trazê-lo imobilizado por prolongado espaço. Quando lhe é retirado, mais tarde, o aparelho de gêsso, para logo se nota um afinamento e um enfraquecimento do braço, o que se deve, exclusivamente, à falta de exercício e movimento do mesmo durante aquêle aperíodo.

E' essencialmente a fraqueza congênita da parede anterior, interessando, inclusive, o anel aponeurótico existente ao nível do umbigo ou parte interna da virilha, e que normalmente uma e outros resistem às pressões e ao extravasamento dos órgãos intra-abdominais, é essa fraqueza que possibilita a exteriorização de uma alça intestinal e seu envólucro, com tôdas suas conseqüências possíveis se desprezadas indefinidamente, dando-se a hérnia, umbelical ou inguinal, conforme o anel fraco é o do umbigo ou o da virilha.

Existindo a predisposição da parede anterior do abdomen àqueles anéis, então as pressões abdominais podem ensejar o aparecimento da hérnia, e é o que pode acontecer, por exemplo, na retenção de gases acompanhada de chôro forte, e na tosse rebelde da criancinha, como a coqueluche.

Nas crianças débeis, prematuras e emagrecidas, é comum que se observem as hérnias, que desaparecem, porém, quando se torna mais espêsso o coxim adiposo que, melhorado o estado nutritivo, se desenvolve normalmente ao nível da parede abdominal anterior.

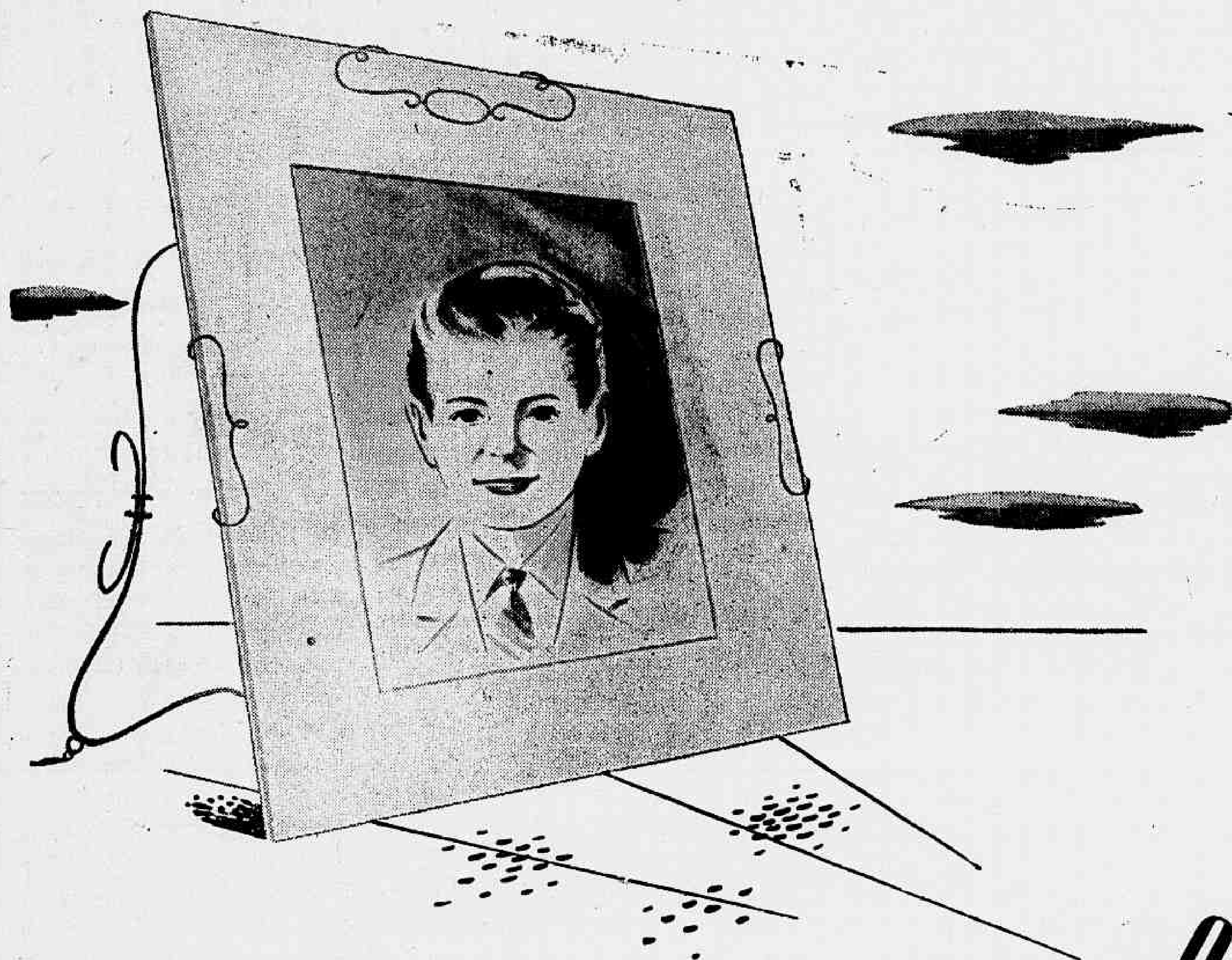
De ordinário as hérnias umbelicais da criança se curam espontâneamente até completar a criança quatro anos, muitas vêzes até no primeiro ano.

A seu turno, as hérnias inguinais curam-se, muitas, até o primeiro ano, ou pelo menos, depois que a criança aprende a andar. Nessa fase, estando o lactente de pé, a pressão da musculatura abdominal se exerce no sentido da bacia, aliviando, assim, a pressão antes exercida sôbre a parede anterior do ventre, que concorria para a manutenção da hérnia.

Não se processando, porém, a cura nesses prazos, caberá a indicação operatória, como tratamento radical, quer da hérnia umbelical, quer da inguinal.

Querendo ver os seus móveis sempre novos, conserve-os com óleo de peroba.

★



Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

O QUE TODAS AS MULHERES DEVEM SABER

Famosos e acatados ginecologistas afirmam que grande parte das moléstias que afligem a mulher tem como causa principal o mau funcionamento de seus órgãos genitais. Muitas vezes a mulher parece sofrer do fígado, estômago, intestinos, coração, rins, etc., mas o mal está no útero e nos ovírios. Observe a mulher as suas regras. Elas são o espelho de sua saúde. As regras são poucas? São muitas? Regularize-as usando Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2. O N.º 1 só se aplica nos casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências. O N.º 2 só se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuidas, atrasadas, suspensas e suas consequências. O Regulador Xavier tem em cada número a sua aplicação diferente, distinta. Não é um regulador só que pretende tratar tôdas as moléstias da mulher ao mesmo tempo, não! São dois Reguladores em duas fórmulas separadas, diferentes e cientificas.

IDILIO NUMA ILHA DESERTA















Dois longos dias se passaram. Lucky e Drew jogavam com pedras. Nick e eu não falávamos após me aplicar aquela bofetada. Colhemos alguma lenha sêca para fazer fogo; mas não tínhamos meio algum para acendê-lo

— E' tolice nossa estar mantendo essa inimizade. Você mereceu aquela bofetada, embora eu muito sentisse ter-lhe dado.

— Não mereci aquela bofetada, Nick... Pensa que poderemos sair daqui?





Abrimos o primeiro côco com o auxílio de lascas de pedras e Nick mo entregou. Nada foi mais gostoso em tôda a minha vida. Quando todos beberam e comeram do côco, decidimos pensar o que fazer...



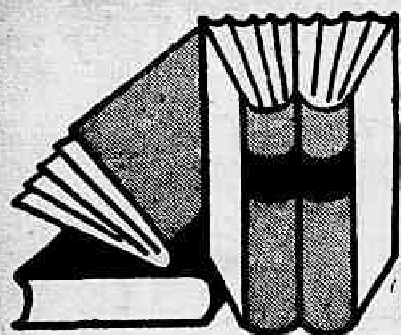
Passamos horas a friccionar dois pedaços de madeira a fim de conseguirmos fogo. Trabalho perdido.

— Não estou gostando dêsse tal de Nick. Para mim não passa de um trapaceiro. Olhe! Na próxima vez que êle beijá-la, passe-lhe uma gravata, enquanto eu o apanho de jeito.

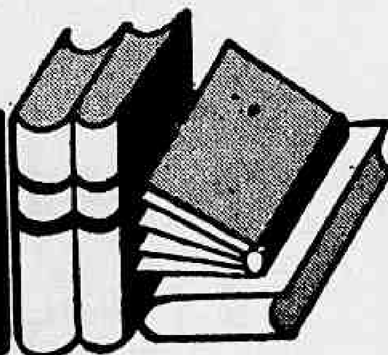
— Não sei se sairemos desta ilha, Drew. Mas de uma coisa sei. não me casaria com você nem que fôsse o único homem sôbre a terra!



VIRÁ O CONFLITO ENTRE DICK E DREW COMPLICAR A SITUAÇÃO ?



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS



Victor Hugo aos 28 anos, em 1830
(Retrato a óleo de Louis-Boulanger)

UM POEMA DE NELSON RODRIGUES

O nome de Nelson Rodrigues tornou-se prestigioso de golpe, na literatura teatral brasileira. O que, entretanto, muitos ignoram é que o dramaturgo do "Album de Família" seja um "poeta bissexto", com belos e ignorados poemas como êste:

MENINA DE LUTO

Por que choras tanto, menina de luto?
teu noivo morreu, teu noivo foi chamado pelo silêncio enorme e devorador da terra;
menina de luto, olha o crepúsculo suspenso sôbre o cemitério;
não chores mais: êle morreu sem saudade da vida, morreu enamorado do infinito;
nós viemos do caos e temos uma incessante e voluptuosa nostalgia do caos;
procura ouvir os gritos sem dono que atravessam os espaços;
êsse canto errante no poente, êsse canto enlouquecido talvez seja a voz do teu amado chamando por ti;
não chores tanto, não chores tão alto;
o corpo do teu noivo deitou-se na cava e absorvente sombra do túmulo;
olha em tôrno mansamente;
numa fome implacável, a noite devora o crepúsculo;
a sombra absorve as côres do poente;
teu noivo morreu, mas voltará um dia;
voltará docemente, chegará sem fazer rumor, com os pés imateriais calçados de silêncio;
e amarás a presença incorpórea do que morreu;
menina de luto, tens uma alma fatigada, tão fatigada quanto uma estrêla ao amanhecer;
continuas chorando; e jamais pensei que uma dor tivesse tantas lágrimas;
e a alma do teu noivo pousa talvez numa dessas alturas forradas de sol e de lua;
numa dessas alturas supremas que cavalgam as outras alturas;
teu noivo descansa tão alto, tão acima de qualquer vôo, que só um sonho poderá alcançá-lo;
menina de luto: sobe muito, sobe sempre;
passa por êsse azul trivial de todos os dias, e sobe ainda;
menina de luto, sobe assim, conquista o alto na ascensão incorpórea do teu sonho;
porque êsse canto enlouquecido nos espaços é a voz do teu noivo chamando por ti.

★

VENENOS DE SAINTE-BEUVE

"Mes poisons" — meus venenos — chamam-se aquêles fragmentos, de fato venenosos, de Sainte-Beuve, onde o crítico acerbo deixou extravasar todos os seus ódios e quase todo o seu despeito.

A Victor Hugo, êle nunca perdoou a grande superioridade. Fêz-se amigo íntimo do poeta, porém mal o tolerava. Aliás, serviu-se até de suas relações com a espôsa do poeta, Adélia, para comprometê-la depois num livro indigno: "Le livre d'amour".

"Venenos"... De fato, o seu corrosivo pinga, nestes fragmentos, gota a gota. Vejam-se, por exemplo, êstes tópicos mortais:

"À fôrça de ser charlatão e declamador, Hugo terminou acreditando em suas próprias frases.

★

O poderoso talento de Hugo cada dia se tem feito mais grosso, para não dizer grosseirão.

★

Jamais vi uma antipatia igual à que Victor Hugo inspira a Thiers.

Hugo se apresentou a mim como um homem que não tem mais que um defeito e uma fraqueza: amar muito às mulheres; pretende não pensar jamais em sua glória. Sempre há dois defeitos em nós, o que se confessa e o que se esconde.

★

Hugo entende tão pouco de Vergílio como de Petrarca: só vê tôdas as coisas e tôdas as pessoas em si mesmo.

★

Em volta de cada têrmo poético, agita uma multidão abigarrada de versos e imagens; é de uma movimentação buliçosa e brilhante de tôda sorte de recrutas que indubitàvelmente manobram sob o atrativo enorme do seu poderio; mas, visto de perto, para um verdadeiro guerreiro, quantos patetas em primeiro uniforme!

★

Seus erros não são aquêles de que fala Horácio... Não são grãos, nem sequer verrugas... São verdadeiros polipos!

★

Constrói uma ode, como quem faria uma fechadura, uma coisa engenhosa, porém simples, mecânicamente.

★

Segundo Molé, é um homem que calcula tudo quanto diz, até o "bom dia".

★

Deixou-me convicto de uma coisa e é a de que há nêle menos profundidade e mais tolice do que o suspeitei. No fundo, é mais néscio do que êle se crê.

★

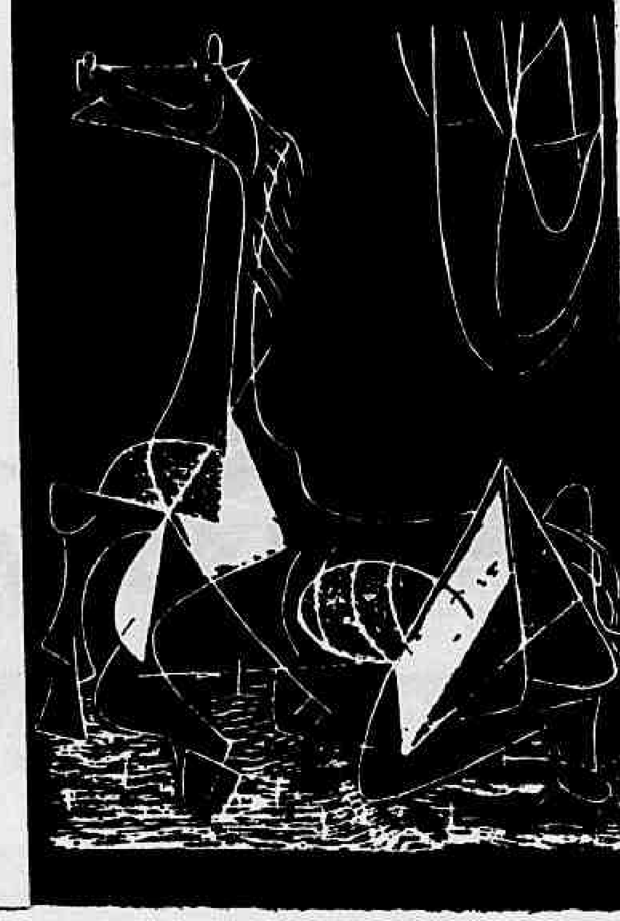
Hugo não toma conhecimento senão dos poderosos; os delicados, para êle, não contam.

★

Todos os defeitos de Victor Hugo estão compreendidos nisto: uma alma grosseira de bárbaro enérgico e astuto que passou pelo Baixo Império.







DON QUIXOTE — A antevisão de Cervantes se confirmou plenamente — pois sua obra-prima, como êle o predisse, tem resistido à passagem do tempo. E tôdas as artes têm se abastecido nesse rico e admirável material. Aqui está uma moderna interpretação do mundo quixotesco, gravuras em madeira de Antônio Frasconi. Falando em "Don Quixote", não podemos deixar de mencionar a portentosa, admirável e recente tradução para o inglês feita por Samuel Putnam, o excelente escritor "yankee" há pouco falecido

FORA DO PRELO

ASAS LIBERTAS

Raul Machado é um de nossos líricos consagrados. Um de seus melhores sonetos de mocidade teve a honra de ser incluído na célebre antologia de Laudelino Freire, sem dvida a melhor que já se reuniu entre nós, dedicada aos nossos sonetistas. Sonetista é um título que convém à arte poética de Raul Machado, cujos últimos dois livros — "A Lâmpada Azul do Sonho" e, agora, "Asas Libertas" — conservam as inflexões de sua obra da primeira hora.

"Asas Libertas" recolhe cêrca de duas dezenas de poemetos em formas tradicionais e com os mesmos motivos tão gratos à poesia anterior ao movimento modernista, firmando a posição de Raul Machado entre nossos tradicionalistas mais extremes, cujos versos se endereçam ao público fiel à forma consagrada e à música métrica e rimada, aos gestos e às emoções antigas.

★

OS TUNEIS

Numa edição Pongetti, E. C. Caldas apresenta seu livro de poesias com o título "Os Tuneis". Embora cite Carlos Drumond de Andrade e Murilo Mendes, o poeta não se libertou da tradição e produz versinhos bem comportados, com certa invencível monotonia, de temas, de ritmos e de imagens.

★

A CANÇÃO DO VAGABUNDO

Giuseppe Ghiaroni revelou-se para o grande público como escritor de boas novelas de rádio. Na nossa bibliografia, aparece como autor de um ou dois livros, antes desta recolta de poesias, onde figuram algumas páginas de sabor popular e versos trabalhados, seguindo a antiga e consagrada arte poética. Lírico, cuja ancestralidade poderíamos procurar entre outros poetas de sua terra, a fluminense, de Casemiro de Abreu a Luís Pistarini, Ghiaroni endereça seus sonetos a êsse público que continua fá do lirismo rimado de acôrdo com o dicionário do saudoso Osório Duque Estrada.

Aqui está um soneto de "A Canção do Vagabundo", em que se positivam aquêles dotes de cotidianismo lírico, de audácia um pouco ingênua do estro amoroso de Pistarini, acima recordado:

RETRATOS

Como eu me digo artista e ela é [artista
foram nossos retratos publicados,
curiosamente, nos opostos lados
de uma página dupla de revista.

Quando os leitores, desviando a vista,
fecham essa revista descuidados,
nós ficamos unidos e fechados,
não havendo ninguém que nos assista.

Eu tinha um exemplar jogado a um [canto.
Mas de súbito, o abri cheio de espanto.
As folhas tinham produzido um som!

Vi seu rosto corado como um mapa;
minha face rasgada por um tapa
e minha boca suja de baton!

★

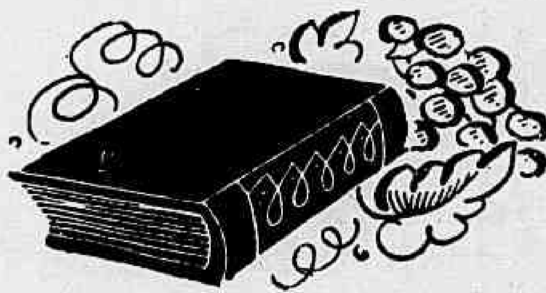
ALMA CABOCLA

Na coleção de obras de Paulo Setubal (Edição Saraiva) em que se reeditam os livros, alguns de real importância, do escritor paulista, aparece esta nova tiragem de "Alma Cabocla". O livro é de 1920, como data, mas muito anterior a essa época de renovação e inquietude, como poesia. Os versos de "Alma Cabocla" poderiam pertencer a uma das tendências de nosso modernismo — a da volta à terra e à inspiração brasileira — se não se cingissem às formas tradicionais da poesia, onde o artesanato substituía — e continua substituindo — a poesia e a arte criadora.



"Alma Cabocla", embora seu panteísmo propositado e a sua busca a uma nova temática, conserva-se naquela zona lírica familiar aos poetas românticos e post-românticos que não passaram além de Geraldy.

Só se explica esta reedição do livro de poesias daquele prosador de tantas qualidades, com alguns livros de real interêsse, por uma necessidade de coleção, como esta. Não é certamente como poeta, mas, como um pesquisador apaixonado de nossa história, que Paulo Setubal permanecerá em nossa crônica literária.



RUMOR DE ASAS

À parte o título — "Rumor de Asas" — o livro de poemas de Lacyr Schettino possui algumas páginas que denunciam nele verdadeira vocação poética. O poeta — evidentemente um novo e um estreante, já se libertou dos ferros tradicionais e revela inquietação apaixonada na busca de novas formas pessoais de expressão. Enfim aparece, entre as dezenas de obrinhas editadas com esforços por sub e pseudo-poetas, um livro que já nos consola um pouco de tanto "lirismo namorador", vasado em versos absolutamente cretinos.

Lacyr Schettino já nos parece mais certo dos seus melhores poemas — — "Um Rato no Mundo". Êsse "Rumor de Asas" assusta muito a gente e nos previne contra a sua leitura, pois tememos que o poeta se compare a algum passarinho e se ponha a louvar as belezas das Elviras retardatárias. Não é isso, entretanto, que acontece aqui. O poeta está experimentando a sua fôrça como estreante, mas seus poemas já possuem um conteúdo poético que faz prever alguma coisa de significativo na sua obra. Se tivéssemos que dar um conselho, advertiríamos Lacyr Schettino contra a prolixidade e a produção em quantidade: administre sua poesia, seja econômico e exigente com ela, louve-se no exemplo de nossos grandes poetas modernos, os mais econômicos de nossa história literária — como Drumond, Murilo Mendes, Bandeira, Vinicius e outros. Há algumas páginas neste livro que não lhe fariam falta. E há também alguns antigos cacoetes e lembranças de falsa poesia que Schettino precisa policiar, em benefício da melhor expressão de sua poética, tão simpática, apesar das incertezas e das sentimentalices que a empobrecem às vezes.



★

FIM DE JORNADA

Êste livro de versos de Judith de Oliveira Ribeiro (Gráfica Santo Antônio, São Paulo), chega-nos às mãos muito atrasado, pois foi publicado em 1948. Trata-se de uma coleção de poemas de lirismo apaixonado e exuberante, páginas cívicas, trechos panteístas, versos e versos falando de Chopin, Beethoven, d'Artagnan, Miguel Angelo, Ricardo Coração de Leão e outras pessoas, explodindo em imagens e rimas. Há também uma peça para Teatro de Fantoches e alguns poemas em francês, espanhol e italiano. E há muito amor — como acontece na poesia em geral e na poesia feminina em particular. Mas êste é o "Fim de Jornada" da poetisa — ora, bem.

EUGENIO D'ORS GLORIFICA O SECULO XVIII

Em uma conferência que produziu recentemente na Espanha, o crítico e pensador Eugênio d'Ors fêz o elogio do século XVIII — considerando-o mais civilizado do que o nosso.

Intitulando seu estudo — "Confissão de um foilho de outro século", d'Ors recordou a obra célebre de Musset e fêz uma confissão íntima sôbre a vida de um pensador.

★

PUBLICAÇÕES

Temos recebido: "Boletim do Serviço Francês de Informações", "British Book News"; "Índice Cultural Espanhol"; o opúsculo "Conferência de Araxá", do sr. João Daudt d'Oliveira; a "Resenha Analítica de Livros e Documentos do Arquivo Geral da Prefeitura", elaborada pelo historiador Noronha Santos; "Bando", revista de Natal, Rio Grande do Norte.

★

DE LUIZ OYARZUN

(POETA LAUREADO DO CHILE)

"Amo-te, quando os rios te buscam em uma alvorada de sonho. Respondes com tua ausência, no rocio que treme, nos seus pequenos olhos despertos.

O mar é a verdade pe tua sombra, teus gestos que choram retornando.

Rebelde sob os gemidos que te circundam, és formosa quando partes. Bela, sem alegria. Roubada por um alheamento total, submergida.

Bebes, assim, os passos do crepúsculo. O mar com sua folha única e transparente, estas fundidas janelas e estas tôrres que o tempo de tua presença enchera de palpitações.

Oh! a alada espiral de cantos em tuas mãos submarinas. E, aonde vais, tu levas a paixão do branco".

★

EDIÇÃO CRITICA DAS OBRAS DE CERVANTES

Foi concluída a edição crítica da obra de Cervantes, realizada na Espanha, organizada a propósito do IV Centenário do nascimento de Don Miguel, dirigida por Francisco Rodrigues Marin. Essa edição se fechou com a tiragem de "D. Quixote", em que se reuniram mais de mil notas novas, os dezesseis últimos apêndices e copiosos índices de autores citados nas notas, além de outras informações.

DUMAS INÉDITO

LEMOS num comunicado datado de Paris, que foi descoberto, por acaso, entre os velhos papéis de um colecionador, esta preciosidade literária: um romance inédito de Alexandre Dumas. De acôrdo com as informações, os leitores de "Os Três Mosqueteiros" e de "O Conde de Monte Cristo" poderão conhecer em breve, outra história imaginosa do imortal folhetinista, que seria, até aqui, desconhecida. Sabe-se mesmo o nome do romance: "A Esfinge Vermelha". E o seu assunto, isto é, as intrigas do Cardeal de Richelieu. Não queremos resfriar o entusiasmo dos devoradores de folhetins, dos fiéis devotos de José Balsamo e Edmundo Dantés. Entretanto, devemos opôr algumas reservas ao achado do inédito de Dumas. São conhecidos os recursos dos embusteiros, que, de quando em quando, descobrem, entre velhos alfarrábios insuspeitos, obras dos grandes escritores desaparecidos.



ALEXANDRE DUMAS
(Litografia por A. Devéria).

No caso de "A Esfinge Vermelha" temos que redobrar de reservas. E' que êsse "romance inédito" de Dumas parece que não é muito inédito assim: teria sido publicado — segundo revelam os investigadores do caso, entre êles o crítico André Lange — sob o título: "O Conde de Moret ou Richelieu e seus Rivais", obra existente, no seu único exemplar, no Museu Britânico, e a edição fôra feita em Filadélfia, por volta de 1868. Comparados os textos, verificou-se que são "quase iguais, porém diferentes em detalhes" — o que estabelece certa confusão a respeito do ineditismo da obra.

Mas, não é só. Apurou-se mais que "O Conde de Moret" havia sido publicado em Buenos Aires, recentemente, no ano de 1936. Nessa edição sul-americana o editor afirmou tratar-se de uma "obra inédita de Dumas, jamais publicada em França". Por que motivo o romance de Dumas teria sido editado no América — em Filadélfia e Buenos Aires — eis o que tem intrigado os alfarrabistas. Ao que parece, o manuscrito do romance teria sido oferecido pelo escritor a uma sua admiradora americana, que regressara aos Estados Unidos, mais ou menos à data da edição verificada no exemplar do livro depositado no Museu Britânico. Isto faz crer que Dumas reescrevera o romance, pois não apenas a obra editada difere um pouco do manuscrito recem-descoberto, como também pelo fato de ter sido achada "A Esfinge Vermelha" entre os papéis de uma ex-princesa russa, que se encontrava em Paris em 1917. Por certo, o velho mestre dos romances com "continua" presenteara, depois da amiga americana, alguma amiga russa, dando a esta a segunda versão de sua obra sôbre a façanhas do Cardeal Richelieu. De qualquer forma, por certo, o novo livro de Dumas, inédito ou semi-inédito, será recebido com prazer, lido com sofreguidão e muito aplaudido no cinema — pois os direitos de filmagem da "Esfinge Vermelha" já foram vendidos a uma firma americana, conforme era de prever.

A VERDADE SÔBRE A HISTÓRIA DO ANO SANTO, DA PORTA SANTA E DAS CERIMÔNIAS DA LITURGIA CATÓLICA QUE ESTÃO SE REALIZANDO EM ROMA

INTERESSANTE E OPORTUNA ENTREVISTA COM O PADRE E DEPUTADO MEDEIROS NETO

Texto de ARMANDO PACHECO

ESTAMOS no comêço do Ano Santo. Roma, a Cidade Eterna, está em festa, cheia de peregrinos, de gente cristã de todos os cantos da terra, de todos os caminhos do mundo. Pela terceira vez em nosso século foi aberta a Porta Santa, sendo a primeira logo no dealbar de 1900, a segunda em 1925, e a terceira agora, dias atrás, neste nosso pleno de esperanças e recém-iniciado 1950. Trata-se de uma das mais belas cerimônias litúrgicas e os leitores que desconhecem a história ou origem do Ano Santo e Porta Santa vão conhecê-la aqui nas páginas da REVISTA DA SEMANA pela palavra autorizada de um dos mais cultos, intrépidos e ilustres sacerdotes da igreja católica, o padre e deputado Medeiros Neto, representante do PSD de Alagoas na Câmara Federal. Ninguém melhor para falar sôbre tão belo e palpitante assunto. O padre Luis Medeiros Neto já esteve em Roma, já foi secretário de Educação de seu Estado, já foi professor e jornalista, é um erudito escritor e historiador e soma tudo isso a uma grande bondade, a uma extraordinária capacidade de tolerância, a uma respeitável fôrça moral, virtudes que o tornam querido de todos os que se lhe acercam. E' um autêntico soldado de Cristo e pela sua simplicidade e simpatia faz crescer dia a dia seu círculo de amizades bem como seu eleitorado. Homem de bem, o padre Medeiros Neto nada possui daqueles sectaristas de sua religião que inventaram a inquisição e que intolerantes-intoleráveis afastaram milhares de almas da verdadeira doutrina do Filho do Homem. Êsse é o reverendo e deputado que sustentou heròicamente tremenda luta contra as fôrças do mal desencadeadas nas Alagoas pelo governador Silvestre Péricles de Góis Monteiro. Num intervalo de suas atividades eclesiásticas e parlamentares, o padre Medeiros Neto que, se Deus quiser, o povo alagoano elegerá novamente, assim conta a história do Ano Santo e da Porta Santa para os nossos leitores.

O ANO SANTO

E começa o padre Luis Medeiros Neto falando ao repórter:

— O Santo Padre Pio XII, chefe visível da Igreja, para celebrar as bodas de ouro do seu sacerdócio, coincidentes com o transcurso da primeira metade do século XX, proclamou 1950 o vigésimo-quarto Ano Santo, com prerrogativas e privilégios espirituais de Ano Jubilar.

Leão XIII, o famoso autor da Carta do Trabalho, sobejamente conhecida pelas iniciais do "Rerun Novarum", celebrou a entrada do século da luz com a proclamação do jubileu do vigésimo-segundo Ano Santo. A ambos êsses pontífices romanos, em observância do ritual litúrgico, coube a honra da abertura da Porta Santa, em hora aguda da história e da vida da humanidade. Como por coincidência, êsses dois grandes Papas assistiram, respectivamente, em 1900 e em 1950, ao limiar de duas grandes idades, à abertura de dois magnos momentos da História. Viram êles que a humanidade do seu tempo, emocionada e aflita, parece sentir que passa sob a porta dos segredos de Confúcio, ou sob o delírio do Arco de Constantino. Abrem-se, diante de nós, as mesmas expectativas dos que, no passado, entraram pela porta do paraíso da Catedral de Florença, ou pela porta dos infantes da igreja de Lerida, ou pela porta do perdão da basílica de Granada, ou pelas portas da paz e da guerra do templo de Jano.

Há, neste ano de jubileu, a sensação de quem entra para novo mundo, nova idade, novo período, novo departamento, novo aspecto contrário ao espêlho da vida



O Papa Pio XII, com o martelo de ouro e marfim, bate três vezes na Porta Santa da Basílica de S. Pedro e pronuncia as palavras do ritual, cuja tradição data de 1300



S. Santidade o Papa Pio XII, conduzido em sua "Sedia Gestatoria", dirige-se aos fiéis que acorrem a Roma para lhes dar a bênção apostólica com acento paternal

rotineira do passado. Desta comoção participa a Igreja, ela, que jamais se omitiu de partilhar das lágrimas e das alegrias da humanidade. Não poderia melhor a Igreja estar presente a esta hora de transição do século e de alteração no curso da história, do que exprimindo a sua participação neste drama de consciências e almas, com bênçãos de paz, com efusões de graças e brados de alerta. Nisto está a composição dos motivos criadores do Ano Santo. A Igreja, procurando viver o sentido do seu passado memorável, subindo às inspirações do Pentateuco, abeirando-se das suas tradições mais legítimas, sàbiamente, intercala o Ano Santo de 1950 para significar o seu apoio ao prestígio rejuvenecedor de uma época, cujo principal protagonista está sendo, sem favor, êste Papa, que quer fechar o ciclo das guerras universais. Condenando o emprêgo da bomba atômica ou de hidrogênio, lamentando a solução da paz pela guerra, provando a possibilidade da existência de novo estilo de vida, exigindo a necessidade da reforma social, Pio XII abre a Porta Santa para o ingresso de uma humanidade melhor, mais feliz, mais digna de si mesma, inspirada nos preceitos e postulados sociais de Leão XIII.



O padre Luís Medeiros Neto, deputado federal pelo Estado de Alagoas, é um sacerdote ilustre, já tendo ocupado cargos de relêvo em sua terra natal. A êle devemos a reportagem desta página sôbre as origens do Ano Santo, instituído pelo Papa Bonifácio VIII

A PORTA SANTA

Continuando sua entrevista disse ainda o reverendíssimo parlamentar patrício:

— A história da abertura da Porta Santa se prende ao século XIV, ao pontificado do Papa Bonifácio VIII, de imortal memória. Desejando êste Pontífice celebrar, com pompas litúrgicas e concessão de indulgências, a entrada do ano 1300, resolveu decretar o primeiro Ano Santo. Para simbolizar o ingresso neste ano jubilar, concebeu, como motivo litúrgico e histórico desta efeméride, a abertura da porta lateral (esquerda) da basílica de S. João de Latrão, catedral de Roma. Como lembrança dêste Ano Jubilar, ainda hoje, existe nesta basílica romana, afixado a um pilar da nave principal, um quadro atribuído a Giotto, no qual se vê a figura do Papa Bonifácio VIII anunciando o jubileu do ano 1300. Atualmente, a cerimônia magna da abertura da Porta Santa, para ingresso no Ano Jubilar, é celebrada na basílica de S. Pedro, a maior igreja do mundo, inaugurada aos 18 de novembro de 1626 pelo Papa Urbano VIII. Neste majestoso templo, em que trabalharam Bramante, Rafael, Miguel Angelo, Maderno, Bernini e, sem dúvida, Pollaiuolo, Giotto, Melozzo de Forli, Julio Romano, Muziano, Donatelo, Penni, Guillermo della Porta, Guido Reni, Canova, Pietro de Cortona Tenezani e Algardi, há, na majestade arquitetônica de seu frontispício, cinco portas. A última destas (à direita) é a Porta Santa, que sòmente se abre nos anos de Jubileu, conservando-se murada, logo após as festas do Ano Santo. O cônego J. Wagner, autor de palpitante dicionário, descrevendo as solenidades do início do Ano Santo, diz o seguinte: "A abertura do ano jubilar faz-se em Roma na vigília do Natal. Chegado êsse dia, o Soberano Pontífice vai, processionalmente, com grande pompa, da capela de seu palácio à basílica de S. Pedro, cujas portas permanecem fechadas. Uma delas, intitulada Porta Santa, encontra-se murada. O Papa se dirige para essa porta e, por três vêzes, percute com um martelo de prata, pronunciando: "Aperite mihi portas justitiae!". Logo a seguir, desmorona-se a alvenaria, que emparedava a porta, e o cortejo penetra no recinto sagrado ao canto do **Te-Deum.**

Três cardeais legados realizam análoga cerimônia nas igrejas de S. João de Latrão de S. Paulo e de Santa Maria Maior. Enfim, no dia seguinte, festa do Natal, o Papa dá a bênção do jubileu e, depois de um ano, é novamente murada a Porta Santa para reabrir-se tão sòmente no retôrno do Jubileu."

A PORTA PIA

E concluindo sua interessante e oportuna entrevista, assim falou o padre-mestre deputado pela terra dos marechais e do general Pedro Aurélio de Góis Monteiro:

— Roma, a cidade das dez colinas, eterna metrópole dos césares e dos papas, é a confluência de vias e portas que têm o sabor de uma civilização própria. Na relação de suas portas de acesso, prêsas às suas muralhas, está a muito celebrada Porta Pia, cujo nome faz recordar o seu papel primitivo de entrada dos peregrinos, que vinham a Roma, em visita aos chefes da Cristandade.

E adverte o padre Medeiros Neto:

— Cumpre, para evitar equívocos, esclarecer que a tradição da existência da Porta Santa se distingue desta que se formou, històricamente, em tôrno da chamada Porta Pia. A Porta Santa tem apenas o sentido litúrgico, o simbolismo do cerimonial da Igreja, como pórtico de triunfo para comêço das festas jubilares dos Anos Santos. A Porta Pia, construída por Miguel Angelo, em 1561, em colaboração com Vignola, nas muralhas de Roma, é célebre porque serviu de brecha para a entrada das tropas italianas em 1870, por ocasião do movimento de usurpação dos Estados Pontifícios, presididos por Pio IX. A Porta Sagrada, no seu significado religioso, exprime a entrada das almas para a comunhão espiritual das graças jubilares do Ano Santo. A Porta Pia, no seu imperativo humano, lembra a entrada das armas italianas para a união material da península com o destino temporal e terreno do império de Victor Emanuel II. O que nós esperamos neste momento histórico é que a abertura da Pôrta Santa signifique o ingresso da humanidade para um mundo melhor, onde as concepções filosóficas e políticas encontrem o denominador comum no primado do espírito. O desejo de Pio XII, neste Ano Santo, é que se abram as portas da justiça, porque esta é a hora da consciência cristã.

O BENEMERITO



Em criança fôra um menino prodígio! Aos 17 anos, recebia o título de doutor em ciências físicas e matemáticas. Aos 25, conseguiu o que se esperava dele, a grande descoberta!

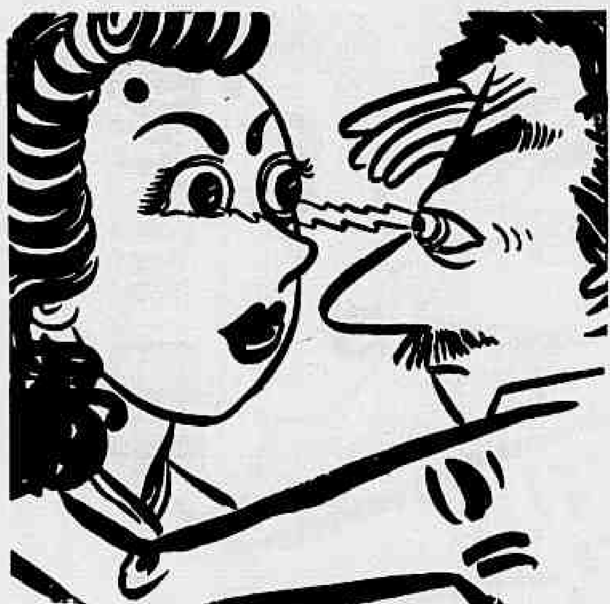


Recebeu do Govêrno uma medalha e o título de benemérito pela descoberta de uma bomba cem mil vezes mais poderosa que a bomba de hidrogênio e logo depois comprovou no espaço a fôrça do seu invento...



TUDO ISTO ACONTECEU

PREDIZ O FUTURO



ATÉ hoje não há nada, seja em ciência, seja em sortilégios, que possa determinar com segurança matemática, o sexo da criança a nascer. Tudo não tem passado de simples palpite. Como só há dois, não é difícil acertar. Um para um. Mas o acêrto é coisa exclusiva do acaso. Não há um sistema, um meio científico para garantir essa previsão.

Entretanto, segundo rezam telegramas da Alemanha para os Estados Unidos, parece que essas dúvidas estão resolvidas. Qualquer pessoa interessada em saber qual o sexo de uma criança a nascer, é sòmente ir à presença do dr. Wilhelm Witzel, médico em Wiesbaden, e tudo será esclarecido com a mais absoluta certeza. Qual o método dêsse ginecologista? O exame dos olhos da mulher que vai ser mãe. Êsse exame é feito em três ou quatro minutos.

Nos Estados Unidos o assunto despertou a maior curiosidade, e o interêsse dos casais se mobilizou bastante. Imediatamente tilintaram os telefones dos Estados Unidos para a Alemanha pedindo esclarecimentos. Tôdas as clínicas especializadas ficaram na expectativa. Trata-se de um caso da maior importância e que, se verdadeiro, merece a maior divulgação e aplicação em todo o mundo. Muitas vêzes brigam os casais brigam os avós, brigam os padrinhos por causa de nomes de crianças ainda por nascer. Ora, sabendo-se o sexo, essas discussões ficarão reduzidas à metade...

O dr. Witzel comunicou-se com o dr. C. B. Welton, de Chicago, e o convidou a ir à Alemanha, para inteirar-se do processo infalível. Mas, segundo informam, persiste o pessimismo.

FUGIU DA CORTINA E CAIU NA RÊDE

MUITA gente pensa que o Brasil, por ser conhecido como terra de hospitalidade, de gente sem preconceitos de raça e côr, deve receber estrangeiros sem que os submeta aos necessários exames de saúde, polícia e aduana. Mas não é assim. Todos os que desejam colaborar conosco, trazendo seus haveres, seus recursos, sua inteligência, sua técnica, seus desígnios honestos e pacíficos, terão nesta terra uma segunda pátria, amável e dadivosa. Entretanto não foi assim que pensou o sr. Jura Jobin, ex-comerciante na Tchecoslováquia e que de lá fugiu.

Em primeiro lugar procurou a Hungria, seguindo depois para a França e, logo após, tomou navio rumando para as águas da Guanabara. Queria êle fixar-se no Brasil e aqui ganhar sua vida com a necessária liberdade de comprar, vender, arranjar-se como lhe fôsse possível. Com êle veio a família, constituída de espôsa e uma criança de colo. Como era de certa fortuna, trouxe também seu automóvel. Além disso, muitos volumes, valises e malas atopetados de coisas das mais diversas utilidades. Conforme exigências da Alfândega, os volumes tiveram que ser vistoriados. O sr. Jura não teve dúvidas: entregou as chaves e os inspetores começaram a examinar tudo. Com surprêsa encontraram grande quantidade de mercadoria para armarinho e bazar: 6.250 colares de vidro, 2.997 broches, 2.174 brincos, 1.224 pulseiras, 504 anéis, 60 clipes etc. Cadê, sr. Jura Jobin, a licença prévia? Não tinha. Então a mercadoria terá que ser apreendida. E' contrabando. O sr. Jobin jura que não é contrabandista. O caso está em juízo, enquanto o homem que fugiu da cortina de ferro cai nas malhas da lei...

A MORTE DE FLORISBELA



QUEM é Florisbela? O leitor deve estar lembrado daquela mulher baixa e gorducha cujo nome andou nos jornais, revistas e estações de rádio, quando se viu, de um momento para outro, com duzentos mil cruzeiros ganhos, sem querer, na Loteria Federal.

O episódio ocupou, durante meses, a atenção pública, não apenas pelo fato nada anormal de uma pessoa tirar prêmios em loterias, mas simplesmente porque o caso de Florisbela se revestiu de circunstâncias sensacionais. Florisbela, momentos antes da extração da Loteria Federal da qual vendia bilhetes com as filhas, foi prêsa por motivos de natureza secundária. Levando consigo os bilhetes encalhados soube no distrito que um dêles estava com **a sorte.**

Como era natural sentiu enorme alegria. Foi felicitada, recebeu abraços e até programas de negócios com os quais devia associar-se para multiplicar aquelas duas centenas de contos de réis que o destino lhe jogara na bolsa de um momento para outro.

Mas, por estranho que pareça, começara aí o mais amargo dos caminhos da bilheteira. Florisbela não pôde entrar na posse das pelegas. Houve quem contestasse o seu direito e o caso foi bater às portas da Justiça, tornando-se um dos mais rumorosos do fôro do Rio. Nem é bom dizer o que foram os dois anos de litígio. A bilheteira não conseguia dormir, não descansava, não tinha tranqüilidade de espírito. Dois anos depois a sentença lhe era favorável; mas Florisbela não recebeu quase nada. A sorte foi dividida com outros. No dia 24 de fevereiro p.p., Florisbela foi vítima de queimaduras com a explosão de um fogareiro a álcool. Internada em estado grave, morreu na madrugada de domingo, 26 de fevereiro, às 3,10 horas...

Tirando a sorte, não teve mais sorte...



SOBROU NO CARNAVAL

A princípio os mascarados vestiam trajes do sexo oposto por brincadeira. Sem maldade. Sem nenhuma intenção. Era engraçado ver um cavalheiro metido nas roupas farfalhantes de uma respeitável matrona — mas o cidadão timbrava em levar para o exagêro a indumentária, dando-lhe traços vivos de caricatura. Aos poucos a coisa foi degenerando, assumindo proporções calamitosas até o que foi visto êste ano: verdadeiro desfile de "ilustres personagens" que só dificilmente eram identificadas, quanto ao sexo, e assim mesmo correndo riscos de sérias confusões. Claro que o exagêro precisa ser coibido e a ninguém cabe tomar essa providência senão às autoridades policiais. Bom será que isso aconteça nos carnavais vindouros, para evitar situações vexatórias iguais a uma que assistimos na Sorveteria Americana, segunda-feira de Caarnaval, quando um "travesti" ultra-duvidoso, num rasgo de audácia e atrevimento — que ninguém soube impedir — em dado momento, para mais se exibir, solenemente levantou-se da sua cadeira e entrou no "toilette" destinado às senhoras. Lá dentro, as que porventura se encontravam, devem ter enfrentado uma triste emergência, com o súbito aparecimento dêsse infeliz. Senhores da Polícia, vamos acabar com tão deprimente espetáculo? Isso que as gravuras mostram sobrou — e muito — no último Carnaval.





CIUME DOS CABELOS

BERTUR H. Verkay, cidadão residente em Fenix, Arizona, Estados Unidos da América do Norte, apesar de já se haver casado seis vêzes, ainda não se habituou a encarar com filosofia e tolerância os caprichos femininos.

Além de tudo, êle é ciumentíssimo. Dizem os estudiosos que o ciúme não passa de uma das mais lamentáveis psicoses. E o pior é que os que sofrem da mesma psicose, nunca se lembram de procurar as clínicas psiquiátricas.

Seja como fôr Bertur vai agora prestar contas, não a médicos, mas à justiça de seu país. O caso é o seguinte: ainda em plena lua de mel, Dorothy, sua sexta espôsa, viu-se tosqueada por êle como se fôsse uma ovelha. Além do mais, o espôso ciumento fêz com ela muito pior do que se faz com as ovelhas, pois, além da máquina tosquiadora, usou ainda de navalha para despojá-la da cabeleira.

Ora, justamente a cabeleira era o justo orgulho da jovem Dorothy. Levada para o hospital em consequência do traumatismo moral que lhe causou o marido com essa operação capilar, a pobre moça não fala noutra coisa que não na perda imensa que sofreu. A perda imensa vem a ser os seus lindos cabelos.

Interrogado o marido por que motivo fizera aquilo, respondeu imperturbàvelmente: "Com isso quis apenas evitar que ela andasse a se pavonear com a cabeleira. E não estou arrependido". E terminou com esta confissão surpreendente: "Além de tudo, as tranças lhe davam muita fôrça".

Temos aí, leitor amigo, o inverso daquela história de Sansão. Era êste que tinha tôda a sua fôrça nos cabelos. Agora se invertem os papéis. Sansão é uma mulher, e Dalila é o sr. Bertur H. Verkay!



MILAGRES

NUM dos nossos subúrbios, duas senhoras — mãe e filha — vindas do Recife, instalaram seus consultórios de curar os enfermos apenas com os recursos da Fé. Água e Fé.

Como o número dos aleijados, cegos, paralíticos tuberculosos é imenso e se eleva a milhares em cidades populosas como êste Rio de Janeiro, a casa em que se hospedaram as duas senhoras caridosas passou a ser procurada com a mesma intensidade com que se ia a Urucânia pedir saúde ao Padre Pinto.

Que faziam as duas pernambucanas em Bonsucesso, subúrbio da Leopoldina? Apenas isto: forneciam água e pediam aos doentes que a bebessem com fé em Deus. Seja por sugestão ou pelo atributo da água, o certo é que muita gente se julgava curada de seus males, muitos dêles de caráter crônico. Mas a polícia não gosta de permitir êsses trabalhos milagrosos, e as duas emissárias do desconhecido foram detidas. Os crentes ficaram desolados. Quanta esperança perdida! Mas isso não se passa apenas aqui. Vejam o que está sucedendo na Alemanha. Em Thurn, perto de Nuremberg, um senhor chamado Bruno Groening estava curando aleijados, paralíticos, cegos, surdos, só pelo poder de cura sôbre todos os que nêle acreditavam. Groening é um cidadão magro, cabelos negros, olhos encovados, e foi refugiado alemão de Dantzig. A êsse tempo apareceu em Thurn uma visão se dizendo Nossa Senhora. Onze meninos a viram. Pediu a santa que se construísse ali uma capela. Os milagres de Bruno estão ligados a essa aparição e todo mundo procura o taumaturgo. Isto é, procurava, porque êle já está na cadeia...



AS LÁGRIMAS DE CHIANG

NÃO é muito fácil ver-se uma cena como esta: um generalíssimo, chefe de exércitos e de armadas, a chorar diante da derrota. Pois foi isto que sucedeu com Chianga-Kai-Chek, conforme atesta o clichê que ilustra êste tópico e extraído de um dos nossos diários. Dizia um general da antigüidade, antes de inventar-se a pólvora, que não havia fortaleza que não se rendesse diante de um burro carregado de ouro. Naquele tempo, quando a diplomacia era coisa desconhecida e a espionagem não existia, o ouro valia muito, dominava os espíritos, derrubava impérios e vencia praças de guerra. Com a evolução do mundo e de sua humanidade brigona, o ouro não pôde manter seu prestígio, especialmente depois que países potentados e poderosos como a Inglaterra acabaram com o seu padrão. Agora, o que vale é a fôrça das armas aliada ao espírito de resistência do povo. Chiang-Kai-Chek governou a China com os seus quatrocentos e cinqüenta milhões de habitantes e sustentou três guerras desde 1927: a guerra contra a invasão nipônica, a luta civil e a grande guerra de 1939 a 1945, ainda contra os japonêses. Os Estados Unidos, não desejando que a China, grande aliado, fôsse derrotada pelo inimigo externo e pelo interno, muito fizeram pelo govêrno nacionalista. Segundo o próprio Departamento de Estado Norte-Americano, o total se elevou a biliões de dólares. Mme. Chiang-Kai-Chek muito lutou para salvar o espôso de um desastre; foi aos Estados Unidos, pediu, rogou, mas nada conseguiu. Diante da derrocada total, o generalíssimo chora com a sorte de seu país, mas também jurou continuar a luta, entrincheirado na ilha Formosa.

UM GRANDE PAI

DIZEM notícias da cidade de La Mesa, no Texas, Estados Unidos, que o operário espanhol de nome Edgard Masson Torres, apesar de seus 71 anos no costado, acaba de ver seu lar enriquecido com três pimpolhos de uma só vez. Mas, como nem todos os acontecimentos desta vida vêm sempre trazendo felicidade e alegrias, o herói de La Mesa está um tanto preocupado. Não pense o leitor que assim esteja êle porque Deus lhe deu, de uma só vez, três filhos; nada disso. Sua preocupação tem origem numa dificuldade verdadeiramente curiosa: que nomes escolherá para cada um dos garotinhos.

O leitor não compreenderá, à primeira vista, o motivo dessa apertura; mas, quando souber que êsse operário já tem 39 filhos e se achará, na certa, em embaraços muito sérios para lembrar-se dos nomes dêles todos e não repetir nos novos que vão chegando aos borbotões... Êsse sr. Torres é casado pela sexta vez, e só a atual mulher já lhe deu nada menos que dezessete!

Aí está uma notícia interessante. As dificuldades do grande e operoso pai não se refere à alimentação da imensa prole, nem blasfema êle contra as apertūras para educar todo êsse exército, vestir a filharada e dar-lhes destino conveniente quando cada um fôr atingindo a idade da emancipação. Residindo em La Mesa, parece que essa denominação lhe atenua um pouco os vexames de pai zeloso e protetor da família que deve consumir um bocado de alimentos; La Mesa, porém, estará sempre pronta a bem servi-los, de maneira que não haja falta de nutrição em tempo algum. Sem dúvida alguma La Mesa é farta, pois se não o fôsse, êsse trabalhador com 39 filhos não se preocuparia com os nomes, e sim com os legumes...

PAIXÃO DE LOURA

TODOS vivem a dizer que é sensacional a discriminação de raças nos Estados Unidos. Branco não se mistura com públicos, os pretos se colocam na sua área racial.

Pois fiquem sabendo que nem todos os norte-americanos são assim inimigos dos descendentes etiópicos. Há muita gente de pele de alabastro que se derrete pelos da côr oposta. Vejam o que acaba de verificar-se entre a advogada Ruth Weyand, uma lourinha celestial, e o sr. Leslie J. Perry, negro representante da Associação Nacional para o Progresso da Gente de Côr. Miss Weyand, que é funcionária do Conselho Nacional de Relações do Trabalho, ocupando ali um cargo de natureza jurídica apaixonou-se pelo negro Leslie, casado, conquistando-lhe inteiramente o coração. Mas a senhora do negro não achou nenhuma graça nesse romance de café com leite e entrou em juízo com uma ação de indenização contra a advogada. O montante da ação legal é de 50 mil dólares. Pormenorizando suas razões jurídicas, diz a autora que a advogada conseguiu realizar o seu intento cumulando Leslie de gentilezas e dando-lhe uma enxurrada de presentes, inclusive um automóvel. Indo além, a sra. Olive Perry assegura que Ruth tem um filho da sua ligação ilícita com o seu espôso. Dêste modo, embora já esteja divorciada, exige-lhe 50 mil dólares de indenização, sendo, em face da lei, 25 mil por alienação de afeições e 25 mil por conversação criminosa, isto é, conversa que conduz à prática do adultério... Se a espôsa negra ganhar a questão, será êste o caso de amor mais caro do mundo, num país de luta de raças. Mas a advogada deve dizer consigo mesma: "mais vale um gôsto do que cem mil réis"...



A FOME DOS LEÕES



J. W. EDMONSON é um rapaz de Birmingham, Inglaterra, e, como sucede com qualquer mortal, gosta de ver bichos selvagens nas respectivas jaulas ou encerrados em parques zoológicos. Faz poucos dias, o jovem Edmonson passou por enorme susto, fato que, de agora por diante, lhe diminui a ardente admiração pelas feras. Estava o moço em visita a um zoo particular, quando, numa jaula de belíssimos leões de juba e roncos impressionantes, percebeu que os animais ârocuravam arrastá-lo para o interior de uma das jaulas.

Aproximando-se perigosamente da "casa" dos leões, o jovem inexperiente se viu envolvido pelas garras da fera que conseguira passar uma das patas por entre as grades da jaula, cravando as unhas em uma das pernas da vítima.

Edmonson escapou graças a três amigos que o socorreram no momento exato em que um dos leões procurava dar-lhe aquêle horrível abraço de boas vindas...

Os amigos acudiram Edmonson, conseguindo retirá-lo a tempo, pois as feras já faziam uma operação estratégica de conjunto, como que antegozando as delícias de um almôço como desde anos não tinham. O rapaz foi conduzido ao hospital mais próximo, onde os médicos lhe aplicaram quarenta pontos na ferida que sangrava abundantemente. E não poderá andar tão cedo. Pelo menos uns três meses de cama, prejuízo e impaciência levará o nosso herói naquele hospital. Não é nada de mais, portanto, quando um cidadão se deixa fascinar pelas "sereias". Se até com os leões há disso...

HITLER APARECEU



DESDE que se deu a queda de Berlim, surgiram as mais variadas versões a respeito de Hitler. Uns diziam que êle havia fugido, minutos antes da destruição da Chancelaria pelo canhoneio, num avião em rota para a Espanha. Asseveravam outros que estaria na Argentina, para onde o tinham levado a bordo de um submarino. Houve mesmo quem dissesse que o líder nazista estava homisiado no Brasil, em certo lugarejo do Rio Grande do Sul.

Discute-se, ainda hoje, se morreu ou não. Pois agora foi descoberto o paradeiro de Hitler. Estava êle calmamente a viver em Giessen, na Alemanha.

Como não podia deixar de ser, foi prêso e levado à presença das autoridades norte-americanas de ocupação. Mas ali se verificou que Hitler estava com outro nome. Chamava-se agora Henrich Noll e se dava o vício da embriaguez.

Inofensivo, sem deitar daquelas falações arrasadoras do seu fastígio teutônico, êsse pobre Hitler etílico não fazia mal a um mosquito, quanto mais aos exércitos da Europa Ocidental.

Deixaram-no em paz. Entretanto o povo da cidade do Hesse não achou nenhuma graça na semelhança de Henrich e Hitler. Aquêle cabelo pela testa, em pastinha à moda de Veronica Lake, e o bigode pela metade, grosso ao centro, sob o nariz de batata, não inspiravam boas recordações aos habitantes de Giessen.

Liberto das autoridades de ocupação, Hitler voltou a beber nas tabernas e a ficar cheio. Então uns gaiatos lhe aplicaram uma limpeza em regra. Rasparam-lhe o bigode e apararam a pastinha hitlerista. Quando o sósia acordou, ficou profundamente triste, não pela perda de sua semelhança, mas porque, segundo esperava, talvez fôsse contratado para algum filme em Hollywood...



A direita, a jovem sueca Betty Bjorstroem, tendo ao colo sua filhinha. Em baixo o cinematografista italiano Renato Senise



RUIDOSO DIVO'RCIO

RENATO Senise, figura influente da indústria cinematográfica italiana é um amoroso um tanto exaltado, diz um telegrama de Paris para o vespertino "O Globo". Em 1944 êsse cinematografista italiano se encontrou com a jovem suéca Betty Bjurstroem, filha de um motorista de praça, mas muito ambiciosa e que andava louca por um contrato com algum produtor de filmes. Pois êsse momento lhe veio, justamente quando ela se submetia a testes para uma película. Betty, que possui alguns encantos bem patentes, não teve lá muita dificuldade para prender a atenção do industrial do cinema, Renato Senise. Foi mais além. Não sòmente foi aprovada nos testes, como conquistou o coração do pobre italiano.

Logo depois casaram. Surgiu um filho, que tomou o nome do pai. Embora se tendo tornado mãe, Betty não perdeu seus arroubos em relação às coisas mundanas mais próprias da mocidade. Instituindo-se o concurso de beleza para eleger-se Miss Suécia, eis Betty a viajar para Estocolmo, a fim de disputar o título, apesar de casada... E conseguiu eleger-se. Todo mundo viu que se tratava de golpe de audácia, pois que ela não era mais Miss e sim Mrs. ... O fato é que essa loura endiabrada exibiu sua faixa de vitória e foi referendado o triunfo. Em seguida houve outro concurso. Êsse na França, para disputar-se o título de Miss Europa. Desta vez a suéca não conseguiu embrulhar os juízes que a desclassificaram, pois que era casada, tinha um filho e usava certos artifícios. Betty seguiu então para a Inglaterra em companhia de um oficial da Marinha Britânica, Edward Chance. Quando voltou a Paris, foi ao apartamento do espôso e lá levou três tiros! Mas não morreu. E agora requereu divórcio; o espôso, porém, não o quer conceder, naturalmente para não dar "chance" ao Edward...

MATARAM O COLE'GIO

A indústria do ensino tem dado dinheiro a muita gente. Ensinar, hoje em dia, talvez não seja assunto de vocação e sim de interêsse monetário capaz de fazer um cidadão enriquecer em alguns anos; contudo ainda há estabelecimentos de ensino dirigidos e fundados por verdadeiros apóstolos da educação nacional. Um dêsses estabelecimentos era o velho e conhecido Ginásio Imaculada Conceição, da capital de Maceió. Educandário, com largos serviços à coletividade alagoana, o Ginásio ia-se mantendo na medida do possível, prestando assistência pedagógica a centenas de alunos de Maceió. Ùltimamente, o proprietário do imóvel em que funciona o educandário achou que o aluguel estava muito barato e que tinha de elevá-lo de qualquer jeito. Havia pessoas interessadas em alugar o prédio por muito melhor preço. Nesse caso, que os diretores do Ginásio resolvessem: ou aceitariam o novo aluguel, ou teriam que desocupar a casa... Maceió é cidade pobre. Os colégios de categoria são poucos. O Liceu Alagoano, que é ali o que aqui é o Pedro II, não póde corresponder às ansiedades da mocidade estudiosa em face de crise de institutos de ensino. Os demais estabelecimentos de cultura secundária estão com os seus quadros de matrícula absolutamente cheios, não havendo vagas para receber alunos de outras casas similares, em caso de naufrágio. Na impossibilidade de suportar o excessivo aumento do aluguel, teve o Ginásio Imaculada Conceição que fechar as portas e deixar na rua centenas de estudantes que não poderão prosseguir nos estudos êste ano, pelo simples fato de não haver vagas nos colégios de Maceió! Como é triste educar-se e ser educado neste país!

LUZ PROIBIDA



NÃO, não se trata de Luz del Fuego. A luz proibida de que vamos falar é outra, é a luz verdadeira, aquela de que não podemos prescindir especialmente se é noite. Pois essa luz foi proibida na cidade alagoana de Coruripe, uma cidadezinha à beira mar, zona de canaviais, de coqueiros da Bahia e de saborosos cajus no fim do ano.

E' também o local em que reinavam, nos primeiros séculos do descobrimento do Pindorama, os ferozes indios, que devoraram o bispo Fernandes Sardinha, o primeiro do Brasil, com sede na Bahia e em viagem para Portugal, a fim de pedir providências a D. João III contra o governador geral de então. Mas não é de antropófagos da praia do Peba que desejamos falar aqui e sim de um episódio curioso e anedótico que acaba de dar-se em Coruripe. Como sabemos, durante a última grande guerra, houve "black-out" em todo o nosso litoral. As cidades deviam manter-se às escuras, as casas deviam evitar résteas de luz exterior, os navios andavam com as luzes apagadas, os carros sem faróis. Era uma questão de precaução de natureza militar para a proteção do país cercado de perigos, de quintas-colunas, e com os mares do norte infestados de submarinos do Eixo. Coruripe, cidade litorânea, também sofreu as restrições da lei. Ninguém podia andar de lâmpada elétrica fora de casa. Mas isso passou desde 1945. Assim, porém, não pensa o delegado de polícia daquela cidade. Estando Coruripe sem serviço de luz pública, os seus habitantes precisam de iluminação pessoal para poder andar nas ruas. E os que podem, muniram-se de lâmpadas elétricas. Mas o delegado apreendeu tôdas as que havia na cidade, usando de atribuições de leis do tempo da guerra...

A FESTA DA UVA EM CAXIAS DO SUL

Comemorando o 75.º aniversário de sua existência, desde a chegada dos primeiros colonizadores italianos ao então denominado "Campo dos Bugres", realizam-se em Caxias, desde os últimos dias de fevereiro, com excepcional imponência as solenidades da Festa da Uva. De par com outras festividades, ali teve lugar um notável desfile alegórico, do qual participaram cinquenta majestosos carros alusivos ao magno acontecimento, desfile que assumiu proporções de extraordinário relêvo. A fim de oferecer aos seus leitores amplo serviço informativo, a REVISTA DA SEMANA enviou a Caxias uma caravana de redatores e fotógrafos, recolhendo farto material documentário cuja publicação será feita em nosso próximo número, e podemos desde agora garantir que os festejos típicos-regionais da Metrópole do Vinho irão fixar-se para os anais vindouros, nas páginas desta revista. Damos, ao alto, um flagrante do carro que abria o cortejo, puxado por uma junta de bois, enquanto os demais, que vinham a seguir, eram impelidos pela fôrça dos tratores de campo, num atestado da evolução e do progresso que nestes setenta e cinco anos se registraram naquela ubérrima e fértil região dos Pampas. Nesse carro exibiam-se alguns pioneiros da fundação de Caxias, velhos imigrantes e colonos italianos que ainda hoje ali residem, precedidos de um casal de seus descendentes, êstes genuinamente brasileiros. Evocações sugestivas e históricas de Caxias do Sul iam se desdobrando nos carros seguintes, onde também desfilaram a Rainha da Uva e sua côrte de princesas, eleitas depois de renhido prélio ao qual concorreram jovens gaúchas de todos os municípios vinhateiros. Usos e costumes do grande Estado sulino prevaleciam nesse cortejo, ao qual assistiram para mais de cem mil visitantes que se misturavam com os habitantes caxienses. Os pioneiros desbravadores daquelas paragens, que nelas plantando uma nova civilização, ao ritmo crescente do trabalho, souberam legar aos descendentes o mesmo princípio de luta e de sacrifício, levando para a frente o nome da grande terra no concêrto edificante das realizações, encontraram quem lhes tributasse a mais justa homenagem nessas festividades que se estenderão ainda por todo o mês de março. Aguarde o leitor, no próximo número, essa completa e farta reportagem sôbre as festas da vindima nas planícies do Rio Grande do Sul, feita sem poupar sacrifícios.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

O Partido do Jabotí (Carlos Duarte) 8/12
O Frêvo no Carnaval 13
O desfile dos Ranchos 14
Desfile das Repartições Públicas 15/16
Baile infantil do Ginástico 17
Baile infantil do Municipal 18/19
Baile infantil do Flamengo 20
Fídias a serviço de Mercurio (Sabino Canalini) 24/31
A verdade sôbre o Ano Santo (Armando Pacheco) 52/53

LITERATURA

Miss Bá (Edmundo Lys) 3
Aspiração de um humilde (Maria C. P. da Gama) 22/23
O ladrão de cartas (Eugenio Morato) 34
Semana Literária (Edmundo Lys). 50/51

HUMORISMO

Figurinha difícil (Nicodemus) . 21
Bom Humor 32/33
O Benemérito (Theo) 54

FEMININAS

Feminilidade (Lyse) — Para reduzir o abdomen 35
Vestidos de algodão 36
Modelos 37
Sugestões para mocinhas 38
De Hollywood 39
Em dia com a beleza 40
Cabelos curtos 41
Week-End na Cozinha 42/43

CINEMA

A dança do coice 4/5

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista — Personagem da Semana 6
Puxe pelo cérebro 7
Música (Roberto Lyra Fº.) 45
A saúde do bebé (Dr. Saboia Ribeiro) 48
Tudo isto aconteceu 55/57

FOLHETIM

Idílio numa ilha deserta.

★

Fotos: Arnaldo Vieira
Indaiassú Leite
M. Magard
Arnaldo Vieira Filho
Geremia
Avulsas.

★

Ilustração: Armando Pacheco.

★

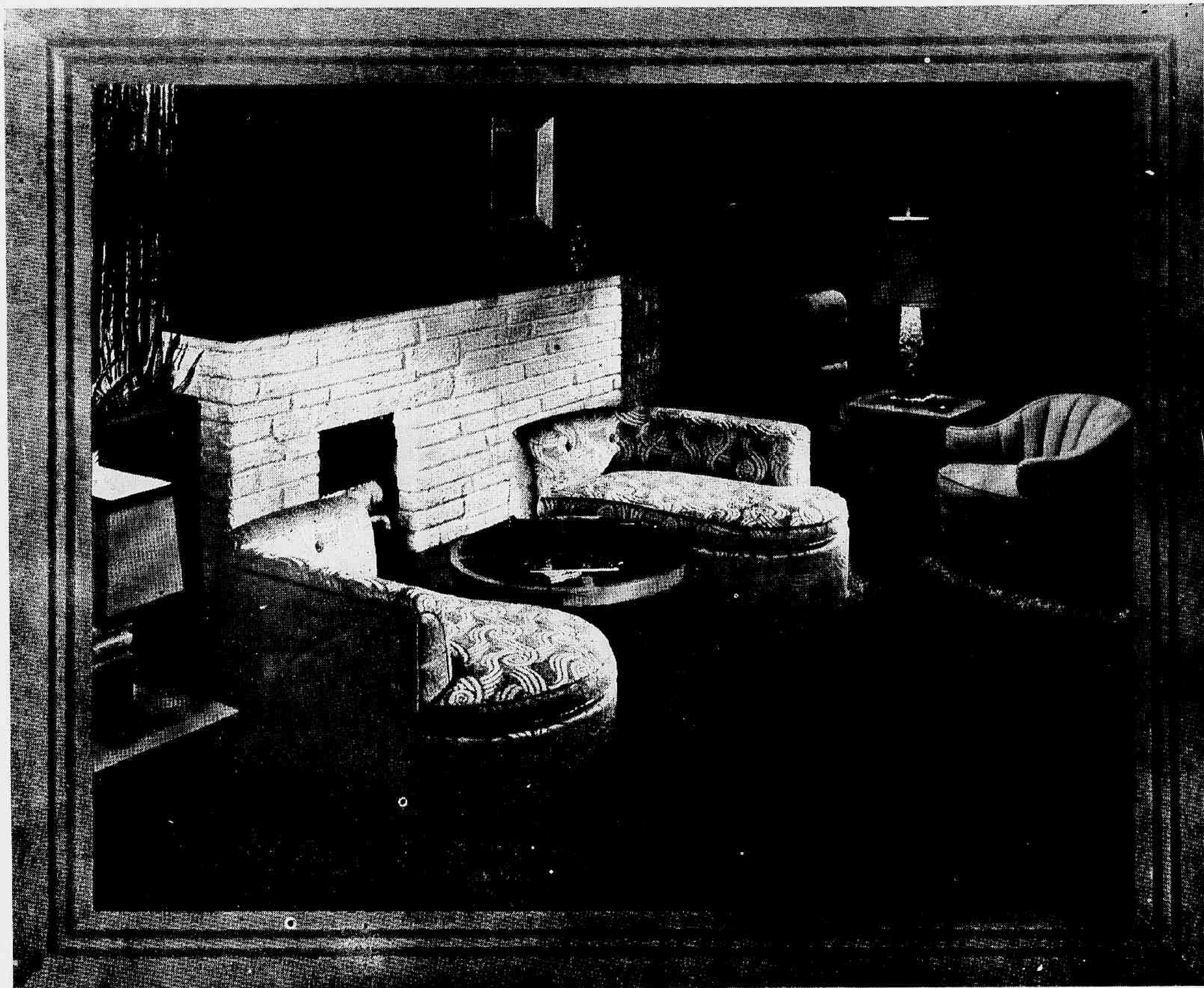
NA CAPA

Florence Marly
(Paramount)

Puxe pelo cérebro

Respostas

1 — Vinte e um dias.
2 — Três. (Ptolomeu, Copernico e Tycho-Brahe).
3 — 40 mil.
4 — Equador.
5 — Para as Indias.
6 — Contrabando de pau Brasil.
7 — 1.º de Janeiro de 1532.
8 — D. Pedro Fernandes Sardinha (1552).
9 — Duarte da Costa (1555).
10 — Estácio de Sá (1.º de Março de 1566).
11 — D. Luís de Vasconcellos.
12 — A morte de D. Sebastião (4 de Agôsto de 1578).
13 — O local das minas de prata.
14 — A tribo Aimoré.
15 — Ao suiço Merian.
16 — A grega.
17 — Escrita para cegos inventada por Braille.
18 — Luís Nicolau Fagundes Varela.
19 — Dez mil.
20 — Da Suécia.



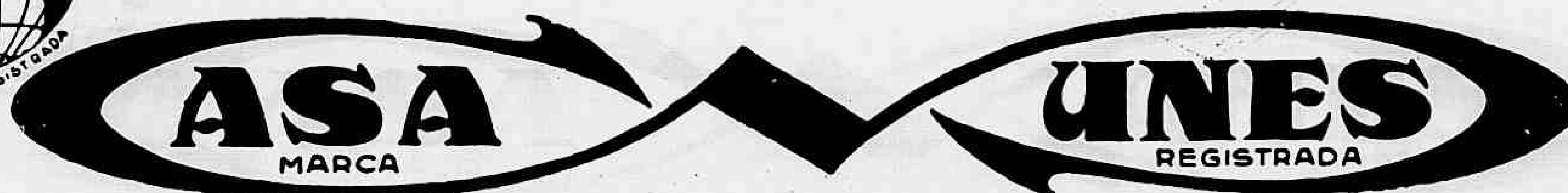
Novos desenhos e tipos de
TAPETES DE PELÚCIA e
TAPETES e PASSADEIRAS
com flores, recebidos da Inglaterra

Especialidade em GRUPOS e
MÓVEIS ESTOFADOS, de alta qualidade

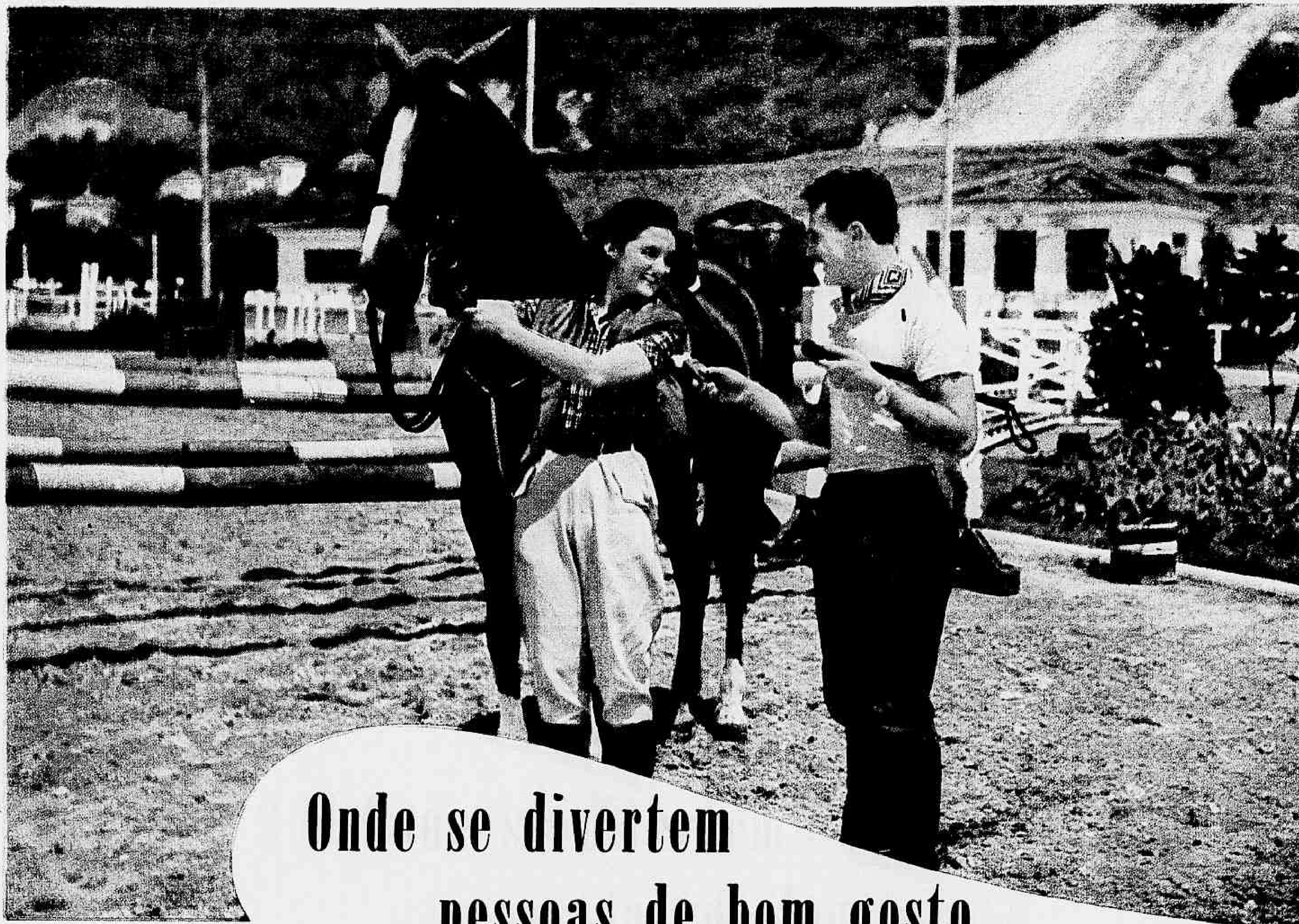
MOVEIS E DECORAÇÕES
Orçamentos sem compromisso, por técnicos-decoradores

Sortimento incomparável de
TAPETES E PASSADEIRAS
de tôdas as partes do mundo
fabricados especialmente para a





65 RUA DA CARIOCA 67 ★ RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

A Sociedade Hípica Brasileira, no Rio de Janeiro, é o ponto de reunião predileto dos amantes da equitação.

aí se encontram os cigarros Hollywood



Antes e depois da competição... cabe um Hollywood, o cigarro elegante por excelência. Hollywood torna ainda mais aprazíveis as horas de lazer. Fumos escolhidos e hàbilmente combinados fizeram de Hollywood o cigarro-tradição da sociedade brasileira. Seja, V. também, do grupo elegante dos que fumam Hollywood!

cigarros
Hollywood
uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**